

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA EM HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA  
EDUCAÇÃO**

**O ENSINO JESUÍTICO NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ ENTRE OS  
ANOS DE 1609 A 1632: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CARTAS  
ÂNUAS**

**JULIO CESAR DE PAULA RODRIGUES**

**MARINGÁ  
2017**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA EM HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO**

**O ENSINO JESUÍTICO NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ ENTRE OS ANOS DE  
1609 A 1632: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CARTAS ÂNUAS**

Dissertação apresentada por JULIO CESAR DE PAULA RODRIGUES, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador:

Prof. Dr. CÉLIO JUVENAL COSTA

MARINGÁ  
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

R696e Rodrigues, Julio Cesar de Paula  
O Ensino jesuítico na província do Guairá entre os anos 1609 a 1632 : uma análise a partir das cartas Anuas / Julio Cesar de Paula Rodrigues. -- Maringá, 2017.  
109 f. : il. figs.

Orientador: Prof. Dr. Célio Juvenal Costa.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

1. Educação - História - 1609-1632. 2. Reduções Jesuítas - Guairá - 1609-1632. 3. Evangelização no Guairá. 4. Civilização indígena - Catequização - Paraguai. I. Costa, Célio Juvenal, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 21.ed. 370.98162

AMMA-003448

JULIO CESAR DE PAULA RODRIGUES

**O ENSINO JESUÍTICO NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ ENTRE OS ANOS DE  
1609 A 1632: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CARTAS ÂNUAS**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Célio Juvenal Costa (Orientador) – UEM

Prof. Dr. Luiz Antonio de Oliveira – UENP

Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota – UEM

Data de Aprovação

Maringá-PR, 25 de abril de 2017.

*DEDICO*

*À Rafaela Dalmarco Rodrigues, filha amada,  
sua presença me acalma, reflete a obra pura  
e perfeita do Criador.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, inteligência suprema, que mantém vivo em mim o desejo constante pela busca do conhecimento.

Ao meu orientador professor Dr. Célio Juvenal Costa pela paciência e compreensão na realização dessa dissertação.

Aos professores Dr. Sezinando Luiz Menezes e Dr. José Maria de Paiva pela participação na banca de qualificação, suas orientações enriqueceram essa pesquisa.

Aos professores Dr. Lúcio Tadeu Mota e Dr. Luiz Antonio de Oliveira, pelas considerações indispensáveis e presença honrosa na banca de defesa.

A minha esposa, amiga e companheira Isabela Dalmarco Rodrigues que segurou minha mão, me encorajou nos momentos difíceis.

Minha família, que na mais pura simplicidade, me ensinou por meio de muitas experiências e bons momentos.

Aos professores que fizeram parte da minha formação acadêmica e que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa pesquisa.

A todos os amigos do PPE e do Laboratório de Estudos do Império Português – LEIP, que tive a honra de conhecer durante essa etapa acadêmica. Foram poucos momentos juntos, mas esse trabalho tem a contribuição de cada um de vocês.

A Ordem dos Agostinianos Recoletos, que me despertou o gosto pelo estudo e a busca constante do conhecimento.

Ao Padre Sidney Fabril pela ajuda e confiança depositada, principal motivador e colaborador para o início dos estudos do mestrado.

Ao Colégio Santo Inácio, espaço de trabalho onde a convivência amistosa revelou um ambiente familiar.

*“Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos.”*

*Santo Agostinho*

RODRIGUES, Julio Cesar de Paula. **O ENSINO JESUÍTICO NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ ENTRE OS ANOS DE 1609 A 1632: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CARTAS ANUAS**. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. Célio Juvenal Costa. Maringá, 2017.

## RESUMO

Com a dificuldade encontrada pelos colonizadores em utilizar a mão de obra indígena, em 1588, foram enviados a Guairá, os primeiros padres jesuítas com o objetivo de evangelizar e educar os índios, dando à região um caráter missionário. Com isso, o objetivo deste trabalho foi analisar a forma como os jesuítas espanhóis chegaram e organizaram os trabalhos missionários nas reduções no Guairá no início do século XVII, mais especificamente entre 1609 e 1632, e responder à questão de como eles promoveram a evangelização e o ensino formal entre os índios, e a defesa que pretenderam fazer dos índios em relação aos bandeirantes paulistas. Como metodologia, foi utilizada a de análise do contexto histórico, com enfoque na ação dos jesuítas nas reduções do Guairá, buscando em bases documentais, relatos, cartas, mapas, depoimentos da época como fontes da pesquisa. As missões jesuíticas no Guairá representaram uma estratégia para trazer uma solução humana e cristã para os conflitos entre os colonos espanhóis e nativos. O método de ensino praticado pelos jesuítas, baseava-se na evangelização, na introdução dos costumes europeus e na organização político-social das reduções. Tal fato propiciou a civilização dos indígenas.

**Palavras-chave:** História da Educação; Reduções Jesuítas; Evangelização no Guairá; Civilização Indígena.

RODRIGUES, Julio Cesar de Paula. **THE JESUIT TEACHING IN THE PROVINCE OF GUAIRÁ BETWEEN THE YEARS FROM 1609 TO 1632: AN ANALYSIS FROM THE ANNUAL LETTERS**. 109 f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Prof. Dr. Célio Juvenal Costa. Maringá, 2017.

### **ABSTRACT**

With the difficulty encountered by the colonizers in using indigenous labor in 1588, they were sent to Guairá, the first Jesuit priests with the aim of evangelizing and educating the Indians, giving the region a missionary character. The aim of this work was to analyze the way the Spanish Jesuits arrived and organized the missionary work in the reductions in Guairá in the early seventeenth century, specifically between 1609 and 1632, and to answer the question of how they promoted evangelization and Formal education among the Indians, and the defense they intended to make of the Indians in relation to the Sao Paulo bandeirantes. As a methodology, the analysis of the historical context was used, focusing on the Jesuits' actions in the Guairá reductions, seeking in documentary analyzes, reports, letters, maps, testimonies of the time as sources of the research. The Jesuit missions in Guairá represented a strategy to bring a human and Christian solution to the conflicts between Spanish and native settlers. The method of teaching practiced by the Jesuits was based on evangelization, the introduction of European customs, and the socio-political organization of reductions. This fact favored the indigenous civilization.

**Key words:** History of Education; Jesuit Reductions; Indigenous Evangelization; in Guairá; Indigenous Civilization.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Representação da divisão de terras, onde hoje é o Brasil, entre portugueses e espanhóis, de 1494. Tratado de Tordesilhas ..... 34
- Figura 2** - Mapa da Província do Guairá no século XVII, com contorno das atuais limitações do estado do Paraná e localizações dos povoados espanhóis e reduções jesuíticas..... 85
- Figura 3** - Vista aérea da redução guaranítica de Santo Inácio Mini, segundo o quadro de Leonie Mathis ..... 88

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. PANORAMA GERAL DOS SÉCULOS XV E XVI NA EUROPA: FORMAÇÃO DO PENSAMENTO MODERNO .....</b>	<b>17</b>
2.1. A Unificação da Espanha .....	21
2.2. A Expansão Portuguesa e Espanhola em busca do Novo Mundo .....	27
2.3. União Ibérica e Tratado de Tordesilhas .....	33
2.4. Os Primeiros Colonizadores no Guairá .....	37
<b>3. INÁCIO DE LOYOLA E A FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS .....</b>	<b>42</b>
3.1. Fundação da Companhia de Jesus.....	52
3.2. A Companhia de Jesus na Espanha.....	57
3.3. A Presença da Companhia de Jesus na América Espanhola .....	59
3.4. O Método Pedagógico Jesuítico.....	60
<b>4. A PRESENÇA JESUÍTICA NA PROVÍNCIA DO PARAGUAI .....</b>	<b>67</b>
4.1. Fontes Documentais Para a Análise do Ensino Praticado Pelos Jesuítas na Província do Guairá Entre os Anos de 1609 a 1632 .....	67
4.2. Os Jesuítas na Província do Paraguai .....	71
4.3. O Empreendimento Missionário Jesuítico na Região do Guairá	80
4.4. Fundações das Reduções do Guairá .....	84
4.5. A Educação e Catequese no Guairá .....	93
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presença colonizadora espanhola, em território hoje paranaense, teve início na segunda metade do século XVI. O quadrilátero fluvial formado pelos rios Paraná, Paranapanema, Tibagi e Iguaçu era densamente povoado por indígenas Guarani e pelos Jê do Sul (Kaingang e Xokleng). Um acordo feito entre Espanhóis e Portugueses dividia o Brasil em dois territórios, a região do Paraná passou a ser alvo de disputa, pois ambos os países tinham interpretações diferentes desse acordo.

Em 1541, Alvarez Nuñez Cabeza de Vaca atravessou a região de Foz do Iguaçu com uma numerosa comitiva em direção a Assunção, no Paraguai, para onde havia sido nomeado governador. Tendo em vista os objetivos espanhóis mandou, em 1554, oitenta homens para fundar a vila de Ontiveros, às margens do rio Paraná. Esta foi a primeira povoação europeia fundada em território hoje paranaense. Essa povoação contava com um grande número de índios escravizados. Não demorou mais que dois anos para o capitão Ruy Dias Malgarejo transferir a povoação para as proximidades da foz do rio Piquiri. Este novo local ficou denominado com Ciudad Real del Guairá.

Os espanhóis continuaram a explorar a região, fundando em 1579, nas margens do rio Ivaí, próximo à foz do Corumbataí, a Vila Rica do Espírito Santo, região que se tornaria um importante centro escravista de índios. Essas vilas espanholas, fundadas onde hoje é território paranaense, foram denominadas Província do Guairá.

Com a dificuldade encontrada pelos colonizadores em utilizar a mão de obra indígena, em 1588 foram enviados a Guairá os primeiros padres jesuítas, com o objetivo de evangelizar e educar os índios, dando à região um caráter missionário. Os primeiros núcleos indígenas fundados pelos jesuítas, foram os de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio Mini. Nessa região moravam aproximadamente 200 famílias. Essa foi a primeira redução jesuítica entre os guaranis. Essas missões chegaram ao número de treze em todo o território que

hoje compõe o Estado do Paraná. Foi uma tarefa árdua para os missionários jesuítas conseguirem aldear uma quantidade relevante de indígenas e conseguirem fazer penetrar em seus costumes os sentimentos de trabalho sistemático e disciplinado, o que até então ninguém havia realizado. Porém, o sucesso das reduções levantou temores dos luso-brasileiros de São Paulo, que passaram a ter uma reação violenta contra os índios, principalmente por temerem a expansão espanhola para a baía de Paranaguá e por necessitarem de mais mão-de-obra indígena nas lavouras de São Paulo. Foi em 1628 que o bandeirante paulista Raposo Tavares partiu para o Guairá, destruindo as missões e levando os índios para servirem de mão-de-obra em São Paulo<sup>1</sup>.

A presença da Companhia de Jesus na região que compreende hoje o Estado do Paraná se fez de tamanho e força imensurável. É importante destacar que a Província Jesuítica do Guairá foi a primeira tentativa de reunir os indígenas catequisados em povoados fixos sob a coordenação dos jesuítas e das lideranças indígenas. Até então, o índio era visto pelos portugueses e espanhóis apenas como uma mão-de-obra disponível. A história convencional nos mostra a ideia de que os jesuítas realizavam um trabalho benéfico aos indígenas, o que pode ser questionável se pensarmos que a cultura dos índios foi praticamente extinta ao ser introduzido o catolicismo e os modos europeus em seus costumes.

A educação foi uma marca dos padres da Companhia de Jesus, não apenas com intuito de dar à Igreja Católica novos fiéis, mas também criava uma estratégia de adestramento desses indígenas. O interesse pela ação dos jesuítas na educação dos índios nas reduções de Guairá é ponto de partida desse trabalho e o objetivo está intimamente relacionado com a preocupação de entender a prática pedagógica, a partir da análise da História da Educação.

---

<sup>1</sup> Teoricamente as bandeiras paulistas já teriam visitado o Guairá muito antes. Em 1602, Nicolau Barreto desceu o rio Paraná passando pelo Guairá, rumo às minas de Potosi no Peru. Em 16047, foi a vez de Pedro Franco de Torres atravessar a região rumo ao Paraguai, fazendo o roteiro já conhecido desde meados do século XVI. Naquele mesmo ano, Manuel Preto, um dos maiores preadores de índios da época, dirigiu uma bandeira para aprisionamento dos índios Guarani nas proximidades da cidade espanhola de Vila Rica do Espírito Santo, no coração dos territórios guarani, no centro da bacia do Ivaí. Procurando medidas estratégicas para conter as investidas dos bandeirantes paulistas contra seu butim, o Rei da Espanha criou a Província del Guairá em 1608, que era praticamente quase todos o Paraná. Ignorando as medidas protecionistas da coroa espanhola, Manuel Preto, acompanhado pelo temido Raposo Tavares, voltou ao Guairá em busca de mais índios nos anos de 1611, 1618, 1623 e 1628 (MOTA E NOVAK, 2008, p. 43).

A escolha pela educação dos padres jesuítas, mesmo sendo um tema bastante estudado por pesquisadores da História da Educação no Brasil, ainda encontramos algumas lacunas no que se refere em específico sobre as reduções jesuíticas do Guairá.

Há importantes obras que pautam a discussão sobre o tema que pretende-se abordar. Uma delas, chamada *Cartas Ânua*s, revelam a vida dos missionários jesuítas em contato com o indígena. Essas cartas eram documentos escritos e enviados para os Superiores da Companhia de Jesus, informando sobre os trabalhos que estavam sendo realizados na missão no Guairá. A coleção original das *Cartas Ânua*s encontra-se depositada no Arquivo Geral da Companhia de Jesus em Roma. A biblioteca do Colégio Del Salvador em Buenos Aires na Argentina possui cópias impressas das cartas enviadas entre os anos 1609 a 1637.

Outra fonte documental, de suma importância desse período, é o livro *Conquista Espiritual*, do padre jesuíta Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652). Essa obra retrata com detalhes os acontecimentos das reduções no Guairá no período do século XVI e XVII. Montoya foi um importante missionário jesuíta, nascido em Lima, no Peru, que lutou em defesa da liberdade dos índios nas reduções, principalmente durante a tentativa de barrar as incursões dos bandeirantes e colonos.

Outra importante fonte é a obra *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá* (1549-1640) de Jaime Cortesão. A obra é uma classificação, leitura e interpretação de antigos documentos da Coleção Pedro de Angelis, depositados no acervo da Biblioteca Nacional.

A metodologia utilizada no presente trabalho foi a de análise do contexto histórico, com enfoque na ação dos jesuítas nas reduções do Guairá, buscando amparo em análises documentais como relatos, cartas, mapas, depoimentos da época como fontes da pesquisa.

No primeiro capítulo, realizou-se uma retomada histórica do panorama geral dos séculos XV e XVI na Europa. Situando o que foi a Idade Média buscou-se contrapor o pensamento desse período com o Renascimento Moderno. Ainda

nesse primeiro momento, discutiu-se sobre a formação dos Estados Nacionais e principalmente a formação dos Reinos de Portugal e Espanha. No final do primeiro capítulo, analisou-se o pensamento expansionista desses dois reinos em direção às Índias que, por fim, acabou com o descobrimento da América.

No segundo capítulo foram abordados os acontecimentos que antecederam a vida de Inácio de Loyola e as razões que o levou a fundar a Companhia de Jesus. As mudanças sociais e a instabilidade religiosa foram motivações que impulsionaram o surgimento da Ordem Religiosa e sua propagação pelo mundo em tão pouco tempo. A Companhia de Jesus foi responsável pela evangelização dos povos indígenas encontrados na América, em especial na região do Guairá.

Em relação ao terceiro capítulo, o objetivo foi retomar a análise da presença jesuítica na região do Guairá, antiga província do Paraguai, analisando a vinda dos primeiros padres e a formação das primeiras reduções indígenas. A importância da formação desses padres missionários para o desenvolvimento das missões, os desafios encontrados para se iniciar o trabalho com os índios e, por fim, tratar do principal objeto do presente estudo, que é o ensino desenvolvido pelos jesuítas para os povos indígenas nessa região.

Pretende-se com a pesquisa descrever a forma como os jesuítas espanhóis chegaram e organizaram os trabalhos missionários nas reduções no Guairá no início do século XVII, mais especificamente entre 1609 e 1632, e responder à questão de como promoveram a evangelização e o ensino formal entre os índios, e a defesa que pretenderam fazer dos índios em relação aos espanhóis e bandeirantes paulistas.

## 2. PANORAMA GERAL DOS SÉCULOS XV E XVI NA EUROPA: FORMAÇÃO DO PENSAMENTO MODERNO

Acontecimentos importantes marcaram o início da Idade Moderna. Historiadores utilizam como marco inicial o ano de 1453, pelo fim da Guerra dos Cem anos e com a tomada de Constantinopla<sup>2</sup>, e seu término convencionou-se estabelecer em 1789, com a Revolução Francesa. Durante muito tempo, a Idade Média foi considerada um período obscuro, dominada por um excesso de misticismo e teocentrismo. Tanto que costumeiramente esse período ainda é chamado de “Idade das Trevas”<sup>3</sup> pelo fato da Europa ter sofrido um retrocesso intelectual, artístico, filosófico, com a destruição dos valores da cultura greco-romana”<sup>4</sup>.

Em oposição a essa concepção, no início da Idade Moderna profundas transformações ocorridas na Europa refletiram-se em uma verdadeira revolução social, política, econômica e cultural. O Estado feudal, fraco e descentralizado, foi sendo substituído pelo Estado nacional, centralizado e forte. Com a descentralização do poder no sistema feudal, cada senhor cunhava suas moedas, faziam suas leis cobrando impostos e pedágios em suas terras, dificultando o desenvolvimento das atividades mercantis.

O crescimento do poder do rei interessava à burguesia na mesma medida que ao rei interessava o apoio da burguesia, junto à qual poderia obter

---

<sup>2</sup> Império Bizantino foi o herdeiro medieval da Grécia e da Roma antigas, continuação do Império Romano em território grego, tendo o cristianismo como religião de Estado. Nasceu no início do século IV com a fundação de uma nova capital cristã, Constantinopla, no lugar da antiga cidade grega de Bizâncio, e terminou quando os turcos otomanos capturaram a cidade em 1453 e a fizeram capital de seu império islâmico. (COLIN, 2011).

<sup>3</sup>“Para tentar compreender o que foi o período medieval, é essencial renunciar tanto à imagem negra quanto à imagem dourada. De resto, como quase todas as épocas, a Idade Média foi uma mistura de êxitos e de derrotas, de felicidades e dramas.” (LE GOFF, 2010, p. 53).

<sup>4</sup>A arte greco-romana se desenvolveu, aproximadamente, entre os séculos VIII a.C e V d.C.. Tem sua origem na civilização creto-micênica, que se desenvolveu na Ilha de Creta. Porém, foi no século V a.C que essa arte teve grande desenvolvimento na Grécia, especialmente em Atenas. Foi um período de grande criatividade e desenvolvimento artístico e cultural.

empréstimos para financiar exércitos capazes de impor seu poder à nobreza feudal.

Nas monarquias medievais, as decisões tomadas pelo rei dependiam do apoio de seus vassalos. Já com a monarquia moderna, o Estado centralizado dá autoridade de desempenhar quase que de forma ilimitada seu poder sobre seu território, estando o poder real e nacional acima de poderes locais, assim como das forças religiosas da Igreja. O rei, sendo o único soberano, detém toda autoridade e poder político, tendo os habitantes do seu reino como súditos, que lhes deviam constantemente respeito e fidelidade.

A teoria política da antiguidade clássica destaca-se o pensamento de Platão e Aristóteles, que reconhece o homem como ser racional e social e a *pólis* como lugar por excelência que se realiza as virtudes. A cidade, como condição para o estabelecimento da ordem justa, reservaria ao filósofo (governante), no pensamento platônico, a tarefa de pensar como seria possível organizar o bom governo que possibilitasse a plena felicidade a todos os cidadãos.

Na Idade Média, o cristianismo exerce influência na política de diferentes formas, conforme a época. A teoria política dos primeiros séculos da Idade Média revela uma concepção pessimista da natureza humana, em que o homem está sempre ameaçado pelo pecado, necessitando de constante controle do seu comportamento para não se perder. A função do Estado é remediar a natureza humana tão sujeita à corrupção.

A teoria filosófica de Tomás de Aquino (1225-1274) foi uma resposta da Igreja Católica, que procurava adaptar-se às novas condições históricas, que exigiam mais racionalidade autônoma que a oferecida pela teoria Agostiniana. Aquino encontrou em Aristóteles a base filosófica para a construção de seu arcabouço teórico, por não desconsiderar a importância do “conhecimento natural”, assim como Aristóteles demonstrou em sua *Metafísica* que o movimento do mundo em última instância é explicado por uma causa fundamentada.

Entretanto, nada se move por acaso, mas sempre deve haver uma causa: por exemplo, isso se move agora desse modo por natureza, aquilo daquele modo pela força, pela inteligência ou por

outra razão. E de que espécie é o movimento primeiro? Este ponto é extremamente importante. E Platão não poderia propor o que às vezes considera causa do movimento, ou seja, o que se dá a si mesmo o movimento. Mas isso, que, segundo ele, é a alma, é posterior ao movimento que nasce junto com o mundo, como ele mesmo afirma. (ARISTÓTELES, L XII, C VI, P 35).

Além disso, tal como Aristóteles, a teoria do conhecimento de Tomás de Aquino reconhece a participação dos sentidos e do intelecto:

[...] portanto, deve-se dizer que embora o intelecto seja superior aos sentidos, depende, entretanto, deles de certa forma. Seus objetos imediatos e principais fundam-se nas coisas sensíveis. Assim é necessário que o juízo do intelecto seja impedido pelo impedimento do sentido (AQUINO, 2002, I, 84, 6).

Outro ponto importante da doutrina tomista foi a maneira pela qual encaminhou o problema filosófico dos universais. A principal dificuldade é saber se existe alguma coisa além de algo que seja composto de matéria e forma. Tomás explicava que as coisas não precisavam ter o mesmo modo de ser na realidade da mesma forma que elas possuem quando entendidas pelo intelecto. Para ele, o intelecto conhece coisas materiais de maneira imaterial. Então o intelecto conhece o Universal de maneira imaterial das coisas que existem no singular, sem considerar os princípios e acidentes das coisas individuais.

Tanto na questão do conhecimento, como na dos universais, o pensamento de Aquino resolvera os problemas candentes de sua época. Dar conteúdo parcialmente racional ao conhecimento adequava-se a uma sociedade que construía suas cidades, desenvolvia novas rotas comerciais, utilizava o direito romano, profundamente lógico, como eixo de suas relações jurídicas. Ao subordinar o conteúdo racional da filosofia a um fim religioso, atendeu aos interesses da Igreja, tanto no âmbito teológico quanto político, pois fortes correntes eclesiais aspiravam a estabelecer o domínio político do papa sobre reis e imperadores (WEHLING, 1999).

O tomismo representou, a partir do século XIV, uma espécie de doutrina oficial da Igreja romana. Identificado como a estrutura de poder do Papado, o tomismo, sistema teológico e filosófico, transformou-se numa visão de mundo

imposta aos cristãos, de forma moral e coercitiva, sob forma oficial, ensinada nas escolas religiosas.

Esse tomismo enrijecido, escolástico, foi combatido desde o século XV pelos reformadores religiosos, rompidos ou não com Roma, como Nicolau de Cusa (1401-1464), João Huss (1370-1415), Erasmo de Roterdã (1467-1536), Martinho Lutero (1483-1546), João Calvino (1509-1564), Philipp Melanchton (1497-1560) e Thomas Morus (1478-1535). Esta mesma escolástica foi retomada na Península Ibérica no domínio espanhol e português a partir do século XVI, como o braço religioso do Estado absolutista, capaz de evitar a propagação do protestantismo e converter indígenas em cristãos nas terras descobertas do Novo Mundo.

Desde o final do século XIV em Portugal, e durante o século XV na França, Espanha e Inglaterra, se iniciou um processo de formação das monarquias nacionais, com o fortalecimento do rei e a centralização do poder, detendo assim, o monopólio de fazer e aplicar leis, recolher impostos, cunhar moeda, ter exército e a possibilidade legítima para se preciso fosse utilizar da força.

Enquanto as principais nações europeias buscavam a centralização do poder, a Alemanha e a Itália permaneceram fragmentadas em inúmeros Estados, sujeitos a disputas internas e conflitos entre cidades vizinhas.

A Alemanha permanece dividida até o século XIX. Na Itália não acontece diferente, e sua fragmentação era ainda mais nítida. Para a compreensão desse cenário político fragmentando na Itália é indispensável situar o pensamento de Maquiavel.

Niccolò Di Bernardo Machiavelli nasceu em Florença, Toscana, no dia 3 de maio de 1469 e morreu na mesma cidade em 21 de junho de 1527, aos 58 anos de idade. “Maquiavel era um homem de costumes simples, de hábitos plebeus e anticonvencionais” (ARANHA, 2006, p. 30). Sua principal paixão foi a política, especialmente a política como teoria do poder.

Para Maquiavel, a política deve ser autônoma, privilegiando a reflexão laica, não religiosa. Não examinava a política no que se refere ao modelo do bom

governante e do bom cidadão, e sim como os governantes e os súditos agem de fato. Maquiavel em “*O príncipe*” desenvolveu uma concepção de política que estabeleceu uma nova compreensão da relação entre teoria e prática:

Nenhuma coisa faz um príncipe ser tão estimado quanto realizar grandes empreendimentos e dar de si raros exemplos. Nós temos em nosso tempo Fernando de Aragão, atual rei da Espanha. Ele pode ser chamado de um príncipe quase novo, porque, de um rei débil tornou-se pela fama e glória, o primeiro rei dos cristãos; e, caso se considerasse as suas ações, todas seriam qualificadas como grandíssimas e algumas até como extraordinárias (MAQUIAVEL, 2015, p. 99).

Maquiavel sabia que a unificação da Itália não se faria sem recurso à força, quando, ao se referir ao infortúnio acontecido com o Frei Gerônimo Savonarola<sup>5</sup>, que teve sua ordem arruinada quando a multidão começou a não mais acreditar nele, adverte:

Porque, além do que já foi dito, a natureza do povo é mutante; é fácil persuadi-lo de alguma coisa, mas é difícil firmá-lo naquela persuasão; nesse sentido, convém estar organizado de modo que, quando o povo se mostra descrente, possa-se fazê-lo crer pela força (MAQUIAVEL 2015. p. 30).

## 2.1. A Unificação da Espanha

“A formação do Estado nacional espanhol moderno esteve diretamente vinculada à longa luta empreendida pelos grupos militares cristãos para expulsar o elemento islâmico que se fixou na península Ibérica desde o século VIII” (SEVCENKO, 1994, pág. 76). À procura de sua unificação, a Espanha experimentou, durante oito séculos de luta contra os muçulmanos (718-1492),

---

<sup>5</sup> Gerônimo Savonarola, acreditando ser a voz de Deus, tinha o hábito de clamar que o Poder Divino o matasse se ele estivesse errado, e dizia que iria caminhar sobre o fogo para provar a retidão de suas pregações. Quando um frade franciscano aceitou o desafio, dizendo que achava que também seria queimado, porém que seu sacrifício serviria para tirar a ilusão do povo, Savonarola não se mostrou mais disposto e recuou da prova. Depois deste fiasco, sua influência foi diminuindo, e logo seus inimigos o levaram à autoridade secular. Algumas confissões foram obtidas por tortura, e ele foi condenado à morte na forca por heresia.

acontecimentos dos mais variados como o nascimento de vários reinos cristãos como Leão, Castela, Aragão e Navarra<sup>6</sup>, a necessidade de unir as forças na luta contra o inimigo comum, o período de rivalidade e de lutas pela preponderância entre os novos reinos cristãos, e, por fim, a preponderância definitiva do reino de Castela.

No início do século XI Castela era um reino independente entre o de Leão e o de Navarra. Fernando González (923-970) buscou a preponderância de Castela recorrendo a métodos mais ou menos imperialistas. Esse período de submissão e de vontade de independência inspirou o poema consagrado a Fernando González que narra, de forma romanesca<sup>7</sup>, as origens políticas do condado de Castela.

O poema de Fernando González, além de refletir a rivalidade entre Castela e Leão, representava uma amostra da epopeia feudal na figura do herói, guerreiro infatigável, que montado num cavalo árabe, beijava com má vontade a mão do rei de Leão, de quem era vassalo, demonstrando um ato de rebeldia. Tal testemunho seduziu a imaginação popular e tornou superior o sentimento nacional em relação a fidelidade do vassalo.

A epopeia castelhana nos séculos XIV e XV deu origem a um novo gênero literário: o romance, que substituiu as proezas heroicas pelas peripécias

---

<sup>6</sup> O reino de Leão, anteriormente fora: um pequeno reino com capital Gijon, no Mar Cantábrico, que em 760 se transformara no reino de Oviedo, este por sua vez em 914 se torna o reino de Leão. Após estes acontecimentos outros reis vieram e contribuíram para o crescimento do reino de Leão. Outros reinos também começavam a levantar, como Navarra, que fora parte do império franco de Carlos Magno com o condado de Barcelona, constituiu-se com Estado independente tendo Pamplona como capital, vindo a ser reconhecido na dieta de Tribur em 837. Fora por um momento, detentora dos territórios cristãos da península, porém com a morte de seu unificador, Sancho III, o Grande, o reino foi novamente desmembrado. Do desmembramento do Reino de Navarra, Aragão ficou com um dos herdeiros de Sancho III, o Grande, Castela, que fazia parte de Leão, ficou para o outro herdeiro. Navarra era um território pequeno rodeado por cadeias montanhosas, não tendo condições consideráveis para assumir os acontecimentos, se manteve isolada. Navarra passou ao domínio francês após o casamento entre sua última princesa com Felipe, o Belo (1248). Fernando, o Católico, rei de Aragão, casou-se com Isabel de Castela, desta união e após a conquista da Alta Navarra em 1512, formou-se a Espanha. (Disponível em: [http://www.ufscar.br/cursinhoufscar/monar\\_espanhola.htm](http://www.ufscar.br/cursinhoufscar/monar_espanhola.htm). Acesso em: 20 junho 2017).

<sup>7</sup>“O *Poema do meu Cid* foi o grande poema nacional. Ele resulta por um lado de assuntos que inspiram as guerras religiosas e patrióticas e também sobre o papel desempenhado pelo herói, cujo dever é de triunfar contra o muçulmano, inimigo político e religioso. Resulta finalmente de sua inspiração democrática que glorifica o bom vassalo, desprezado pelos cortesãos invejosos e rejeitados pelo soberano ingrato. Este poema resume a vida da pátria como um todo” (CERVO, 1975. p. 34).

romanescas, mais adaptadas à imaginação e à curiosidade popular. Imbuídos de sentimentos patrióticos e de virtudes cavalheirescas, exaltava o heroísmo individual, esses poemas encantavam a multidão que estavam sempre dispostos a ouvi-los e aprende-los.

“Desde então, a preponderância do reino de Castela se firmará ainda mais, estendendo-se sobre os outros reinos da península, até a união com o reino de Aragão, pelo casamento de Fernando II e Isabel” (CERVO, 1975, p. 33).

O casamento de Fernando II de Aragão com Isabel de Castela no ano de 1469 foi considerado, tradicionalmente, o acontecimento fundamental para a formação do Estado nacional espanhol moderno<sup>8</sup>. Com os reinos unidos, a primeira tarefa de Fernando e Isabel era consolidar a autoridade real, o que ocorreu com a criação da *Santa Hermandad*.<sup>9</sup>

O reino de Aragão era mais voltado para o comércio, ouro, especiarias e o lucro, que moviam suas ações no Mediterrâneo. O reino de Castela era o mais poderoso e rico reino da Península. Com exércitos engajados na luta pela expulsão do mouro infiel, a Coroa distribuía a terra conquistada a seus cavaleiros. “Para os homens de Castela que lutavam contra o mouro, conquista militar e obtenção de terras passaram a fazer parte de um mesmo processo” (FERREIRA, 1992, p. 12).

Com diferentes interesses, os reinos convergiam para uma proposta de unificação política:

---

<sup>8</sup> O matrimônio de Isabel, herdeira de Castela, com Fernando, rei de Sicília e herdeiro do trono de Aragão, celebrado em Valladolid a 19 de outubro de 1469, abria um novo período na história da Península Ibérica (dividida em 1474, quando Isabel subiu ao trono de Castela, em 5 estados: Portugal, Castela, Aragão, Navarra e Emirado de Granada), porque marcava a união de duas casas reais, bases para a edificação da Monarquia Espanhola. Esta aliança matrimonial era resultado de uma estratégia prudente e oportuna, em que estava em jogo ambições dinásticas e intrigas diplomáticas, motivadas por distintos interesses (AGUILAR, 2002, pág. 37).

<sup>9</sup> A Santa Irmandade foi a primeira unidade militar permanente que existiu na Espanha e uma das primeiras tropas regulares organizadas do Ocidente. Foi criado pelos Reis Católicos em 1476 para garantir a segurança e manter a lei e a ordem em todos os territórios da Coroa, portanto, foi a primeira força policial nacional no Ocidente. Foi concebido como um corpo de exército permanente em teoria, mas na prática foi formada para subjugar a nobreza, pois isso recorreu ao banditismo para resolver os seus problemas financeiros.

Os interesses comerciais, a ideia de lucro e a busca incessante de ouro de um reino se encontraram com as concepções de privilégio econômico conjugado à conquista militar de outro. O casamento de Fernando de Aragão com Isabel de Castela simbolizou a unificação dos reinos (FERREIRA, 1992, p. 12).

Os fatos históricos que inspiraram a epopeia castelhana marcaram profundamente a cultura e o caráter dos espanhóis. Enquanto nas outras nações europeias, sobretudo na França e na Itália, o Renascimento se afastava das tradições da Idade Média, ao buscar na Antiguidade clássica a inspiração de um novo modelo cultural, na Espanha o modelo de Renascimento adotado se voltava ao passado que construiu sua cultura, não rompendo totalmente com a Idade Média.

Segundo Cervo (1975, p. 35):

O comportamento social na Espanha, no início do século XVI, procurava se conformar àquele que a literatura popular havia celebrado na Idade Média: o individualismo do cidadão, que o absolutismo do rei pretendia, entretanto, temperar; o culto do herói, semideus dominador e benfeitor, o qual, a serviço da cristandade e da nação, era dado como exemplo a todos e a cada um; a moral cavaleiresca que impunha se guardasse a fé e se engajasse a honra na ação.

O reino da Espanha adquire ainda mais dimensão e consolidação nos tempos do Imperador Carlos V. Ao abdicar do trono em 1556, Carlos dividiu a sua herança imperial em duas partes. A dignidade imperial foi cedida ao seu irmão Fernando e a herança das Coroas de Castela e Aragão ao seu filho Felipe.

Após a abdicação de Carlos V começou o reinado de Felipe II, cujos domínios compreendiam grandes proporções territoriais, um verdadeiro império mundial, extenso e diverso. Dada a heterogeneidade do imenso império, exigiu-se de Felipe II uma nova postura política que se caracterizou como centralizadora e burocrática. Expressão dessa política sedentária foi que, em 1561, foi instalada a capital Espanhola em Madrid.

A estabilidade de uma corte estimulou o nascimento de uma burocracia governamental e a organização do sistema

administrativo, adaptado às novas necessidades do Império, com as possessões de ultramar e as exigências constantes de recursos para a guerra. O modelo adotado, herdado e aperfeiçoado, era o Sistema de Conselhos, cuja missão imediata consistia em assessorar o Monarca, classificando-se em duas categorias principais: de assessoria e de governo territorial. O conselho de Assessoria era constituído pelo Conselho de Estado, Conselho de Guerra, Conselho da Inquisição, Conselho da Fazenda, Ordens Militares e Cruzada (AGUILAR, 2002, p. 40).

A base de toda organização política e estratégia de ação do governo espanhol, se pautava em uma teoria política com sustentação religiosa, em que era concebido o poder real forte e absoluto ao soberano, não havendo nenhuma autoridade superior a ele no plano temporal e apresentando-se como defensor natural do catolicismo, tendo no Tribunal da Inquisição<sup>10</sup> o instrumento de contenção de desvio e da diversidade.

A Idade Média havia forjado no Ocidente a mentalidade do *Orbis Christianus*, segundo a qual a infidelidade dos gentios era sinônimo de barbárie. O fator constante dessa mentalidade era a intolerância que considerava os heréticos como “corpos estranhos”, noção que foi progressivamente estendida à minoria dos judeus e a todos os infiéis. A heresia tornou-se então um delito contra o Estado, ao qual a instituição da Inquisição naturalmente respondeu com as “fogueiras santas”.

A heresia tornou-se o maior crime da humanidade. Os teólogos espanhóis do século XVI se pronunciaram pela repressão violenta à heresia, mesmo quando se tratava de punir aqueles que haviam sido batizados por coação. Fizera de tal repressão um dever do Rei, que deu, com efeito, à intransigência religiosa força de lei nacional. Uma poderosa inquisição estava encarregada de sua aplicação a serviço da Igreja e do Estado.

Os contatos entre cristãos e infiéis, além de uma forte tendência para a guerra religiosa, levantava também outro problema que era o da escravidão. A ideia de liberdade só integrou a cultura ocidental como um valor positivo no século

---

<sup>10</sup> A Inquisição espanhola ou Tribunal da Inquisição foi uma instituição fundada em 1478 por Fernando II de Aragão e Isabel de Castela para manter a ortodoxia católica em seus reinos que atuou de 1478 até 1834.

XVIII. As bases filosóficas da escravidão repousavam sobre a concepção de Aristóteles, segundo a qual haveria escravos natos, isto é, espíritos naturalmente aptos para a submissão. Essa classe social deveria ser governada pela força e pela coação.

Contudo, a natureza fez distinção entre a mulher e o escravo. Mesmo não sendo sovina como o ferreiro que modela a faca délfica para vários usos, a natureza determina a utilidade de cada coisa e, cada instrumento é mais bem feito quando determinado para atender a uma e não a muitas finalidades. Mas entre os bárbaros nenhuma distinção é feita entre mulheres e escravos; isso porque não existe entre eles aquela parte da comunidade destinada, por natureza, a governar e a comandar; são uma sociedade composta unicamente de escravos, tanto os homens quanto as mulheres. (ARISTÓTELES, Política II, V).

O cristianismo admitiu, ainda, que a escravidão fosse consequência do pecado. A inferioridade espiritual e moral acrescentou a causa justa de escravidão. Mas a causa principal está sobre o direito de guerra, sobretudo defendido na Idade Média. Os teóricos desse direito defendiam que uma guerra justa poderia levar à captura dos inimigos e a sua redução à condição de escravos.

A religião católica regulava a vida individual, familiar e social do cidadão espanhol. A responsabilidade dos monarcas nos seus territórios visava, prioritariamente, cumprir com o dever de cristianizar seus súditos e defendê-los contra o perigo das heresias. “Os monarcas buscaram garantir a defesa e expansão do catolicismo em união com a Santa Sé, estando assim unidos em prol da expansão do Estado e um serviço à Igreja” (AGUILAR, 2002, p. 49).

Todos os elementos que lançavam raízes na conjuntura histórica, política e religiosa da Idade Média, convergiam para moldar a mentalidade dos espanhóis no momento da conquista da América. Os ideais do *Orbis Christianus* desabrochavam na Espanha no século XVI tornando-se uma herança que a nação incorporou a seu patrimônio cultural, político e religioso.

A descoberta da América ocorreu no momento que os espanhóis estavam bem preparados para se corresponder ao que se esperava. Na personalidade dos

espanhóis firmaram-se dois sentimentos particulares: o orgulho nacional e o sentido da honra pessoal.

O espírito de conquista, nascido do nacionalismo, ligado ao espírito de intolerância que animavam os conquistadores espanhóis, levou-os a utilizar da força para penetrar onde os indígenas nada poderiam se opor devido a sua impotência (CERVO, 1975, p 40-41).

A conjunção de ideias próprias à mentalidade do *Orbis Christianus* medieval, com a ideia de serviço de origem vassálica, carregada de nacionalismo, vinculou o juramento sagrado de fidelidade para com o senhor, transferindo para a esfera do Estado, gerando com o sentimento nacional, as noções de honra e orgulho patrióticos.

## **2.2. A Expansão Portuguesa e Espanhola em busca do Novo Mundo**

Até o século XV o conhecimento que os europeus possuíam sobre o mundo era ainda bastante limitado. Os mapas usados pelos navegadores eram imprecisos, só conheciam a Europa, uma pequena parte da Ásia e o norte da África. O restante do globo ainda era algo desconhecido, devido à tecnologia naval rudimentar e os precários instrumentos de navegação que possibilitavam as embarcações navegar somente perto do litoral.

Até o ano de 1300 os conhecimentos de geografia física paralisaram-se. Os conceitos que Ptolomeu (90 a 168 d. C) consagrou atravessaram os séculos e não podiam ser contestados. Eram a visão do mundo que as autoridades civis e a Igreja católica impunham aos povos. Quaisquer propostas de mudanças iam contra as afirmações das Sagradas Escrituras e sofriam a impugnação do papa. A cega obediência impediu o avanço das ciências geográficas, pelo menos fisicamente o mundo continuou o mesmo (CHIAVENATO, 1992, p. 65)

Foi com o desenvolvimento de caravelas e o aperfeiçoamento dos instrumentos de navegação pelos portugueses que o cenário começou a mudar, tornando possível aos navegadores encontrar a posição no mar utilizando a bússola magnética, o astrolábio e o quadrante, além de mapas um sistema de coordenadas mais precisas.

Os portugueses foram os primeiros a se lançar na busca de outras terras dando início ao período das Grandes Navegações. As causas da expansão portuguesa no século XV é um assunto bastante discutido por historiadores, não havendo um consenso sobre os fatores que contribuíram para o seu apogeu. Entre as principais razões podemos destacar o fato de Portugal ter se tornado unificado já em 1143, o que motivou sua independência inaugural sobre os outros reinos europeus.

Outro importante fator foi a posição privilegiada de Portugal, por estar voltada para o Atlântico, e Lisboa, sua principal cidade, servir de ponto de encontro para os marinheiros de toda parte. Foi, sobretudo com a revolução de Avis<sup>11</sup>, em 1385, quando D. João I (1385-1423) assumiu o poder, apoiado pela burguesia mercantil que possuía profundos interesses comerciais, que a expansão ultramarina ganhou ainda mais impulso.

Correspondendo às expectativas da burguesia mercantil, que o havia apoiado na luta pela sucessão hereditária, D. João investiu em expansão na direção ao Norte da África, com desejos de conquistar a cidade de Ceuta, no Marrocos, importante marco de início da expansão portuguesa.

Ceuta era uma cidade comercial marroquina situada no lado africano do estreito de Gibraltar, o ponto em que a África mais se

---

<sup>11</sup> Quando faleceu, em 1383, Dom Fernando, o último rei da dinastia de Borgonha, não havia um legítimo herdeiro; Beatriz, a única filha, era casada com o rei castelhano, João I (1359-1390, rei desde 1379), da dinastia de Trástamara. Enquanto a maioria da nobreza portuguesa favoreceu a sucessão legítima de João e a união dos dois reinos, a burguesia nas cidades, oposta a uma unificação com Castela, apoiou as ambições de João I (1357-1433) – filho ilegítimo de Pedro I (1320-1367, rei desde 1357), grão mestre da Ordem Militar de São Bento de Avis e meio irmão de Fernando – pela sucessão ao trono. Após o Exército castelhano ter invadido Portugal, João, proclamado pelas Cortes de Coimbra “Defensor da Pátria”, conseguiu, com base nas cidades e na burguesia e com o apoio militar de tropas auxiliares inglesas, derrotar os castelhanos na batalha de Aljubarrota. Essa vitória garantiu a independência de Portugal, reconhecida mais tarde por Castela, e deu início ao domínio da dinastia de Avis em Portugal (1385-1580). (MAINKA, 2012).

aproxima da Europa e que serve como espécie de linha divisória entre o Mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico. Na Antiguidade, por sua posição estratégica, Ceuta já havia estado sob domínio fenício, cartaginês e romano. Em 711, Ceuta serviu de plataforma para a invasão moura na Península Ibérica (PEREIRA, 2010, p. 24).

O interesse da nobreza em conquistar Ceuta vinha do fato de se poder exercitar seus dotes militares, obter despojos e reforçar posições na corte. Do ponto de vista econômico, Ceuta era, no início do século XV, um centro comercial para onde afluíam mercadorias europeias, africanas e asiáticas. No âmbito político e religioso, a conquista de Ceuta tinha um alto valor simbólico. “Era dali que Tarik havia partido com seus exércitos mouros no século VIII para conquistar a Península Ibérica. Conquistar Ceuta seria uma legítima vingança contra o agressor mouro” (FERREIRA, 2010, p. 24).

No século XV, sob o estímulo do infante Dom Henrique<sup>12</sup>, o Navegador, surgiu em Algarve, próximo a Sagres, um centro de estudos de navegação que ficou conhecida como Escola de Sagres. Foram para essa região astrônomos, cartógrafos e pilotos que desenvolveram os estudos náuticos necessários que levaram adiante as expedições marítimas portuguesas.

O interesse do Infante D. Henrique por Sagres e sua inclinação para passar ali seu tempo datam de 1419, quando voltou de sua segunda viagem a Ceuta, e quando o Rei o nomeou Governador Perpétuo do Algarve. Mas foi somente depois da humilhação e da desilusão de Tânger, em 1437, nos diz Zurara, que ele “habitualmente ficava ali” e, apesar de haver discordância entre os estudiosos quanto à data do início da construção da chamada Vida do Infante, em Sagres, parece que o trabalho começou por aquela época. Sagres tornou-se pouco a pouco, o cenário das

---

<sup>12</sup> Inovações e invenções científicas e tecnológicas foram pressupostos imprescindíveis para as navegações marítimas sempre mais arriscadas e distantes do litoral. Esses pressupostos se cruzaram na pessoa de Dom Henrique (1394-1460), terceiro filho de Dom João I, primeiro rei da dinastia dos Avis, e da sua esposa, Philippa de Lancaster (1360-1415). Distante da sucessão ao trono Dom Henrique foi nomeado pelo Papa, em 1420, Grão Mestre vitalício da Ordem de Cristo, podendo dispor, como chefe secular da ordem, dos seus recursos financeiros. Chamado na historiografia o “Navegador”, o infante foi representante de uma facção da Corte, que defendeu uma ofensiva contra os árabes no Norte da África e tornou-se, mais tarde, o motor, impulsionador e coordenador das atividades expansionistas de Portugal até seu falecimento em 1460. (MAINKA, 2012).

atividades próprias ao Infante D. Henrique, do planejamento das viagens, do estudo dos mapas e instrumentos e da consulta a sábios visitantes ou especialistas residentes (URE, 1985, p. 77).

Devemos reconhecer também os esforços de outros reis portugueses em favor das navegações e conquistas portuguesas:

Afonso V (1438-1481), cognominado “o africano” por suas conquistas na África e Dom João II (1481-1495), o “príncipe perfeito”, que logrou em seu reinado ultrapassar o “Cabo das Tormentas”, deixando tudo preparado para Dom Manuel I (1495-1521) colher os frutos. Foi no reinado deste último que Vasco da Gama viajou para a Índia e Cabral descobriu o Brasil. Dom Manuel colheu a vinha plantada pelos seus antecessores e, assim, seu reinado marcou o apogeu da grandeza lusitana (PEREIRA, 2010, p. 39).

A Igreja desempenhou também um importante papel na expansão marítima portuguesa. As pretensões do catolicismo de se tornar uma igreja universal, aliando o fervor religioso nos vários setores da sociedade portuguesa, fortaleceu ainda mais a ideia evangelizadora de Portugal. A Igreja aliada ao Estado legitimou o empreendimento ultramarino, conciliando interesses diversos dos grupos envolvidos na expansão marítima colonial, o que culminou com o surgimento do Padroado<sup>13</sup>, uma importante instituição para a história de Portugal.

Para Costa, “competia ao Soberano ser o grande líder e incentivador da expansão da religião cristã – a verdadeira religião – pelo mundo, especialmente nos lugares onde haviam gentios e infiéis” (2004, p. 39).

O interesse Espanhol em expandir seus territórios ultramar em direção a América não foi muito diferente dos portugueses. Houve certamente uma consciência comum, fazendo-lhes crer que o fim procurado consistia

---

<sup>13</sup> O Padroado inscreve-se no grande quadro formado pela guerra de reconquista do território peninsular das mãos dos mouros e pelo processo de centralização do poder real. A referida instituição resultou de sucessivos acordos entre a monarquia portuguesa e o papado, pelos quais Roma dava legitimidade e sansão religiosa à reconquista e à centralização do poder monárquico; em contrapartida, o rei comprometia-se com a expansão da fé católica e colocava-se como patrono ou padroeiro da Igreja Católica nos territórios já conquistados dos infiéis ou a conquistar no ultramar. (PEREIRA, 2010).

essencialmente no dever de assegurar a salvação dos povos indígenas e submeter os territórios conquistados à coroa real da monarquia.

Se os espanhóis hesitam quanto à escolha dos meios, se eles se separam por vezes na escolha dos objetivos concretos, se buscam a interpretação que melhor se adapta a seus interesses particulares, contudo nunca pensaram em negar o desejo de servir a Deus e a Sua Majestade que levavam, no fundo de sua alma, ao se lançarem pela rota oceânica rumo à América (CERVO, 1975, p. 44).

Ao ter seu pedido de navegação para as Índias negado pela Coroa portuguesa<sup>14</sup> em 1485, Cristóvão Colombo (1451-1506), nascido em Gênova na Itália e residente em Lisboa, conseguiu que o seu feito fosse financiado pelos reis da Espanha, Fernando e Isabel. Nesse período as viagens transoceânicas eram extremamente caras e arriscadas, e Colombo só conseguiu convencer os monarcas espanhóis a apoiarem o seu projeto quando ameaçou mostrá-lo para o rei da França (MANN, 2012).

Nas próprias palavras de Colombo é narrado o momento em que, aceito seu pedido pelos reis espanhóis, inicia sua preparação em direção às Índias, imbuído de um profundo desejo de conversão de todos os hereges que encontrar:

[...] pensaram em enviar-me, a mim, Cristóvão Colombo, às mencionadas regiões da Índia para ir ver os ditos príncipes, os povos, as terras e a disposição delas e de tudo e a maneira que se pudesse ater-se para sua conversão à nossa fé. E saí eu da cidade de Granada aos doze dias do mês de maio do mesmo ano de 1492 em sábado. Vim à vila de Palos, que é porto marítimo, onde equipei três navios bastante aptos para semelhante façanha e parti do citado porto bem abastecido de muitíssimos mantimentos e de uma boa tripulação aos três dias do mês de agosto do ano indicado, numa quinta-feira, meia hora antes de raiar o sol, tomando o rumo das ilhas Canárias de Vossas

---

<sup>14</sup> Colombo começou a pensar na possibilidade de chegar às longínquas terras do Oriente navegando para o Ocidente, quando leu as notas náuticas de Perestrelo. Quando Colombo ficou plenamente convencido da possibilidade de levar a cabo sua idéia, apresentou ao Rei de Portugal, D. João II, provavelmente em 1483. O rei incumbiu uma junta de sábios de estudar o projeto e de se inteirar das condições que o navegante estabelecia para fazer a viagem. Colombo foi tão exigente que o Rei desistiu de ajudá-lo, e para verificar se de fato existia terras onde afirmava existir, o Rei mandou uma caravela secretamente. Os tripulantes da caravela regressaram pouco tempo depois sem descobrir coisa alguma, e Colombo indignado com esse procedimento, resolveu abandonar Portugal e dirigir-se à Castela. (LEVENE, 1965).

Majestades, situadas no dito Mar Oceano, para dali seguir a rota e navegar tanto que chegasse às Índias e entregasse as mensagens de Vossas Majestades àqueles príncipes, cumprindo o que assim ordenaram (COLOMBO, 1984, p. 31).

Colombo foi autorizado, segundo uma fórmula tradicional, a descobrir e adquirir ilhas e territórios continentais no oceano. Nessa ocasião, a coroa mostrou desejos de fazer uma contribuição financeira relativamente pequena e fornecer navios a Colombo, além de nomeá-lo vice-rei e governador hereditário de todas as terras descobertas. Entre as recompensas que lhe foram prometidas no caso do sucesso da sua expedição estava o direito de designar funcionários judiciais na área da sua jurisdição, juntamente com dez por cento dos lucros do escambo e do comércio (ELLIOT, 2004).

Diante das razões que motivaram os homens a partir para o Novo Mundo, estavam o interesse em possuir terras, ouro e subjugar os outros homens. (FERREIRA, 1992). Essa cultura conquistadora não surgiu de forma breve, mas sim, dos homens que participaram das reconquistas, valores, tradições e experiências ao longo do processo que os reinos espanhóis passaram pela luta contra os muçulmanos, na tentativa de unificação política, mas também por que, a fé católica tornou-se uma certeza inabalável que movia suas ações rumo ao desconhecido.

Em suma, naquele quadro cultural os homens que buscavam desbravar o Novo Mundo, eram:

[...] homens embebidos de valores aristocráticos e hierárquicos que compartilhavam a mística superioridade do sangue espanhol; portadores da única e verdadeira fé e, por isso mesmo, intolerantes com qualquer outra manifestação religiosa que não fosse a católica; certos da legitimidade da guerra santa contra o infiel, cuja vitória lhes dava o direito de se apropriarem de suas terras e de suas riquezas; com a expectativa de fazer da América o meio mais rápido e eficaz para a sua ascensão social (FERREIRA, 1992, p. 15).

Foram difíceis os dias que antecederam a descoberta da América para Colombo. Os marinheiros que o acompanhavam na viagem já estavam receosos de estarem há tanto tempo no mar e não encontrarem nada. Muitos queriam

retornar a Espanha por não acreditarem que algo poderia ser encontrado, mas Colombo não recuou e continuou avançando, as cenas finais de sua viagem demonstraram muita coragem, astúcia e também um pouco de sorte:

A 7 de outubro, Colombo, seguindo os conselhos de Pinzon, modificou um pouco sua rota. No dia 10 de outubro a tripulação começou a rebelar-se novamente, mas Colombo conseguiu apaziguá-la. Por fim, na noite do 11 para 12 de outubro, às 10 horas, Colombo acreditou ver uma tênue claridade no horizonte. Em seguida chamou Pedro Gutierrez e depois Rodrigo de Sanchez de Segovia, que nada viram de importante. Entretanto, quatro horas mais tarde, um grumete, de nome Rodrigo de Triana viu a mesma luz da nave La Pinta e deu a notícia a gritos. La Pinta disparou, então, um tiro de canhão. Estava descoberta a América. Era sexta, 12 de outubro de 1492 (LEVENE, 1965, p. 61).

### **2.3. A União Ibérica e o Tratado de Tordesilhas**

Várias bulas foram emitidas em 1493 para garantir à Espanha a posse das novas terras, provocando reações diplomáticas de Portugal em Roma e uma ameaça de ação militar contra a Espanha (WEHLING, 1999, p. 41). Em junho de 1494 foi então assinado o Tratado de Tordesilhas (FIGURA 1), pelo qual ficou designado que as terras existentes até 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde pertenceriam a Portugal e as demais à Espanha.

**Figura 1:** Representação da divisão de terras, onde hoje é o Brasil, entre portugueses e espanhóis, de 1494. Tratado de Tordesilhas



Fonte. RESENDE e MORAES; Atlas Histórico do Brasil, Belo Horizonte: Vigília, 1987. p. 35.

Portugal já sabia em 1494, ao exigir o Tratado de Tordesilhas, que além das ilhas descobertas por Colombo existia um continente (LEVENE, 1965, p. 94). Como a Espanha não havia anunciado oficialmente o descobrimento do Brasil, Portugal continuou com soberania seu processo de descobrimento, ordenando a partida para a Índia, uma poderosa armada de treze navios e mais de mil e quinhentos homens sob o comando de Pedro Álvares Cabral.

A partida da expedição de Cabral foi um grande acontecimento pelas pessoas notáveis que nela tomaram parte e pelas honras de que foi alvo no momento de se empreender a viagem:

A bordo de um dos navios ia o famoso Bartolomeu Dias, que pouco antes havia dobrado pela primeira vez o cabo da Boa

Esperança. Cabral partiu, do Tejo a 9 de março de 1500, e ao cabo de treze dias, durante os quais perdeu uma das caravelas, chegou às ilhas de Cabo Verde. Pouco depois reencetou a navegação; e ao termo de uma viagem na qual, contrariamente ao que se afirmou, não houve tempestade alguma, avistou no dia 22 de abril, quarta-feira, uma montanha redonda a que deu o nome de monte Pascoal. No sábado, 25 de abril, Cabral chegou a outro porto, a que deu o nome de Pôrto Seguro. Neste lugar abandonaram uns marinheiros que haviam sido condenados ao degredo, e no dia seguinte, 26 de abril, Domingo de Páscoa, o padre Henrique de Coimbra, celebrou a primeira missa (LEVENE, 1965, p. 96-97).

Durante algum tempo se afirmou que a armada de Cabral foi arrastada pelas correntes e ventos contrários das costas da Índia até a América e que o descobrimento do Brasil foi um fato casual, sem que eles de fato o tivessem planejado. Não é necessário expor aqui uma defesa plena a Cabral, vale ressaltar que a expedição contava com experientes pilotos e que seria algo a se admirar que as treze embarcações errassem a rota para a Índia e chegassem à América. O descobrimento de Cabral não foi precisamente um achado geográfico, pelo fato que essas terras já haviam sido reconhecidas por outros navegantes espanhóis, mas sim, a revelação oficial de uma região que juridicamente pertencia a Portugal.

Cabral mandou erguer uma cruz grande de madeira para que todos se ajoelhassem e beijassem a cruz, mostrando aos nativos a importância de tal ato, batizou a costa brasileira com o nome de Terra de Vera Cruz (CAMINHA, 1965). “Os oito dias que a frota passou descansando no Brasil, possibilitaram um rápido encontro entre duas civilizações, uma empenhada num agressivo imperialismo, a outra uma cultura da idade da pedra” (JOHNSON, 2004, p. 246)

O escrivão da frota, Pero Vaz de Caminha, numa longa carta enviada ao rei de Portugal, Dom Manuel (1495-1521), relata com detalhes o primeiro contato dos colonizadores com essa desconhecida civilização:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a

santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual preza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade (CAMINHA, 1963, p. 60).

Gaspar de Lemos foi enviado para levar imediatamente a Portugal as boas notícias do descobrimento ao Rei D. Manuel, que rapidamente comunicou o feito aos Reis de Castela e Aragão, Fernando e Isabel, enfatizando seu valor estratégico para Portugal como etapa intermediária para as frotas em rota para as Índias.

Encerrada a fase inicial de descobrimento e reconhecimento das novas terras, a coroa portuguesa viu-se diante do problema de criar um sistema de exploração da terra recém encontrada diferente das outras ilhas de exploração, pois o Brasil já estava habitado por nativos desconhecidos, ainda que fossem amistosos, viviam como selvagens, o que tornaria impossível o desenvolvimento agropecuário sem a presença constante de colonizadores.

Para desenvolver o comércio dos produtos encontrados, a coroa portuguesa optou por arrendar o Brasil a banqueiros e comerciantes de Lisboa. Esse arrendamento foi conduzido por Fernando de Noronha, juntamente com Bartolomeo Marchionni, além de outros empreendedores italianos. A exploração das riquezas seria feita durante um período de três anos, pagando-se apenas uma porcentagem à coroa e iniciando-se o pagamento após o primeiro ano de concessão (FONTANA, 1994).

A conjuntura governamental, política e eclesiástica, no Brasil, nos séculos XVI e XVII, foi resultado de um processo que se estabeleceu progressivamente, desde o descobrimento e conquista, organização administrativa e garantia da soberania, até a expansão e consolidação do controle da posse, por meio de leis e regimes outorgados pela coroa espanhola. O período de 1580 a 1640, denominado de União Ibérica<sup>15</sup> foi fundamental para o assentamento dessas

---

<sup>15</sup> Com a morte de D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir contra os mouros, em 1578, se abriu grave crise sucessória em Portugal. Com a falta de herdeiros, o trono foi ocupado pelo cardeal D. Henrique, seu tio avô, que faleceria repentinamente no início de 1580. Ainda em vida do cardeal, apresentaram-se seis candidatos à sua sucessão, todos invocando direitos a partir de pareceres de renomados juristas, dentre os pretendentes, dois candidatos de origem italiana e a candidata francesa Catarina de Médicis que possuíam ligações dinásticas mais remotas e menor penetração

bases administrativas e defensiva da América, abrindo novos caminhos para o interior, buscando a fixação de um maior número de colonos e, conseqüentemente, alargando o campo de expansão da atividade missionária (AGUILAR, 2002).

Na década de 1580, Felipe II impôs ao Brasil a mesma política aplicada nas suas possessões, que proibiam a entrada de estrangeiros nas suas colônias impedidos de exercer atividades comerciais, agrícolas e de mineração. Este exclusivismo, ao modificar a orientação seguida por Portugal, que admitia a exploração de estrangeiros em suas colônias, provocou uma hostilidade crescente no exterior em relação ao Brasil. Por outro lado, intensificaram os contatos entre as colônias espanholas e portuguesas.

A disputa entre as principais potências europeias pela posse do Brasil, em especial por Portugal e Espanha, em meados do século XVI, vê na conflituosa demarcação de terras feitas pelo acordo no Tratado de Tordesilhas, uma perigosa ameaça por parte dos espanhóis ao ponto de vista dos interesses portugueses.

“O mito das riquezas no interior da América foi o grande elemento propulsor para a expansão territorial desde o Atlântico” (AGUILAR, 2002, p. 87). A expansão territorial e missionária no sul da América em meados do século XVI estabeleceu-se em duas frentes de ação: “desde o Peru avançando os territórios do Sul e desde o atlântico, através do Brasil, entrando por terras e por rios” (Idem, p. 86) pouco a pouco as terras da América foram sendo incorporadas pela coroa espanhola e portuguesa.

## **2.4 Os Primeiros Colonizadores no Guairá**

---

no Reino. A disputa concentrou-se assim nos outros três candidatos: D. Antônio, prior do Crato, D. Catarina, duquesa de Bragança, e Filipe II, rei da Espanha, todos netos do rei D. Manuel I. Com a morte de D. Henrique em janeiro de 1580, Felipe II assume o poder apoiado pela alta nobreza e o clero superior, ficando Portugal submetido aos domínios e interesses espanhóis pelo período de 1580 a 1640 (WEHLING, 1999).

O Guairá é a extensão territorial, localizado entre o Rio Paraná e o Litoral Atlântico, de posse do domínio Espanhol nos séculos XVI e XVII. Fator importante na época da conquista, o Guairá estava em uma região banhada por rios, estando situada:

[...] ao sul do rio Paranapanema, sendo então fronteira com o território português do Brasil (Vila de São Paulo e Vila de São Vicente). A leste limitava-se com a linha de Tordesilhas, cortada pelos rios Tibagi, Ivaí e Piquirivaí, entre os principais, encontrava-se ao sul o seu limite com o rio Uruguai, tendo como fronteira a Província do Tape (atuais estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul – Brasil) A oeste encontrava-se o rio Paraná importante rota de colonizadores. (AGUILAR, 2002, p. 131).

Pelas dificuldades de acesso e perigos, a região do Guairá era descrita como “el último rincón del mundo, el más apartado del comercio humano” (ÂNUAS, 1614, p. 302).

Desde a demarcação do Tratado de Tordesilhas, em 1494, a Espanha reivindicou a posse dessas terras, que hoje corresponde aos Estados do Paraná e Santa Catarina. Os defensores dos interesses espanhóis alegavam que o Guairá devia pertence-lhes, pois foram os primeiros a chegar em 1516, que:

[...] por razón de los naufragos de la expedición de Solís haber sido los primeros em ocupar essas terras; como también por Alejo García, a servicio da España em 1524, haber aberto em caminho por el Guairá, ruta confirmada por el 2º Adelantado del Rio de la Plata, Alvar Núñez Cabeza de Vaca, quien tomó posse, 1541, de las extensas tierras por él atravesadas entre el Atlántico y el rio Paraná; al Norte del Iguasú, procedendo a la ocupación de esas tierras em nombre del Rey de Espanã, llamándolas “Provincias de Vera” (CARDOZO, 1970, p. 34-36)

A expedição de Juan Dias de Solis, certamente encontrou dificuldades no mar, tendo seu navio naufragado, resultando em sua morte. Reorientando a ação de sua expedição no continente sul-americano, abandonando os propósitos iniciais de descoberta, a comitiva buscou sobreviver fixando-se no litoral Atlântico (SCHALLENBERGER, 2015).

Tanto portugueses quanto os espanhóis empenharam grande esforço em prol da conquista de novas áreas de domínio, no início do século XVI. As duas coroas, reivindicavam, cada uma para si, o direito de explorar as terras descobertas, extraindo dali as riquezas naturais e a liberdade de utilizar a mão de obra dos povos indígenas existente.

Nos ideais que orientaram as expedições iniciais rumo a região do Guairá, estiveram presente as possibilidades de ascensão social e de enriquecimento rápido, a partir da perspectiva da sociedade de origem; contudo, as circunstâncias que se impuseram alteraram em muitas oportunidades, os propósitos iniciais. [...] Os europeus que se instalaram no litoral atlântico passaram a viver com os índios e deles receberam informações sobre as condições e as possibilidades do meio, que mais tarde foram transmitidas aos que aportaram por ali. (SCHALLENBERGER, 2015, p.45).

A colonização espanhola no Guairá, em sua principal vertente, se iniciou em 1541, quando Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, partindo da ilha de Santa Catarina, trilhando os caminhos no interior do Guairá, fixa-se em Assunção. De Assunção, procurou se instalar no Guairá para assegurar o domínio da Coroa de Castela, defendendo a posse de terra (AGUILLAR, 2001).

A iniciativa de povoamento por parte dos espanhóis se deu principalmente pelo governador Domingo Martinez de Irala que, pretendendo barrar o avanço da colonização portuguesa, ordena a Garcia Rodrigues de Vergara em 1554 a fundação de um povoado que recebe o nome de Vila de Ontiveiros, em homenagem a sua cidade natal (JAEGER, 1957).

[...] cierta vez recibía una legación de vários caciques del Guairá, que le solicitaban un auxilio contra las invasiones de los tupies, favorecidos por los mamelucos de San Pablo, cazadores de esclavos indígenas (JAEGER, 1957, p. 98)

Martinez de Irala pretendeu ocupar o Guairá por razões de expansão e ao mesmo tempo para assegurar que Portugal não avançasse nos interesses de domínio dos guaranis. De acordo com Cardozo:

[...] Irala no se habia podido sustentar población alguna en la entrada de los navios que vinieran de España, determino hacer una fundación em el camino del Brasil a la parte del este sobre el rio Paraná, pus era fuerza haber de cursar aquel camino, y tener comunicación y trato com los de aquella costa para avisar por esa via a su Magestad el estado de la tierra. Y también por escusar los grandes daños y assaltos que los portugueses hacían por aquella parte a los índios carios de esta provincia, llevádoles presos y cautivos sin justificación alguna de guerra, vendiéndoles por esclavos, privándoles de su libertad y sujetándoles a perpetua servidumbre (CARDOZO, 1970, p. 45-46).

Em ordem cronológica, no ano de 1556 foi fundado o povoado de Ciudad Real del Guayrá. “Fundado na foz do rio Piquiri, com o Paraná, terra do Cacique Guairá, firmou-se como um ponto estratégico para o comércio. As ruínas estão localizadas no atual município paranaense de Terra Roxa d’Oeste” (AGUILAR, 2002, p. 135).

Com detalhes sobre essa fundação, Cardozo nos revela que:

Para satisfacer a los descontentos y por ser el Guairá [...] el Gobernador, de acuerdo con la opinión del Obispo, Oficiales reales y el Cabildo, resolvió mandar hacer outra fundación allí. Para el efecto, comisionó al Capitán Ruy Diaz de Melgarejo, andaluz, quien com cien soldados vecinos de la Asunción, partió para aquella tierra, pasó a la outra parte del Paraná y echó los cimientos de la nueva población, a tres léguas más al norte de Ontiveiros, en el dominio del cacique Guairá, em um lugar boscoso y em la desembocadura del río Piquiry (CARDOZO, 1970, p. 48).

O último povoado espanhol a ser fundado no Guairá por Ruy Dias de Malgarejo em 1570, recebendo o nome de Vila Rica do Espírito Santo. Cardozo diz que:

Dio a la ciudad el nombre de Villa Rica del Espíritu Santo, primero, porque estaba convencido de que en esse lugar de Cuaracyberá existían las ricas minas de oro y plata que le habían assegurado los indígenas y, segundo, porque la fundación la hizo el día de Espírito Santo (CARDOZO, 1970, p. 50).

Segundo Aguilar (2002), a fundação dessas cidades respondia um propósito específico de ocupação de espaço e preservação do território, especialmente na fronteira com a colônia portuguesa do Brasil. Instaurando o sistema de “encomienda” como instituição para o desenvolvimento agrícola, houve intensas reações da parte dos indígenas, ao verem sua cultura e identidade ameaçada, muitas vezes recebendo como resposta a morte. Os mecanismos de conquista dos colonizadores eram apenas do consumo da população nativa como mera força de trabalho.

### 3. INÁCIO DE LOYOLA E A FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Nesse capítulo, o objetivo é apresentar o contexto histórico e as principais características da Companhia de Jesus, ordem religiosa, oficialmente aceita pelo Papa Paulo III, em 1540, também conhecida como *Societas Iesus* (Sociedade de Jesus), denominação dada por Inácio de Loyola, principal responsável pela criação da Companhia.

Não se deve esquecer dos acontecimentos históricos que marcaram o significativamente o século XVI que influenciaram os trabalhos da Companhia de Jesus na propagação da fé católica. O Renascimento que deu início ao Período Moderno, juntamente com a Reforma Protestante são fatores cruciais para o crescimento e fortalecimento de um projeto missionário de apostolado universal que teve início com apenas sete membros, passando para mais de novecentos, distribuídos em doze províncias, em menos de quinze anos (AGUILAR, 2002).

Inácio de Loyola<sup>16</sup> foi o mais novo no total de treze filhos nascidos da união matrimonial de D. Beltrán Yañez, casado em 1467 com dona Marina Sáenz de Licona. De acordo com Garcia-Villoslada:

Inácio recebeu bons exemplos religiosos de seus irmãos, pais e parentes como certas liberdades sexuais, sempre condenadas pela Igreja, eram tão comuns em todos os países, assim entre os leigos (a começar pelos reis) como entre clérigos que, eram facilmente perdoados. Todos recebiam uma educação profundamente religiosa, sem que lhes passasse jamais pela cabeça alguma dúvida sobre a fé. Com férrea firmeza aceitavam-se todos os dogmas da religião católica. As verdades religiosas não se problematizavam, por isso ninguém caía no ceticismo. Essas verdades se abraçavam com toda a alma, com todo o coração, e se aceitavam como claras luzes para a vida temporal e eterna (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 75).

A formação na fé cristã, como também a preocupação de seus pais, de que Inácio se educasse como um nobre e conhecesse a gramática latina, era um modo de prepara-lo ainda jovem para uma futura carreira eclesiástica. Mas,

---

<sup>16</sup> Iñigo Lopez de Loyola nasceu, como último dos muitos filhos de seu pai, mais provavelmente em 1491 no castelo de Loyola, no território basco no norte da Espanha, perto de Azpeitia, na província de Guipuzcoa (O'MALLEY, 2004. p. 46).

mesmo sendo ensinado com algumas distinções dos seus irmãos, desfrutando ainda de sua juventude “Hasta los veinteséis años de su edad fué hombre dado as las vanidades del mundo, y principalmente se deleitava em ejercicio de armas com um grande y vano deseo de ganar honra” (LOYOLA, 1947, p. 118).

Foi numa batalha contra os franceses, em defesa do rei da Espanha, que sua vida teria uma mudança definitiva. Ao ser atingido por uma bala de canhão, que “le acerto a él una bombardada em una pierna, quebrándosela toda; y porque la pelota pasó por entrambas las piernas, también la otra fué mal herida” (LOYOLA, 1947, p. 119).

A gravidade do ferimento o fez pensar que sua vida estaria perto do fim, mesmo sendo cuidado pelos melhores médicos da época, sua saúde ficou bastante agravada,

en la cual hallándose muy mal, y llamando todos os médicos y cirujanos de muchas partes, juzgaron que la pierna se debía otra vez desconcertar, y ponerse otra vez los huesos em sus lugares, diciendo que, por haber sido mal puestos la outra vez, o por se haber desconcertado em el caminho, estaban fuera de sus lugares, y así no podía sanar (LOYOLA, 1947, p. 120-121).

Repentinamente Inácio começou a melhorar afastando-se do perigo da morte. Uma de suas pernas ficou menor que a outra, o que o fez pensar em uma nova operação nos ossos: “y cortada la carne y el hueso que allí sobraba, se atendió a usar de remédios para que la pierna no quedase tan corta, dandole muchas unturas” (LOYOLA, 1947, p. 124) podendo assim voltar a sua vida normal.

Inácio passou um período se recuperando no castelo de Loyola

Enquanto se recuperava no castelo de Loyola, Inácio sem ter muito o que fazer, começou a ler sobre a vidas dos santos na Fábula dourada, de Jacopo da Voragine, e a Vida de Cristo, escrita por Ludolfo da Saxônia, ambas traduzidas para o castelhano. A primeira leitura levou-o a especular sobre as possibilidades de moldar sua própria vida à maneira dos santos e imitar suas proezas, imaginadas por ele nos moldes dos heróis cavaleirescos com que estava mais familiarizado. Foi assim que se iniciou a conversão de Inácio (O´MALLEY, 2004. p. 46).

Foi na leitura sobre a vida de Cristo e dos santos que Inácio descobriu um mundo até então ignorado, uma espécie de cavaleiros de Cristo que realizavam façanhas muito diversas daquelas com que sonhava. “Aqueles livros foram revelando algo em que nunca havia pensado e ele deixou-se atrair por sua leitura” (IDÍGORAS, 2001, p. 23).

No decorrer do tempo, deu-se conta de que, em seu íntimo digladiavam-se dois espíritos contrários: continuar seu caminho anterior, mesmo com sua perna coxa, ou mudar completamente sua vida seguindo os exemplos dos santos Francisco de Assis e Domingos na experiência pessoal com o Cristo.

O próprio Inácio nos revela que em seu interior:

Había todavía esta diferencia: que cuando pensaba em aquello del mundo, se deleitaba mucho; mas cuando después de cansado lo desejava, hallábase seco y descontento; y cuando em ir a Jerusalém descalzo, y en no comer sino hierbas, y en hacer todos los demás rigores que veia haber hecho los Santos, no solamente se consolaba cuando estaba em los tales pensamientos, mas aun después de dejados, quedaba contento y alegre. Mas no miraba em ello, ni se paraba a ponderar esta diferencia, hasta em tanto que uma vez se le abrieron um poco los ojos, y empezó a maravillarse de esta diversidad y a hacer reflexión sobre ella, cogiendo por experiência que de unos pensamientos quedaba triste, y de otros alegre, y poco a poco viniendo a conocer la diversidad de los espíritus que se agitaban, el uno del demônio, y el otro de Dios (LOYOLA, 1947, p. 133-134).

Estando com os olhos abertos a uma nova vida, despertava nele uma nova sensibilidade o que o levava a valorizar todas as coisas. Ao pensar sobre sua vida sentiu-se pecador e com desejos de começar uma vida inteiramente nova. O processo pelo qual chegou a essa decisão tornou-se uma característica marcante na maneira como Inácio continuou a governar a si mesmo.

Sobre esse momento tão importante da vida de Inácio, Garcia-Villoslada afirma:

não ser possível estabelecer um momento preciso que os olhos de Inácio se abriram para conhecer a diversidade dos espíritos que se guerreavam no campo da sua alma. Talvez fosse coisa de um instante, mas a elaboração interior preparatória foi algo que

provavelmente demorou um certo tempo (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 180).

Estando totalmente curado dos ferimentos nas pernas, o que teria levado nove meses, Inácio se converteu e desejava seguir os passos de Cristo

decidiu peregrinar à Terra Santa para reviver a vida de Jesus e venerar devotamente as sinagogas, vilas e castelos. Todos os apaixonados pelo Salvador suspiraram alguma vez por ver com os próprios olhos as paisagens que Cristo viu na sua vida mortal, o lugar onde nasceu, a cidade onde deu os primeiros passos, onde realizou milagres surpreendentes, onde instituiu a Eucaristia, o horto onde souo sangue, o monte onde foi crucificado. Inácio desejava agregar-se a uma dessas peregrinações; e, segundo confessa na *Autobiografia*, pensava “ir a Jerusalém descalço e em não comer mais que verduras e em praticar todos os demais rigores que via terem sido praticados pelos Santos... com tantas disciplinas e abstinências, quanto um ânimo generoso, inflamado por Deus, costuma desejar... desejando estar já totalmente são para pôr-se a caminho” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 183).

O primeiro passo para a peregrinação em Jerusalém, começou no caminho de Loyola no monastério beneditino de Montserrat na Catalunha. Foi ali que Inácio “após passar uma noite inteira em vigília diante da famosa estátua de Nossa Senhora Negra, abandonou sua espada e adaga e as substituiu pelo bastão de peregrino e a roupa de mendigo” (O’MALLEY, 2004. p. 47).

Quando deixou Montserrat, planejou passar alguns dias na cidade Manresa, perto de Barcelona, para refletir sobre sua experiência até então. Em Manresa, Inácio obrigou-se a um regime de oração, abstinência, autoflagelação e outras austeridades que eram extremas, mesmo para o século XVI. Experimentou uma aridez dolorosa da alma, dúvidas obsessivas acerca da integridade de suas confissões sacramentais e até mesmo sofreu tentações de suicídio:

Estando nesses pensamentos, vinham-lhe muitas vezes tentações, com grande ímpeto, de lançar-se de um buraco grande que aquele quarto tinha, junto do lugar onde fazia oração. Mas, sabendo que era pecado matar-se, voltava a gritar: Senhor, não farei nada que te ofenda! e repetia estas palavras muitas vezes (Autobiografia *apud* GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 220).

O que Inácio fez em Manresa foi ouvir sua inspiração interior, moderando suas indecisões e gradualmente experimentou um retorno à serenidade junto com algumas grandes iluminações internas. Ampliou e aperfeiçoou as análises psicológicas que iniciou em Loyola durante sua recuperação. Durante esse período, começou a usar suas experiências religiosas para ajudar outros e fazia registros com esse fim em mente. O seu caderno de apontamentos cresceu em volume e importância, o que posteriormente viria a ser os *Exercícios Espirituais*<sup>17</sup> (GARCIA-VILLOSLADA, 1991). Embora Inácio continuasse a revisar o livro ao longo de vários anos, no momento que deixa Manresa para completar sua peregrinação a Jerusalém, já havia elaborado o conteúdo básico do livro.

Inácio chegou em Jerusalém no outono de 1523, aproveitou os primeiros dias para visitar os lugares reverenciados pelos cristãos, sentiu um desejo ardente de ficar mais tempo ali para ajudar as almas que necessitassem, ainda que naquele momento não sabia bem ao certo o que isso significava; ouviu a ordem do Provincial que ordenou que saísse de Jerusalém sendo possível que ele fosse excomungado pela Sé Apostólica.

Ao sair de Jerusalém os propósitos de Inácio se voltaram para os estudos em Barcelona, condição necessária para chegar ao sacerdócio. Começou por estudar gramática latina com jovens que tinham pouco menos da metade da sua idade. Após dois anos, sentiu-se suficiente preparado para participar das aulas na Universidade de Alcalá, onde os programas de estudos eram fortemente influenciados pela Universidade de Paris e por alguns aspectos do movimento humanista da Renascença italiana (O'MALLEY, 2004).

O ambiente acadêmico em Alcalá era diferente daqueles que Inácio até então tinha frequentado. Alcalá era uma Universidade tipicamente renascentista, vivendo uma renovação científica e humanista, sem tradição com a idade Média. Segundo Garcia-Villoslada (1991), a Universidade foi criação de Jiménez de Cisneros, e o objetivo do fundador seria promover o campo literário, filológico e

---

<sup>17</sup> Ao tentar dar uma ideia do que são “exercícios espirituais”, ele diz: “Por este nome, exercícios espirituais, entende-se toda maneira de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de rezar, tanto audivelmente como mentalmente, e de outras atividades espirituais... toda maneira de preparar e predispor a alma, para remover de si todas as emoções desordenadas, e depois disso, buscar e encontrar a vontade divina na condução da vida...” (MANENT, 1996, p. 28).

humanista, segundo os gostos da época; e o filosófico e teológico com ampla liberdade de crítica e tendências. Alcalá deveria ser a referência intelectual da Espanha e superar as mais famosas universidades.

Ainda de acordo com Garcia-Villoslada:

Duas questões inflamavam os ânimos em quase toda a Europa, mas muito particularmente em Alcalá: o Erasmismo e o Iluminismo. Erasmistas e Iluminados, apesar da sua profunda divergência espiritual, moral e cultural, tinham algo em comum. Erasmo era apresentado como genuíno reformador da Igreja, reformador da piedade e da própria ciência teológica. O Iluminismo, que na Espanha ficou conhecido como alumbradismo, o que denota um fenômeno religioso e ideológico diferente do Iluminismo europeu, coincide com o Erasmismo no menosprezo à piedade vulgar, formalista e ritual, censurando as práticas tradicionais de piedade e as pessoas eclesiásticas (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 275-281).

Aconteceu uma situação em Alcalá que colocou Inácio em uma situação delicada. Devido ao fato de vestir-se como peregrino e nas horas vagas dos estudos, mendigar para sua subsistência, teria sido confundido com homens que eram alumbrados, pois se vestiam com a mesma roupa feita de saco. De acordo com O' Malley (2004, p. 51):

Os rumores acerca de Inácio e seus amigos chamaram a atenção da Inquisição de Toledo, que prendeu Inácio por 42 dias na prisão enquanto esperava um veredito. Embora fossem considerados inocentes, ele e seus companheiros foram advertidos a se vestirem como os outros estudantes e a não falar em público sobre assuntos religiosos antes de ter completado mais quatro anos de estudo.

Por causa das restrições estabelecidas, Inácio e seus amigos decidiram interromper seus estudos e ir para Salamanca, uma das mais antigas universidades espanholas. Não foram muito diferentes as restrições encontradas ali, pois pouco tempo depois que Inácio e mais quatro amigos haviam chegado em Salamanca, ele já estava sendo interrogado novamente e, mais uma vez, algumas restrições foram estabelecidas para que Inácio pudesse continuar ensinando, em especial sobre o catecismo, e que o fizesse sem discutir a

diferença entre pecados mortais e veniais até que completasse mais um ano de estudo.

É notável que Inácio tinha coragem e um desejo ardente de ensinar aquilo que sabia, levando com o máximo de zelo e dedicação aquilo que acreditava ser a verdade revelada de Deus. Não é por acaso que se tornou um grande mestre pedagógico, levando o máximo de almas para Deus. *Que tudo seja para a maior glória de Deus* foi o lema que conduziu suas ações e posteriormente toda a Companhia de Jesus.

Inácio, ao perceber que em Salamanca não conseguiria aprofundar seus estudos em filosofia e teologia, decidiu novamente partir, dessa vez para Paris, onde poderia realmente dedicar-se. Nos últimos decênios do século XV e primeiros do XVI, muitos jovens saíam da Espanha rumo à universidade parisiense para estudar. Estudar em Paris era o principal objetivo de todos aqueles estudantes, espanhóis ou não, que almejavam se sobressair nos estudos de artes, filosofia e teologia. Por isso, não é estranho que Inácio pensasse em continuar seus estudos em Paris, onde estudavam vários compatriotas seus (GARCIA-VILLOSLADA, 1991).

Os verdadeiros motivos que fizeram de Paris o lugar certo para Inácio completar seus estudos foram: primeiro, que Inácio não conhecia bem a língua francesa, assim evitaria uma comunicação com as pessoas dedicando-se inteiramente aos estudos com outros estudantes; em segundo, que Inácio esperava com a ajuda de Deus recrutar mais estudantes naquela universidade para colocar em prática o projeto que já vinha desenvolvendo: “levar todas as almas para Deus”.

Uma das coisas que, indubitavelmente, impressionaram Inácio de Loyola foi o caráter, a organização e o cosmopolitismo da parisiense *Civitas litterarum*, tão diferente em muitas coisas das Universidades que vira na Espanha, em Alcalá e Salamanca. Tão universalista quanto Paris, não havia outra no mundo. O caráter nacional francês como que se diluía sob a inundação estudantil que desembocava na cidade do Sena. A língua latina universal ressoava até nas ruas e praças. E, dentro dos colégios, só se falava latim. Mais do que as nações, prevaleciam na Universidade Parisiense as quatro Faculdades. A mais prestigiosa que, segundo

Bossuet, “quase tinha na Igreja a autoridade de um concílio”, era a de Teologia, *Sacratissima Theologorum família*; seguiam-se-lhe a de Direito, *Consultissima decretorum facultas*, menos rica de alunos, a de Medicina, *Saluberrima medicorum facultas*, e a mais numerosa de todas, infinitamente mais concorrida que as outras, como também a mais buliçosa e indisciplinada, integrada como era por estudantes mais jovens, a de Artes, *Praeclarissima artium facultas* (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 322).

Após trinta dias de viagem a pé, Inácio chegou a Paris cansado. Segundo Garcia-Villoslada (1991, p. 306):

Mal dá quatro passos pela rua de Saint-Jacques, topa com estudantes espanhóis e portugueses, muito numerosos nos colégios próximos de Montaigne e Sainte-Barbe. Seriam eles que lhe indicaram uma pousada assaz econômica, onde se alojavam alguns compatriotas. Aceitou-a de bom grado e, ao pensar nos estudos que deveria cursar na Universidade, deu-se conta de que, intelectualmente não estava bem preparado. Resolveu então com muito acerto passar um traço por sobre tudo o que até então estudara e recomeçar com mais método e seriedade o aprendizado do latim e da retórica, disciplinas que, em Barcelona, cursara bastante bem, mas com algumas deficiências, e iniciar o curso de artes pessimamente seguido em Alcalá.

Em Santa Bárbara Inácio compartilhou o quarto com dois outros estudantes mais jovens que ele: Francisco Xavier e Pedro Favre. Esses foram seus primeiros recrutas seguidos de Diego Laínez e Alfonso Salmerón, que se juntaram ao grupo provavelmente por não saberem o francês e por terem estudado em Alcalá.

Pedro Favre vinha de uma família humilde, mas de uma boa formação nos clássicos gregos e latinos. Desde muito jovem, Favre fez voto de castidade e decidiu ser sacerdote. Ao chegar em Paris, sentiu dúvidas quanto ao seu futuro e viu-se atormentado por escrúpulos religiosos que foram tranquilizados após fazer os Exercícios Espirituais sob a orientação de Inácio.

Ao contrário, Francisco Xavier possuía uma personalidade mais forte e enérgica que Favre, resistiu inicialmente às importunidades de Inácio para examinar sua vida e suas motivações, porém não demorou muito para também se entregar a uma conversão tão firme quanto a de Favre, o que posteriormente fez dele um importante líder para a Companhia de Jesus.

Em relação aos companheiros Laínez e Salmerón, o primeiro possuía formação em filosofia escolástica e em teologia, vinha de uma família rica recentemente convertida do judaísmo para o cristianismo, se tornaria um bom sucessor de Inácio como superior da Companhia de Jesus. Já Salmerón pouco se sabe sobre sua família, provavelmente tenha vindo de uma família humilde de uma pequena aldeia perto de Toledo. Possuía profundo interesse pela Bíblia e quase uma ilimitada confiança nos poderes do ensinamento escolástico, posteriormente veio a ser o autor de 16 volumes de comentários sobre o Novo Testamento, sendo o monumento literário mais extenso produzido pelos jesuítas daquele primeiro momento (O'MALLEY, 2004).

Sobre esses dois novos companheiros, Polanco, nos comentários da Autobiografia de Inácio, revela que:

A ellos se sumaron pronto, em 1534, dos jóvenes de excepcional valer, Diego Laínez y Alfonso Salmerón. Nascido el primero em Almazán (Soria), diócesis de Sigüenza, em 1512, y tres años después, en Toledo, el segundo, ambos vinieron a juntarse em la Universidad de Alcalá para no separarse ya nunca. Allí oyeron hablar por primera vez de Iñigo de Loyola, y el deseo de conocerle y tratarle fué uno de los motivos que determinaron el viaje del primero a París, apenas graduado de Maestro em Artes, com extraordinaria fama de talento, el 26 de octubre de 1532, em las aulas de Alcalá. Llego a tan buena hora a la capital de Francia, que al bajar del caballo y entrar em la posada, se encontro com Iñigo, sintiéndose conquistado desde um principio por los consejos, aun de orden material, sugeridos por el Santo. No tardó em presentarle aquél a su compañero de viaje, Alfonso Salmerón, que a sus cortos diecisiete años mostraba ya tanta aptitud para las letras. Ambos hicieron los Ejercicios de mês em la primavera de 1534, después de Fabro, saliendo resueltos a seguir adondequiera que fuese, a su Maestro (POLANCO *apud* LOYOLA, 1947, p. 364).

Não demorou muito e juntaram-se dois outros estudantes ao grupo que já se somavam cinco e tinha como líder Inácio de Loyola. Se chamavam Nicolau de Bobadilla que, após receber um diploma em filosofia em Alcalá, foi a Paris em 1553, e Simão Rodrigues, um português que havia estudado em Paris desde 1527 (O'MALLEY, 2004, p. 56-57).

Segundo (GARCIA-VILLOSLADA, 1991) Inácio recebeu o título de Licenciatura em Artes no ano de 1533 das mãos do chanceler Jacques Aimery que lhe concedeu a bênção apostólica e a *licentia docendi*, ou faculdade de reger uma cátedra de filosofia em qualquer Universidade.

Transbordante de satisfação deveria estar Inácio, pois conseguira dominar a ciência filosófica, tal como era ensinada na mais afamada Universidade do mundo, filosofia decerto escolástica, com todos os defeitos e limitações a ela inerentes, e em alguns tratados imbuída de nominalismo; mas fundamentalmente filosofia aristotélica, muito apta para orientar o estudante pelos caminhos da teologia tradicional. Um aristotelismo excessivo e nem sempre bem interpretado dominava todas as disciplinas, tanto a dialética como a física, tanto a metafísica como a moral (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 329-330).

Os sete companheiros tinham abraçado um mesmo ideal apostólico e, em seus corações, se sentiam unidos por Deus com laços mais fortes do que os de uma amizade comum. Convinha vincularem-se entre si com um juramento sagrado, acentuando o ideal comum e precisando com nitidez os pontos concretos que este ideal englobava. Foi no dia 15 de agosto de 1534, na festa de Assunção de Maria, reunidos na cripta da Igreja Nossa Senhora de Montmartre, onde os detalhes são contados a seguir:

Era na manhã do sábado, 15 de agosto. Podemos facilmente imaginar um dia claro e ensolarado. Sete heróis da fé e da santidade, animados de ardente anelo de caridade e apostolado, juntamente com grande recolhimento interior, por terem consciência de que iam efetuar um ato transcendental na própria vida, subiam a encosta solitária da colina, pontilhada aqui e além por algum moinho de vento, cujas asas mal se moviam. Pelos arredores não se viam alma viva. Chegados ao Santuário de S. Dionísio, pediram a chave às monjas do santuário vizinho e entraram na tão venerada cripta de S. Dionísio. Ali celebrou a missa Pedro Favro, que era o único sacerdote. Nenhum estranho assistiu ao sagrado rito. Momentos antes da comunhão, voltando-se o celebrante “com a Sagrada Hóstia na mão para os companheiros ajoelhados, recebeu-lhes os votos, que cada um foi pronunciando com voz bem clara. Voltando novamente para o altar, Favro também pronunciou os votos em voz alta e comungou (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 361

O que Inácio e seus companheiros queriam era a evangelização do mundo, finalidade primária e absolutamente missionária de evangelizar qualquer parte do mundo e o trabalho pela salvação das almas às ordens do Romano Pontífice, o Vigário de Cristo. Com este evento de agosto, iniciou-se a futura Companhia de Jesus.

### **3.1. Fundação da Companhia de Jesus**

O próprio Inácio não via claramente qual seria o futuro dele e dos outros seis companheiros que se uniram a ele em torno do mesmo ideal religioso. Nenhum deles previa que de sua amistosa associação iria se formar numa nova Ordem religiosa. Ignoravam o futuro que os esperava, mas nessa incerteza do próprio destino, confiavam na providência “amorosa” de Deus e sentiam as almas vitalmente unidas e confiantes nos ideais de Inácio. “Todos sentiam no peito a viva chama do zelo apostólico. Sete discípulos de Cristo, tão extraordinários pela inteligência e o coração como nunca até então Inácio arranajara” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 360).

Os seguidores de Cristo que fizeram os votos em Montmartre, em 1534, voltaram ali nos anos de 1535 e 1536, na mesma festa de 15 de agosto, para renovar suas promessas e reafirmar os propósitos de evangelizar o mundo inteiro. Mais três novos membros se juntam ao grupo que já somava, com Inácio, dez.

Inácio não participou da renovação dos votos, pois uma enfermidade o teria levado a voltar por alguns meses e descansar novamente em sua casa de Loyola, em Azpeitia. Inácio sofria de cálculos na bexiga, com dolorosos reflexos no estômago. Como, nos primeiros meses de 1535, as dores foram se agravando, partiu então para Loyola, fazendo a vontade de seus companheiros que imploravam para que ficasse um tempo lá se recuperando. Em seus planos estava primeiramente a recuperação de sua saúde abalada e depois uma volta por várias cidades espanholas, visitando os familiares dos companheiros, levando notícias dos seus progressos e da longa viagem à Terra Santa que estavam

planejando. Quando tivesse feito tudo isso, Inácio passaria a Veneza, onde esperaria os outros companheiros que viriam de Paris. Juntos, em Veneza, finalizariam o projeto e os preparativos da peregrinação à Terra Santa.

Mesmo estando enfermo no hospital, Inácio:

comenzó a hablar con muchos, que le fueron a visitar, de las cosas de Dios, por cuya gracia se hizo mucho fruto. Y luego desde su llegada, determinóse a enseñar la doctrina Cristiana todos los días a los niños; mas su Hermano le hizo grande contradicción, alegando que nadie acudiría. El repuso que le bastaba con uno. Pero después que comenzó a hacerlo, eran muchos los que constantemente venían a escucharle, y entre ellos también su hermano (LOYOLA, 1947, p. 401-402)

Entre os ministérios preferidos de Inácio de Loyola está a catequese às crianças. Começando em Manresa, desenvolveu em Alcalá e depois em Azpeitia e Roma, cultivou esse ministério com muita dedicação. Essa foi uma marca de Inácio e conseqüentemente dos trabalhos desenvolvidos pela Companhia de Jesus em seu projeto de levar a todos os cantos do mundo a mensagem de Cristo.

Passados três meses de recuperação em Azpeitia, e sem as dores que o abatiam, sentiu-se suficientemente forte para uma longa viagem por terras desconhecidas. Com suas muitas alteridades, penitências e pregações, apagara totalmente em sua terra até a memória de seus desvarios juvenis, que pudessem ter escandalizado algumas pessoas. Chegando a hora de partir, Inácio tinha de pôr-se a caminho, por mais que seus conterrâneos lhe suplicassem que estendesse a sua permanência naquela terra, santificada por seus exemplos de santidade e sua doutrina evangélica (GARCIA-VILLOSLADA, 1991).

Todos os companheiros se encontraram novamente com Inácio no dia 08 de janeiro de 1537. “Los nueve compañeros llegaron a Venecia a principios del 37, y allí se dividieron a servir por diversos hospitales” (LOYOLA, 1947, p. 460). O motivo da reunião em Veneza foi para que se prepararem para a importante viagem à Terra Santa. Mas como as naus venezianas, que faziam essa travessia, só partiriam depois de Pentecostes, os peregrinos teriam um tempo de espera

que seria utilizado fazendo obras de caridade e apostolado, permanecendo em Veneza até a primavera, servindo nos hospitais. Inácio quis que os que desejavam ser apóstolos começassem sendo enfermeiros.

Chegando a primavera, começaram os peregrinos a se preparar para a viagem a Jerusalém e, como já sabiam, para serem bem acolhidos na Palestina deveriam levar a permissão ou a benção Pontifícia. “Después de dos o tres meses salieron todos para Roma e recibir la bendición del Pontífice para passar a Jerusalén” (LOYOLA, 1947, p. 463).

Só Inácio se absteve da viagem, pois:

[...] julgava que sua presença na corte Pontifícia podia causar estorvos, já que nela tinham grande influência João Paulo Carafa, já cardeal, e o Doutor Pedro Ortiz. Não esquecia que em Paris, Ortiz o denunciara ao Inquisidor como sedutor de estudantes, a quem ensinava no retiro e na solidão, doutrinas suspeitas; e em Veneza as relações com Carafa não haviam sido muito cordiais. Pensou, pois prudentemente que, se ele se apresentasse na Cidade Eterna, esses altos personagens podiam ventilar novamente as suspeitas que antes tinham concebido contra ele, e a empresa da Palestina se atrasaria. Por isso preferiu ficar em Veneza, estudando teologia e assistindo aos enfermos (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 417).

Chegando em Roma, os nove foram falar com o Papa Paulo III que os recebeu de braços abertos, notando grande erudição e modéstia entre eles. Eles pediram a benção ao Papa para viajarem para Jerusalém, que não hesitou em conceber, mas que os advertiu das dificuldades que enfrentariam pois os venezianos estavam armando uma guerra contra os turcos, e que segundo Garcia-Villoslada (1991, p. 419), o Papa ainda

concedeu aos que ainda não eram sacerdotes a faculdade de serem ordenados, inclusive fora das tēmporas, por qualquer bispo, em três domingos ou dias festivos consecutivos, e aos que já o eram, a faculdade de ouvir confissões e absolver de todos os casos reservados aos bispos. Por cúmulo de benevolência, deu-lhes com toda a espontaneidade uma esmola de 60 ducados.

Ao voltarem para Veneza, em princípios de maio, contaram a Inácio sobre o êxito da viagem e de como tinham sido bem recebidos pelo Romano Pontífice, o que deixou Inácio profundamente alegre e cheio de esperanças. Enquanto estavam em Veneza receberam as Ordens sacras, os que ainda não eram sacerdotes, começando por Inácio. Renovaram os votos que haviam feitos em Montmartre:

Los compañeros tornaron a Venecia del modo que habían ido, a saber, a pie y mendigando, y repartidos em tres grupos, y em tl modo, que siempre eran de diversas naciones. Allí em Venecia se ordenaron de missa los que no estaban ordenados, y les dió las licencias el Nuncio, que entonces estaba em Venecia, que después se llamó el Cardenal Verallo. Se ordenaron a título de pobreza, haciendo todos voto de castidade y pobreza (LOYOLA, 1947, p. 474-475).

Se até então sempre tinham ensinado a doutrina cristã e pregado o Evangelho por todas as partes por onde passavam, agora que se tornaram sacerdotes, redobram ainda mais a atividade apostólica e o fervor do seu zelo, sem deixar a assistência diária aos enfermos. A pobreza com que viviam, de pura esmola e distribuindo entre os pobres e enfermos o que lhes sobrava, servia de exemplo de edificação para todos.

Esperaram por aproximadamente um ano a possibilidade de partirem para Jerusalém, o que não aconteceu. Os peregrinos que não sabiam ficar ociosos, pediram audiência ao Papa Paulo III e, mais uma vez, voltaram para Roma para oferecer seus trabalhos para o que fosse preciso ao serviço da Igreja.

Después, acabado el año, y no encontrando-se pasage, determinaron ir a Roma; y hasta el peregrino, porque la otra vez que los compañeros habían ido, aquellos dos, de los cuales él dudaba, se habían mostrado muy benévolos. Fueron a Roma divididos em tres o cuatro grupos, y el peregrino, com Fabro y Laínez; y em este viaje fué muy, especialmente visitado de Dios (LOYOLA, 1947, p. 494-497).

Foram recebidos com amabilidade e imediatamente lhes foi indicado um lugar de trabalho. Inácio ficou responsável por aplicar os Exercícios Espirituais a

pessoas influentes que poderiam ser alavancas eficazes do movimento de reforma iniciado por Paulo III.

Inácio, desde o momento que recebeu a ordenação sacerdotal, ainda não havia celebrado nenhuma missa, pois a sua devoção ao mistério do nascimento de Jesus, fazia esperar que estando na Palestina, no lugar onde nasceu Jesus pudesse celebrar sua primeira missa. Esperou um ano e meio com o ardente desejo de fazer a viagem a Jerusalém, mas com a impossibilidade da travessia à Terra Santa, ofereceu pela primeira vez o Santo Sacrifício na basílica romana de Santa Maria Maior, onde haviam venerações desde o século V no presépio que conservava relíquias do autêntico presépio de Belém. A data dessa primeira missa foi por ele mesmo relatado em uma carta no dia 2 de fevereiro de 1539 aos senhores de Loyola: “No passado dia de Natal, na Igreja de Nossa Senhora a Maior, na capela onde está o presépio onde foi posto o menino Jesus, com sua ajuda e graça eu disse minha primeira missa” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 449).

O Papa Paulo III, que conhecia bem o valor de Inácio e seus companheiros, desejou mantê-los em Roma, onde a necessidade de uma renovação religiosa era tão manifesta. “Com a bula *Regimini militantis Ecclesiae*, de 27 de setembro de 1540, Paulo III adjudicou-se mais um título de glória para o seu glorioso pontificado, que marcou o início de uma nova era na história da Igreja” (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 457).

Com a aprovação pública da Companhia de Jesus mediante a bula *Regimini militantis Ecclesiae*,

A Companhia foi aprovada como ordem Regular Clerical, cuja finalidade era a promoção da mentalidade e vida cristã, a propagação da fé por pregação, exercícios espirituais, catequese cristã, atendimento de confissões, e outras obras de caridade. Além da castidade, e da obediência para com os superiores, os membros deviam fazer voto também de pobreza, mas a obrigação de pobreza não era aplicável, quando se tratava da manutenção dos estudantes da Ordem. Ademais, os componentes ligavam-se ao Papa, por um quarto voto especial, para irem onde quer que ele os quisesse enviar, aos Turcos, ao Nôvo Mundo, aos luteranos, ou para outro lugar qualquer (TUCHLE, 1971, p. 135).

É verdade que na bula se traçavam as linhas mestras que deviam sustentar o edifício, mas era preciso dar àquele organismo nascente um centro vital de unidade, um espírito próprio e vivificante, uma forma substancial e, como elemento social, uma cabeça diretora, um chefe dotado de autoridade. Foi esse motivo que levou Inácio, já reconhecido por todos, como Superior Geral da Companhia de Jesus.

### **3.2. A Companhia de Jesus na Espanha**

A Companhia de Jesus não provocou, de início, na coroa espanhola um impacto tão forte como em outras nações europeias, particularmente em Portugal. Os jesuítas tinham um estilo de reforma que impressionava os cristãos de países católicos em que os valores cristãos estavam enfraquecidos e abandonados por culpa do clero, desde a Idade Média. A boa nova anunciada pelos servos da Companhia de Jesus era isenta de formalismos rotineiros ou meramente rituais. Inácio de Loyola, pregando a reforma católica com palavras vivas, claras, simples e ardentes, fazia com que as pessoas sentissem a luz da graça e se convertessem a Deus, movidos pelos seus exemplos, que levavam uma vida muito espiritual e praticavam o que pregavam.

De início, o impacto da Companhia não foi tão forte na Espanha porque já se estava enraizada a ignorância religiosa no clero e no povo o que fez demorar mais tempo o triunfo da ordem religiosa.

Segundo Aguilar (2002, p. 97):

O estabelecimento da Companhia de Jesus na Espanha aconteceu no ano de 1543, quando da chegada do irmão Francisco de Villanueva a Alcalá e do despacho, por parte de

Inácio de Loyola, do padre Antonio de Araoz com seis companheiros para Portugal, passando por Espanha em 1544<sup>18</sup>.

Inácio enviou à Espanha os padres Pedro Fabro e Antonio Araoz sob aceitação de Dom João III de Portugal. As qualidades pessoais desses dois padres eram diferenciadas. Fabro era muito hábil em explicar os Exercícios inacianos, enquanto Araoz possuía eloquência para orientar a renovação das almas. Os dois não se descuidavam de praticar os ensinamentos de Inácio, não deixavam de ensinar a doutrina cristã às crianças, faziam visitas aos doentes nos hospitais, pregavam nas paróquias, estavam sempre a serviço das almas que quisessem experimentar ser tocadas pela graça divina.

Em uma carta enviada a Inácio, Fabro dizia em 23 de maio de 1545:

Por ser hoje véspera de Pentecostes, em que mais apertam os negócios das almas, eu não posso me alongar em escrever... Alojaram-nos, por ordem do Príncipe e da Princesa, junto à Igreja de Nossa Senhora la Antigua... Temos a esperança de que nossa vinda para cá seja de muito serviço de Cristo nosso Senhor, tendo para tudo tanto favor, que é de se louvar sua Divina Majestade. O Príncipe e a Princesa e o Cardeal de Toledo estão muito a par de nossas coisas, e muito afeiçoados a elas (GARCIA-VILLOSLADA, 1991, p. 659)

Um dos que com afeto e simpatia se aproximou dos apóstolos de Cristo, foi o Doutor Juan Bernal Diaz de Luco, conselheiro das Índias e do Cardeal Tavera. Como conselheiro das Índias, pediu a Inácio de Loyola que mandasse às Índias alguns missionários, portadores do Evangelho aos povos recém descobertos. Inácio respondeu com profundo pesar que, sendo poucos os elementos disponíveis e todos muito atarefados sob a ordem do Papa, não podia dispor deles sem sua autorização (GARCIA-VILLOSLADA, 1991).

---

<sup>18</sup> Ainda segundo Aguilar (2002), os sete jesuítas chegaram a Barcelona em janeiro de 1544, passando por Valença, Gandía e Madrid, chegaram a Coimbra no mês de março. Neste breve, contudo importante, período na Espanha, travou-se contato com o vice rei dom Juan Fernández Manrique e principais de Barcelona, com dom Pedro Domenech de Valença, com o duque Francisco de Borja de Gandía e com as infantas do Imperador em Madri. Contatos importantes que resultaram no conhecimento dos membros da Companhia e no interesse de acolhê-los.

### 3.3. A presença da Companhia de Jesus na América Espanhola

A formação da Companhia de Jesus no século XVI marcou uma clara etapa de renovação das metodologias de evangelização ou transmissão do credo religioso do catolicismo. O espírito desbravador marcou a vida de Inácio de Loyola, o principal fundador da Companhia, como também uma resposta à Reforma Protestante de Lutero, e sua projeção aos territórios americanos foi marcado pela mesma dinâmica.

As missões jesuíticas na América espanhola começaram em 1566, quando chegaram os primeiros missionários jesuítas na Flórida. (AGUILAR, 2002). Depois, em 1568, também passaram a atuar no Peru, e posteriormente em Tucumán e no Paraguai.

Com a chegada dos padres ao Peru, eles desenvolveram um tipo de ação evangelizadora que se denominou “missão”, ou seja, um avanço sobre zonas indígenas não catequizadas ou sobre centros urbanos de espanhóis, onde por um tempo, se pregava e em seguida retornava à residência central.

De acordo com Gutierrez (1987, p. 08):

A crise organizativa que se encontrava o Peru no último terço do século XVI, a exploração indiscriminada do indígena pelos conquistadores, a carência e debilidade das ordens religiosas, a falta de controle administrativo e tributário e a insuficiência da ação missionaria levaram o vice-rei Francisco de Toledo a organizar “reduções” de indígenas.

A ideia da formação das reduções parte tanto de uma experiência anterior exigida pelo vice-rei Toledo no Peru, quanto ao próprio sistema da Companhia de Jesus. “Nessa atuação, aos interesses da monarquia espanhola e das autoridades locais somava-se aos desejos missionários dos jesuítas de cristianizar os nativos” (QUADROS, 2012, p. 71).

Para Franzen, é importante considerar que os jesuítas:

[...] não desejavam simplesmente impor o modelo europeu igual o que se se apresentava na época. [...] os jesuítas desejavam aperfeiçoar um modelo de igualdade entre os indivíduos, em que a liberdade cristã e a disciplina, considerada pelos jesuítas indispensável para controlar os excessos da liberdade indígena, não implicassem falta de respeito ao indivíduo (FRANZEN, 2005, p. 37).

As questões relativas à disputa de fronteiras entre as coroas espanhola e portuguesa despertou muitos conflitos entre as frentes de expansão missionária e os colonizadores em relação aos povos nativos. A preocupação com a conquista dos indígenas fez com que, além da aplicação de métodos violentos, o Estado se descuidasse dos desvios que a dinâmica interna do colonialismo gerou, ocasionando um extermínio indiscriminado de índios nas diferentes regiões da América (SCHALLENBERGER, 2015).

A intenção missionária ocupou-se, portanto, na urgente necessidade de estabelecer a paz entre os colonos e índios como condição para que a evangelização pudesse ser levada a efeito. Montoya expressa muito bem isso quando diz: “mi pretensión es poner paz entre españoles y índios, cosa tan difícil, que em más de cien años que se descubrieron las Indias Occidentales hasta hoy no se há podido alcanzar” (MONTROYA, 1892, p. 14).

### **3.4. O Método Pedagógico Jesuítico**

Para compreender o método pedagógico da Companhia de Jesus, é necessário situar-se na época, e principalmente compreender o espírito de Santo Inácio. Foi baseado nos Exercícios Espirituais<sup>19</sup> e nas experiências de seu fundador, que se iniciou o apostolado educacional da Companhia (SCHMITZ, 1994).

---

<sup>19</sup> Nos Exercícios Espirituais, cada um tem a possibilidade de descobrir que, embora pecador, ele ou ela, é particularmente amado por Deus e convidado a responder a esse amor. Esta resposta começa com o reconhecimento do pecado e suas consequências, o dar-se conta de que o amor de Deus supera o pecado, e o desejo desse amor compassivo e redentor. A libertação para responder é possível graças à crescente capacidade de reconhecer e superar, com a ajuda de Deus, todos os fatores internos e externos que impedem uma resposta livre (Características da Educação da Companhia de Jesus, 1987, p. 87-88).

O objetivo inicial da Companhia de Jesus, tal como autorização dada em 1540 pelo Papa Paulo III através da Carta Apostólica *Regimini Militantis Ecclesiae*<sup>20</sup> “seria a de formar bons soldados da Igreja de Roma, capaz de combater na Europa a heresia e os rebeldes, e no resto do mundo, converter os pagãos” (MAIA, 1986, p. 6)

A Companhia de Jesus, em seu projeto inicial, não tinha o objetivo de desenvolver o trabalho de ensinar a quem precisasse. “Ensinar a ler e a escrever seria também obra de caridade, se a Companhia tivesse tanta gente que pudesse acudir a tudo, [...] que por falta de pessoal não se ensinará” (LOIOLA, 1975, p. 159).

Embora de início, Santo Inácio e seus companheiros não julgassem ser apostolado da Companhia dedicar-se a oferecer educação, não convém esquecer, contudo, que todos eles eram formados pela Universidade de Paris e tinham, portanto, condições de pensar o apostolado educacional de maneira mais intelectual, diferentemente da maioria dos fundadores e iniciadores de ordens religiosas que, em geral, não tinham essa formação superior e, portanto, não compreendiam tão bem o valor da educação (SCHMITZ, 1994, p. 9)

Como a intenção da Companhia era crescer rapidamente em números de membros que dela faziam parte, e não havendo muitos adultos formados e doutos, Inácio convenceu-se que era necessário admitir também adolescentes, a serem ainda formados para posteriormente serem admitidos como membros da Ordem (LUCKÁS, I, 1965:6, apud SCHMITZ, 1994).

Segundo Maia (1986) entre os anos de 1541 e 1546, algumas casas de estudo da Companhia transformaram-se em casas de ensino. A criação dessas casas de ensino estavam vinculadas a Universidades públicas, que serviam como espécie de internato, solucionando o problema da falta de membros da Companhia, que ainda não possuía pessoal suficiente para assumir escolas

---

<sup>20</sup> “Todo aquele que pretender alistar-se sob a bandeira da cruz, na nossa Companhia, que desejamos se assinalar com o nome de Jesus, para Combater por Deus e servir somente ao Senhor e ao Romano Pontífice, seu vigário na terra, depois do voto solene de perpétua castidade persuada-se que é membro da Companhia”- PAULO III DA CARTA APOSTÓLICA *REGIMINI MILITANTIS ECCLESIAE*, DADA A 27 DE SETEMBRO DE 1540 (LOIOLA, 1975, p. 19)

próprias, mas que com essa estratégia multiplicava a formação de novos membros, sem grandes investimentos em pessoas e recursos (SCHMITZ, 1994).

Não demorou para que o êxito dos primeiros trabalhos favorecessem o crescimento rápido dos colégios da Companhia de Jesus em diferentes partes da Europa (ASSUNÇÃO, 2013). Tais resultados motivaram ainda mais os padres jesuítas a se dedicarem ao trabalho da educação<sup>21</sup>.

Foi o próprio Inácio, que ao escrever as Constituições se preocupou em dar as diretrizes para a educação dos jovens que estavam sendo formados, incluindo os princípios educacionais conduzindo o trabalho que deveria ser realizado nos colégios<sup>22</sup>.

Embora Inácio tivesse interesses pelo ensino, utilizou da criação de colégios<sup>23</sup> para a formação de jovens que pretendiam ingressar na Companhia, como também para disseminar o espírito vocacional. Sendo assim:

[...] colégios não devem ajudar a instruir-se nas letras e nos bons costumes só os próprios Escolásticos, mas também os de fora, onde conveniente se puder fazer, instituam-se aulas públicas ao menos de estudos humanísticos, e mesmo de estudos superiores, conforme as possibilidades que houver nas regiões onde se encontram tais colégios, tendo sempre em vista o maior serviço de Deus Nosso Senhor (LOIOLA, 1975, p. 145-146).

Para manter os colégios e os estudantes, de acordo com a Bula Papal<sup>24</sup>:

<sup>21</sup> Francisco Xavier, escrevendo de Goa na Índia, em 1542, se mostrava entusiasmado com os resultados que estavam obtendo os Jesuítas que lá ensinavam no Colégio de São Paulo. Inácio respondeu incentivando o seu esforço. Havia sido estabelecido um colégio em Gandía, na Espanha, para a formação dos que desejavam entrar na Companhia de Jesus. Em 1546, por insistência dos pais, começou a admitir também outros jovens da cidade. O primeiro “Colégio da Companhia”, no sentido de uma instituição voltada principalmente para leigos, foi fundada em Messina, na Sicília, apenas dois anos mais tarde. Quando se viu claro que a educação era, não só um meio apto para o desenvolvimento humano e espiritual, mas também um instrumento eficaz para a defesa da fé atacada pelos reformadores, o número dos colégios da Companhia começou a crescer rapidamente (Características da Educação da Companhia de Jesus, 1987, p. 92-93).

<sup>22</sup> [...] Inácio reviu parcialmente a parte IV da *Constituição* para incluir os princípios educacionais. Esta seção das Constituições é, portanto, a melhor fonte para se conhecer o pensamento explícito e direto de Inácio sobre o apostolado da educação, embora tenha sido escrita em grande parte antes que ele percebesse o importante papel que a educação iria desempenhar no trabalho apostólico dos jesuítas (Idem, p. 94).

<sup>23</sup> A fundação dos colégios em Goa, Messina e Palermo serviu de inspiração para a criação do Colégio Romano, em Roma, no ano de 1551, com o intuito de que se transformasse em uma escola modelo para todas as demais da Companhia (TOLEDO, 2013).

<sup>24</sup> Bula *Regimini militantes Ecclesiae* de 1540.

A companhia receberá a propriedade dos colégios com os bens temporais que lhe pertencem, e nomeará para eles um Reitor que tenha o talento mais apropriado ao ofício. Este assumirá a responsabilidade da conservação e administração dos bens temporais, olhará pelas necessidades tanto do edifício como dos Escolásticos que residem nos colégios ou se preparam para neles ir viver, bem como dos que tratam os assuntos dos mesmos, mas residem fora deles (LOIOLA, 1975, p. 129).

A partir da criação dos colégios, tendo como principal fim a formação de jovens nas disciplinas “convenientes a leva-los ao conhecimento e amor ao Criador e Redentor” (FRANCA, 1986, p. 32), tornando-se integrantes da Companhia de Jesus, Inácio se preocupou, assim como já começado na *Constituição*, em desenvolver um método pedagógico específico, chamado *Ratio Studiorum*<sup>25</sup>.

Segundo Assunção:

[...] esse documento, elaborado pelo Pe. Jerônimo Nadal foi iniciado em Messina e passaria a ser utilizado como referência para as discussões sobre a organização dos planos de estudos. O documento orientava sobre a estruturação de um colégio, a divisão dos cursos, os horários das classes, a matéria e os autores a serem apresentados e estudados, bem como os exercícios e exames. Além disso, apresentava os conteúdos mínimos a serem contemplados durante os cursos oferecidos (ASSUNÇÃO, 2013, p. 38).

Toledo analisa a estrutura geral do Ratio como sendo:

O documento de um conjunto de regras destinadas à organização dos estudos nos Colégios da Ordem. É destinado, também, a dar parâmetros para os estudos, avaliar as responsabilidades e atribuições e, ainda, reger as formas de avaliação e promoção nas escolas – estabelecendo metas, objetivos e procedimentos universais. As regras sempre partem do superior na hierarquia para chegar depois aos inferiores. [...] Esse procedimento já

---

<sup>25</sup> As primeiras versões do documento foram baseadas, como Inácio havia desejado, nas “Regras do Colégio Romano”. Uma comissão internacional de seis jesuítas foi nomeada pelo Padre Geral Rodolfo Acquaviva. Reuniram-se em Roma para adaptar e modificar estas versões provisórias, baseando-se nas experiências de outras partes do mundo. Em 1586 e de novo em 1591, este grupo publicou versões mais completas que foram largamente distribuídas para comentários e correções. Mais intercambio novas reuniões de comissão e trabalho de redação, resultaram finalmente na publicação da *Ratio Studiorum* no dia 8 de janeiro de 1599 (Características da Educação da Companhia de Jesus, 1987, p. 97).

revela o forte senso de hierarquia e extrema valorização da disciplina como condição de aprendizagem. Tais procedimentos, além de refletirem uma visão de mundo em transformação, evidenciam a própria configuração da pedagogia moderna (TOLEDO, 2013, p. 19).

A educação necessária para a formação do “homem ideal” recorrente do processo de transformações humanista e renascentista do século XVI se pautava num conjunto de estudos que recebeu o nome de humanidades, pois transformavam, os que a eles se dedicavam, em homens educados, afáveis, lhanos, acessíveis e tratáveis (FRANCA, 1986).

Vivendo esse processo de mudanças político e religioso<sup>26</sup> que a Europa enfrentava no início do século XVI,

[...] a Companhia de Jesus floresceu neste contexto de transformações, indicando a necessidade de reformulação do cristianismo quanto à centralização da Igreja, principalmente da política papal, da qual a Companhia se tornou um instrumento e um dos seus melhores sustentáculos (ASSUNÇÃO, 2013, p. 34).

Com o intuito de defender os valores cristãos que estavam sendo questionados pelos movimentos protestantes que se propagavam na Europa, o ensino secundário, na concepção do Ratio, deveria:

[...] ser essencialmente humanista, pendendo mais para a arte que para a ciência. [...] todo esforço do educador deve concentrar-se, nesta fase da vida, em desenvolver as capacidades naturais dos jovens, em ensinar-lhe a servir-se da imaginação, da inteligência e da razão para todos os misteres da vida. [...] o raciocínio seguro, o critério de apreciação dos homens, a capacidade de expressão exata, bela e enérgica de uma alma harmoniosamente desenvolvida representam aquisições humanas de valor perene (FRANCA, 1986, p. 26).

---

<sup>26</sup> Em 1517, o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546) afixou à porta da catedral de Wittenberg as 95 proposições contra o comércio das indulgências, questionando a autoridade da Cúria Romana. Tal ato de insubordinação fez com que o Papa Leão X (1475-1521) viesse a excomungá-lo, em 1520. O movimento de fragmentação do seio da sociedade europeia fazia-se presente, o número de protestantes aumentava, enquanto os católicos sentiam o abalo promovido pela onda de movimentos sociais (ASSUNÇÃO, 2013, p. 34).

Sobre as matérias que iriam determinar o currículo das aulas na formação dos jovens nos Colégios da Companhia, Inácio, logo no início do capítulo V da quarta parte da Constituição se preocupa em esclarecer que seria de extrema importância “os estudos humanísticos<sup>27</sup> de várias línguas, a lógica, a filosofia natural e moral, a metafísica, a teologia escolástica e positiva, e a Sagrada Escritura” (LOIOLA, 1975, p. 137).

Para Miranda (2012), o programa escolar jesuítico, destinado a formar os futuros jesuítas como também os leigos:

[...] era um programa interdisciplinar. Aliava o tradicional ensino de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C) e da teologia tomista ao saber humanístico das mais modernas tendências europeias. O currículo de estudos, previsto pela *Ratio*, não desprezava as letras humanas e as artes liberais. Pelo contrário, erguia-as à qualidade de estudos superiores, na classe da Retórica, fazendo da eloquência o coroamento supremo dos estudos, à semelhança do modelo escolar greco-romano.

A nova concepção de Retórica, presente na *Ratio* – uma retórica não já encarada como uma técnica, mas como integração dos saberes e princípio unificador de cultura -, é um dos maiores distintivos do programa da *Ratio*, que mais contribuiu para a configuração intelectual dos seus destinatários (MIRANDA, 2012, p. 179).

A importância do esforço apresentado pela Companhia de Jesus, no que tange a um programa de ensino que pensasse no educando em sua mais plena totalidade, é objeto de ampla discussão em diversos estudos específicos sobre o ensino jesuítico e sua influência na colonização dos territórios ultramar, realizados pelas potências europeias, em meados do século XVI.

Um estudo mais detalhado sobre o princípio educacional jesuítico é sempre necessário ao tentarmos compreender as significativas mudanças políticas ocorridas na Europa no período moderno.

O homem necessitava de uma educação adequada à perspectiva histórica, cheia de contrastes que exigiam soluções. Os humanistas procuraram repensar os filósofos antigos, a fim de integrá-los no horizonte cristão que se ampliava. O homem

---

<sup>27</sup> Por estudos humanísticos entende-se a retórica além da gramática.

avançava pelo Oceano Atlântico e encontrava regiões desconhecidas do Oriente e da América. As certezas eram postas à prova. Tudo passava por profundas transformações, como a unidade política, religiosa e espiritual da Europa (ASSUNÇÃO, 2013, p. 33).

O presente trabalho não busca debruçar-se especificamente sobre o método pedagógico jesuítico contido nas orientações do *Ratio Studiorum e das Constituições da Companhia*, visto que essa temática é amplamente estudada por vários pesquisadores da História da Educação. A análise desejada é traçar um esboço geral do panorama organizacional do início da ação evangelizadora da Companhia de Jesus na Europa, e como essa ação missionária é incorporada nos desejos dos Reis da Espanha e Portugal nos domínios coloniais presentes no começo do século XVI.

Em Portugal, a necessidade de ordenar a vida religiosa, devido a presença de cristãos novos e muçulmanos, e o desafio de garantir o domínio cristão sobre o império lusitano disperso pelo mundo, fez com que o monarca português D. João III convidasse religiosos da Companhia de Jesus para atuarem em seu império territorial (ASSUNÇÃO, 2013).

Na Espanha, os trabalhos dos padres da Companhia de Jesus não tiveram uma aceitação tão desejável quanto no reino português. Houve resistências por parte das autoridades eclesiásticas espanholas e do Conselho das Índias. Essa objeção se deu pela legislação espanhola que ordenava aos reis confiarem a evangelização das novas terras descobertas somente aos dominicanos, franciscanos, agostinianos e carmelitas<sup>28</sup>.

Foi necessário o envio do comissário e Padre geral da Companhia, Francisco de Borja, para agradar o Rei “Felipe II que autorizou o ingresso da Companhia na América espanhola, com a Cédula real de 3 de março de 1566” (AGUILAR, 2002, p. 103).

---

<sup>28</sup> A Bula Pontifícia *Omnimoda* do Papa Adriano VI, de 9 de maio de 1522, designava uma série de disposições reais e pontifícias definindo quanto ao envio de religiosos à América Espanhola (AGUILAR, 2002, p. 102)

## 4. A PRESENÇA JESUÍTICA NA PROVÍNCIA DO PARAGUAI

### 4.1. Fontes documentais para a análise do ensino praticado pelos jesuítas na região do Guairá entre os anos de 1609 a 1632.

Esta pesquisa busca analisar *As Cartas Ânuaas*<sup>29</sup>, escritas pelos padres jesuítas e enviadas aos padres Provinciais em Roma no período de 1609 a 1632. Documentos esses de suma importância para entender os trabalhos missionários jesuíticos na região do Guairá.

Foram utilizadas para o estudo, cópias das *Cartas Ânuaas*, feitas através de reprodução fotográfica e guardadas na biblioteca do *Colégio del Salvador*, na cidade de Buenos Aires, Argentina. As Cartas originais, encontram-se no arquivo geral da Companhia de Jesus em Roma.

É importante ressaltar que as cartas jesuíticas possuem uma estrutura formal e uma ligação a tradição da *ars dictaminis*<sup>30</sup>. Neste trabalho, busca-se manter a mesma direção, não apenas com o interesse de acrescentar aspectos dos conflitos ideológicos e sociais, mas buscando seguir as orientações de Alcir Pécora, que, em seus estudos e análises sobre as cartas jesuíticas, resalta que as “cartas são produzidas como um instrumento decisivo para o êxito da ação missionária jesuítica, de tal modo que as determinações convencionais da tradição epistolográfica, sedimentam sentidos adequados aos roteiros do mapa retórico do progresso da conversão” (PÉCORA, 1999, p. 373).

---

<sup>29</sup> Escrever cartas faziam parte das atividades da Companhia de Jesus. As *Constituições da Companhia de Jesus*, aprovadas em 1556, determinavam que os jesuítas que estivessem em missão escrevessem cartas/relatórios a cada quatro meses. Com o tempo, e com o volume maior de atividades, decidiu-se pela escrita de cartas anuais, daí o fato desses documentos receberem o título de Cartas Ânuaas.

<sup>30</sup> Arte de redigir documentos ou cartas. Trata-se de um conjunto de regras práticas, sistematizadas, para estatuir a redação de um texto formal, de carácter administrativo, segundo uma prática ligada ao estudo da retórica, tal como este estudo estava estabelecido na Idade Média. De notar que a prática de *dictare* se refere, em aplicação rigorosa à literatura, à arte de *escrever obras poéticas*, o que é testemunhado pelo uso que Dante faz do termo *dictador*, referindo-se aos poetas trovadores. E. Curtius: *La Littérature européenne et le Moyen Age latin*, 2 vols. (1956).

Também são utilizadas como fonte primária do estudo, o livro *Conquista Espiritual*, escrito por Antonio Ruiz de Montoya, um dos principais defensores dos indígenas no Guairá, e a obra de Jaime Cortesão, *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*.

Como fontes secundárias, fez-se o levantamento de referências bibliográficas que abordassem a temática proposta e auxiliassem na pesquisa. A pesquisa de mestrado de Nádia Moreira Chagas, defendida na Universidade Estadual de Maringá, que analisa a história do Guairá no final do século XVI e início do século XVII, destaca as relações interculturais nos conflitos dos índios de origem Guarani, contra os interesses de exploração do trabalho dos colonizadores espanhóis e a importância do trabalho dos padres jesuítas na difícil relação entre interesses dos exploradores e explorados. A pesquisa ainda relata os acontecimentos históricos da presença dos bandeirantes paulistas no interior do Guairá e os violentos conflitos resultantes do encontro de índios e missionários jesuítas com os bandeirantes paulistas.

No terceiro capítulo de sua dissertação, Chagas (2010), levanta questões relacionadas aos jesuítas e indígenas na colonização do Guairá, e analisa de forma ainda que breve o sistema educacional nas Reduções. Sua preocupação com a temática da educação se dá mais voltada para a descrição do desenvolvimento do ensino de técnicas para a agricultura e até mesmo sobre o ensino da língua, deixando de lado aspectos relevantes como a maneira que ensinavam as crianças, o que ensinavam e outras questões pertinentes ao currículo pedagógico praticado pelos jesuítas.

Outra importante referência historiográfica é a tese de doutorado "*Conquista Espiritual*" *A história da evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya* do professor Jurandir Coronado Aguilar, defendida da Universidade Gregoriana em Roma. O trabalho traz um extenso referencial bibliográfico, como cartas, documentos do arquivo jesuítico em Roma, entre

outros dados extremamente relevantes para entender a realidade do Guairá, obra que rendeu ao autor o Premio Bellarmino<sup>31</sup> em 2001.

Aguilar, busca na obra de Montoya, explicações para os motivos que levaram homens missionários com tanta determinação e interesse para o espaço geográfico do Guairá, o que, segundo o próprio autor, o “motivou na elaboração da pesquisa, articulando acontecimentos, protagonistas, processo evangelizador, produção literária e influxos na própria atualidade da evangelização” (AGUILAR, 2002. p. 421).

A justificativa para a pesquisa de Aguilar e o que destaca como novo em sua tese é a correlação entre o impulso missionário jesuíta e a construção da Província do Guairá. Seu intuito é muito mais teológico, pois oferece um quadro elucidativo do patrimônio apostólico da época, cujas repercussões são evangelicamente eficazes para a atualidade, pois estimula o resgate da história em busca de uma evangelização mais condizente aos anseios humanos e à tradição eclesial.

A pesquisa de Saul Bogoni, retrata aspectos parecidos ao estudo feito por Aguilar. Ela retrata uma abordagem analítica do discurso de resistência na obra “Conquista Espiritual” de Antonio Ruiz de Montoya, mais especificamente a ação de defesa dos índios feita pelos padres jesuítas na região do Guairá. A perspectiva proposta na dissertação faz “análise da obra de Montoya sob o ponto de vista contemporâneo, destacando elementos que podem esclarecer pontos importantes sobre os embates entre a colonização espanhola e portuguesa nesta região ressaltando o papel da Companhia de Jesus” (BOGONI, 2008) e conclui enfocando a ação catequética e a resistência discursiva feita por jesuítas e líderes indígenas contra os colonizadores.

No acervo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, uma instituição de ensino superior jesuítica, localizada na cidade de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, encontra-se uma coleção de estudos apresentados nos Simpósios Nacionais de Estudos Missionários realizados entre 1975 e 1997. Ao todo são uma

---

<sup>31</sup> O Premio Bellarmino é um estímulo a investigação científica que promove as duas melhores dissertações defendidas na Pontifícia Universidade Gregoriana todos os anos.

sequência de onze *Anais*, a mesma quantidade de Simpósios realizados nesse período. A publicação desses trabalhos ficou a cargo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco de Santa Rosa, onde a apresentação dos temas e problemas, concebidos em torno de eixos temáticos, se caracterizou pela transversalidade e pelas mais variadas formas de abordagem. Os conteúdos publicados nos *Anais* é de grande relevância como fonte documental, muito utilizada por pesquisadores de História, de Antropologia e Educação entre outras áreas que estudam as missões jesuíticas.

Para uma melhor seleção dos estudos publicados nos *Anais*, tomou-se como base a análise realizada por Erneldo Shallenberger que sistematizou os temas e problemas desenvolvidos, a fim de possibilitar a apreensão dos conteúdos e a leitura das tendências que marcaram os estudos missionários.

Schallenberger em sua dissertação de Mestrado, *As missões jesuíticas do Guairá: a defesa do índio no processo da colonização do Prata*, defendida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no ano de 1986, aborda a região do Guairá estudando as missões jesuíticas e identificando as mudanças de hábitos e costumes dos índios sob a influência dos colonizadores. Seu objetivo foi buscar elementos identificadores da cultura latino-americana, o que o levou a reconstruir os processos a partir de cenários múltiplos para regimentar as formas de produção e organização sociocultural decorrentes do conjunto de relações que as sociedades tribais e a sociedade de conquista operaram entre si.

A consulta a outros três importantes arquivos brasileiros foi feita para o auxílio do estudo da problemática levantada no presente trabalho, o Arquivo Nacional (NA), a Biblioteca Nacional (BN) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), situados no Rio de Janeiro. Após pesquisa na base de dados dos respectivos arquivos, encontramos o livro de Miranda Neto intitulado: *A utopia possível: Missões Jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767, e seu suporte econômico-ecológico*. O texto de Neto é uma avaliação da formação das missões, da sua eficiente organização, baseado em novas pesquisas que enriquecem a bibliografia desses problemas históricos da época.

No tocante aos arquivos Internacionais, encontra-se no *Archivum Romanum Societatis Iesu*, em base de dados virtuais, a obra *Misiones y sus pueblos de guaranies*, de Guilherme Furlong, publicada em 1962 na Argentina. Essa obra traz referências e documentos e textos relevantes sobre a formação das Reduções e o modelo de educação praticada pelos padres jesuítas na missão do Guairá<sup>32</sup>.

A partir de todo esse levantamento e seleção de fontes, encontrou-se subsídios que revelaram o processo do trabalho missionário no Guairá, identificando os elementos que colaboraram para que a prática pedagógica dos missionários jesuítas tivesse efeito relevante na defesa dos índios e o que essa formação contribuiu para o fortalecimento do Estado Espanhol na tentativa de expansão territorial e fixação de fronteiras por meio das reduções.

#### 4.2. Os jesuítas na Província do Paraguai

Foi por meio da bula *Inter Coetera*, concedida pelo Papa Alexandre VI, em 4 de maio de 1493, dando a concessão da conquista espiritual da América, que os reis católicos começaram a organizar a ação missionária<sup>33</sup>, com ajuda das principais ordens religiosas na época, franciscanos, dominicanos, agostinianos e carmelitas<sup>34</sup> (SCHALLENBERGER, 2015).

---

<sup>32</sup> De solo los documentos fichados en el Archivo General de la Nación, em Buenos Aires, posee el autor un elenco de tres mil piezas, todas ellas atingentes a las Reducciones. Casi toda esa inmensa documentación está ordenada cronológicamente y forma un gran lote de legajos bajo la denominación: *Compañía de Jesús*. (FURLONG, 1962, p. 755).

<sup>33</sup> Já em 1511, o dominicano frei Antônio de Montesinos proclamava em La Espaniola (Santo Domingo), com coragem e intrepidez, a homilia que passaria para a história como a primeira voz profética em defesa dos povos indígenas do Caribe. Montesinos comparou os espanhóis encomenderos aos mouros e turcos, acusando-os de viver em pecado mortal (DELICIM, 2001, p. 29)

<sup>34</sup> Os freis San Buenaventura e Luis Bolanos desencadearam, a partir de 1587, um trabalho missionário que consistia na redução de índios para sua evangelização. As reduções de Altos, Ita e Yaguarán, nas imediações de Assunção, de Caazapa e Yuti, no interland do Paraguai-Paraná, de Atira, nas margens dos rio Jejuy, de Ipané e Pitum, nas imediações do Rio Ipané e de Guarambaré, nas margens do rio que leva esse nome, constituíram-se nos primeiros ensaios concretos de conciliação da evangelização com o ideal de fixação do homem nativo para reduzi-lo aos padrões culturais do homem europeu (SCHALLENBERGER, 2015, p. 123-124)

A chegada dos missionários no interior da América Meridional aconteceu devido o avanço expedicionário dos conquistadores portugueses e espanhóis na busca de desbravar novas regiões. Os primeiros missionários foram impulsionados por um entusiasmo que, segundo Aguilar, era:

místico-aventureiro, que os encorajaram a penetrar os territórios ao sul do vice-reinado do Peru, povoados por tribos nativas, de diversas línguas, deparando-se com estruturas rudimentares de organização, enfrentando todas as surpresas e riscos de uma vida em meio a um habitat selvático (AGUILAR, 2002, p. 113)

Segundo Delcim (2011), a conquista da América teve sempre uma motivação político-religiosa. A luta pela conquista das terras invadidas pelos árabes muçulmanos e o pensamento medieval que, alicerçado na teocracia papal, fazia aliança com os príncipes da cristandade, seria o instrumento eficaz para a propagação do reino de Deus na terra.

Foi devido a União Ibérica, no ano de 1580, depois de uma forte batalha pela sucessão do trono de Portugal, que Felipe II tomou posse do reino lusitano, influenciando os rumos da condução da política governativa na América.

Os reinos da Coroa de Castela na América receberam nos tempos dos Felipes uma clara e detalhada instrução para sua política administrativa. A coroa filipina, em relação ao Brasil, esteve atenta à importância estratégica deste reino como plataforma de defesa contra as ambições da França, Holanda e Inglaterra referente aos reinos da América. O período de 1580 a 1640 é, portanto, fundamental para o assentamento das bases administrativas e defensiva da América, abrindo-se novos caminhos para o interior, buscando-se a fixação de um maior número de colonos e, conseqüentemente, alargando-se o campo de expansão da atividade missionária (AGUILAR, 2002, p. 71).

Assim, neste período, iniciou-se por parte da Companhia de Jesus uma efetiva ação missionária no Paraguai, somando-se as forças das províncias jesuíticas do Brasil e Peru.

[...] O pleito dirigido ao geral da Companhia para que intercedesse junto ao monarca espanhol para liberar a entrada dos jesuítas no

Paraguai foi forçado com a ajuda do bispo de Tucumán, Francisco de Vitória, que contatou a Companhia de Jesus em Lima e o provincial do Brasil, José de Anchieta, para que enviassem padres para a missão em sua jurisdição eclesiástica. (SCHALLENBERGER, 2015, p. 121)

A criação da Província Jesuítica do Paraguai<sup>35</sup> foi uma resposta missionária da Companhia de Jesus, sobre as ações que já estavam sendo tomadas por outras ordens religiosas, de implantação e organização da evangelização no Paraguai<sup>36</sup>.

De início, a Província do Paraguai, não despertou grandes interesses dos colonizadores, pois, não se tratava de uma região rica em ouro e prata. A principal riqueza desse território era a confluência de rios que possibilitava acesso fácil ao oceano atlântico, e em sentido contrário, o ingresso de caminhos que levavam até o Peru. A maior riqueza aos olhos dos evangelizadores estava relacionado às particularidades do povo e da cultura guaraníca (AGUILAR, 2002).

O objetivo principal dos colonizadores locais se fixava na pacificação da região encontrada e a transformação dos nativos em súditos contribuintes da Coroa, na mesma medida que a presença dos padres jesuítas, atendia aos desejos das autoridades coloniais que queriam a conversão dos índios para torná-los dóceis ao domínio colonial.

[...] A monarquia espanhola, ao autorizar a vinda dos padres à América, e seu posterior deslocamento ao Paraguai tinha, como objetivo, conter o extermínio de seus novos súditos, o que vinha ocorrendo pela excessiva exploração feita pelos encomendeiros espanhóis. Com estes motivos e interesses, a atuação jesuítica foi autorizada, determinando-se, inclusive, as áreas onde deveriam formar as reduções. Neste contexto, em 1568, vieram os primeiros jesuítas para o Vice-Reinado do Peru, atendendo ao pedido do Vice-Rei Francisco de Toledo, que a exemplo da própria Monarquia espanhola, procurava interferir na atuação da Companhia (QUADROS, 2012, p. 73).

---

<sup>35</sup> A Antiga Província do Paraguai, inicialmente chamada Província do Paraguai, Chile e Tucumán, corresponde aos territórios hoje ocupados pela Argentina, o Uruguai, o Paraguai, o Chile, a parte meridional da Bolívia e os estados brasileiros do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e do Mato Grosso do Sul (AGUILAR, 2002, p. 113)

<sup>36</sup> [...] los franciscanos crearon las primeras reducciones en el Paraguay. [...] dejaron una huella importante en el modelo de asentamiento del Paraguay (KLEINPENNING, 2011, p.89-99)

Com ordens do padre Juan de Atienza, provincial do Peru (1585-1592), foram enviados os padres Francisco Ângulo, Alonso de Barzana e o irmão coadjutor Juan de Villegas para iniciar as missões no Paraguai (AGUILAR, 2002).

Os jesuítas passaram a atuar no Paraguai a partir de 1588, subordinados à Província do Peru. A província do Brasil havia destinado cinco missionários ao Paraguai. Eram eles os padres Leonardo Armínio, Estêvão da Grã, Manuel Ortega<sup>37</sup>, João Saloni e Tomás Fields<sup>38</sup>. Ao saberem que as missões do Paraguai ficariam sob a jurisdição da Província do Peru, os padres Leonardo Armínio e Estêvão da Grã desistiram da missão e voltaram ao Brasil<sup>39</sup>.

A diversidade de procedência e nacionalidade dos missionários, (português, espanhol e irlandês) concebeu a missão um espírito de universalidade, e em contrapartida, suscitou conflitos internos, em relação a centralidade do poder político na nova missão que surgia (AGUILAR, 2002).

Segundo Schallenberger (2015) os padres Saloni, Ortega e Fields dirigiram-se para Assunção, onde começaram seus trabalhos missionários. Fundamentaram o trabalho apostólico inicial nas missões itinerantes, buscando minimizar os abusos dos colonos, pacificando os índios com o ensino de uma linguagem que possibilitasse uma relação dialógica entre índios e missionários.

Nos anos de 1600 e 1601, o padre Esteban Páez foi encarregado de visitar as missões de Tucumán e Paraguai, ordem dada pelo provincial do Peru, padre Rodrigo de Cabredo. As dificuldades missionárias encontradas eram as mais

---

<sup>37</sup> Uma posterior carta Anua de 1609 enviada por Diogo de Torres ao Superior da Companhia revela os trabalhos missionários do Padre Ortega batizando os índios guarani: [...] hablando todos una mesma lengua que es la Guarani anduo entre ellos em mission mucho tempo el padre Ortega y baptizo mas de veinte y dos mil yndios y dize que pudiera auer los baptizado a todos si tuia quien le a yudara porque era grande el amor q le tenian es gente qua no haze mal a nadie sino les hacen mal pero es gente muy baliente muy amigos de sacerdotes (ÂNUAS, 1609, p. 17)

<sup>38</sup> [...] peritos en la lengua tupí comprendida por los guaraníes, obtenida la licencia para permanecer, prosiguieron satisfechos hasta la Asunción, donde entraron el día 11 de Agosto de 1588. Fueron recibidos festivamente de parte del Gobernador y de toda la población paraguaya (JAEGER, 1957, p. 101)

<sup>39</sup> Mas encontrando ya el campo ocupado, año y médio antes, por jesuítas del Perú, dos de ellos, el P. Leonardo Arminio, y el P. Esteban da Gran, pareciéndoles que venían a meter la hoz em tierra ajena, después de obtenido el beneplácito de los de los Superiores, desandaron el camino (JAEGER, 1957, p. 101).

variadas, levando o superior tomar a decisão de pedir para que os padres se retirassem da missão<sup>40</sup> (AGUILAR, 2002).

O Padre Tomás Fields, que em 1601 encontrava-se sozinho no Paraguai, pois Ortega estava preso<sup>41</sup> no Peru e Saloni havia falecido em 1599, relatou a apressada visita do Padre Páez ao padre geral da Companhia Cláudio Aquaviva e deu como sugestão viável, para mudança da situação de abandono, a união da região à Província do Brasil.

[...] como único remédio, acudimos y suplicamos, por las llagas de Cristo, que ponga orden em esta província, que no hay remédio del Perú, y no hay outro sino es el del Brasil, que es su próprio, por las razones, en otras escritas a V.P., porque está el Perú con pocos obreiros, y cada dia tomam menos puestos, ni les viene gente de Castilla, ni se hallan [cómodos] los nuestros del Perú en estas misiones e dos províncias de Tucumán, menos em ésta se hallarán bien. Más: está esta província del Paraguay cinco meses de camino del Perú, que llegan ya médio muertos. Más: es trabajosa esta tierra por tener las ciudades apartadas (FURLONG, Tomás Fields, 70 apud AGUILAR, 2002, p. 123).

No Peru, o padre Diego Torres Bollo, eleito procurador da Congregação na Província do Peru, foi enviado à Europa para tratar, na corte espanhola e em Roma, sobre o futuro da Província “apresentando uma série de documentos, incentivou a atividade missionária na América, pronunciando em favor da criação da Província Jesuítica do Paraguai” (AGUILAR, 2002, p. 125).

Se preparando para voltar à América, o padre Diego Torres, juntamente com os demais missionários, recebeu uma carta do Superior Aquaviva, que até o momento estava convicto de que a melhor coisa a ser feita seria dividir a província do Peru, unindo as missões no Paraguai ao sul da região do Peru, chamando-se *Santa Cruz de la Sierra*, decretou, para sua surpresa, a criação da

---

<sup>40</sup> El P. Esteban Páez, visitador de la región em 1603, había decidido que los pocos misioneros dispersos por Paraguay y Tucumán se reunieran em Córdoba, abandonando puesto demasiado distantes. Esta medida estaba de acuerdo com la política de concentración de fuerzas decidida poco antes para toda la orden por el P. General Claudio Aquaviva (ARRÓSPIDE, 1997, p. 33)

<sup>41</sup> [...] Ortega tuvo que cargar aún dos cruces pesadísimas. [...] fué una calumnia que le levanto una persona de Villa Rica, acusándole falsamente de haber violado el sagrado sigilo de la confesión. Conducido por eso a Lima, estuvo preso, com estupor de toda la población, em rigurosa reclusión, suspenso de los ministerios sacerdotales, a las ordens de la Inquisición, durante cinco largos meses (JAEGER, 1957, p. 104)

Província Jesuíta do Paraguai em junho de 1607, assumindo como primeiro provincial o próprio padre Diego Torres (AGUILAR, 2002).

Ao chegar à nova Província do Paraguai, Torres encontrou os antigos missionários do Paraguai e Tucumán, juntos com outros que já haviam sido mandados para compor a missão. Eram eles os missionários:

[...] padre Tomás Fields, Marciel Lorenzana, José Cataldino, Juan Romero, Juan de Viana, Juan Darío e Horacio Morelli, e irmão coadjutor Eugenio Valtodano. [...] acrescentaram-se então, os novos missionários da primeira expedição: o padre Diego de Torres (provincial), com os padres Diego González Holguín, Luis de Leiva, Juan Domínguez, Francisco Vazquez de la Mota, Juan Pastor, Juan Bautista Ferrufino, Melchor de Venegas, Lope de Mendoza, Horacio Vecchi e Vicente Griffi, os irmãos coadjutores Bernardo Rodríguez e Miguel de Acosta, e os noviços Pedro Romero, Baltazar Duarte e Antônio Ruiz de Montoya. As primeiras resoluções tomadas foram de cunho organizativas (AGUILAR, 2002, p. 128)<sup>42</sup>.

No período da chegada dos primeiros jesuítas, “entre os anos de 1585, até 1650, trabalharam na Província Jesuítica do Paraguai cerca de 552 jesuítas, sendo a maioria sacerdotes (317), das mais diversas nacionalidades” (AGUILAR, 2002, p.129). Foram provinciais do Paraguai, os padres:

Diego de Torres Bollo (1604/1607-1615), Pedro de Oñate (1615-1623), Nicolas Durán Mastrilli (1623-1629), Francisco Vázquez Trujillo (1629-1633), Diego de Boroa (1634-1640), Francisco Lupercio Zurbano (1640-1645), Juan Baptista Ferrufino (1645-1651) e Juan Pastor (1651-1654). Foram celebradas oito Congregações Provinciais (1608, 1614, 1620, 1626, 1632, 1637, 1644 e 1651) (AGUILAR, 2002, p. 129).

A elevação da missão do Paraguai à Província Jesuítica, aliada à atuação do Provincial Diego Torres impulsionou a ação missionária, que para expandir e fortalecer a missão, foi instituído em 1609, o sistema de assentamentos fixos para índios cristãos. O sistema foi implementado em várias frentes: do Guairá (atual

---

<sup>42</sup> Sobre o número de sacerdotes e irmãos, o Provincial Diego Torres, em sua primeira carta de 17 de maio de 1609, diz que em toda la provincia ay veinte e nueve sacerdotes y mi compañero yo onze hermanos coadjutores cinco hermanos estudiantes nacidos em espanã quatro e nel seminário que aqui se lee em cordoba y outro leyendo latin em chile (ANUAS, XIX 1609, p. 4)

Estado do Paraná); Itatim (atual Mato Grosso do Sul); do Paraguai (junto ao rio Paraná, em áreas do Paraguai e Argentina); do Uruguai (na bacia hidrográfica do rio Uruguai, em terras da Argentina e Brasil); e do Tape (Rio Grande do Sul) (QUADROS, 2012).

Sobre essa primeira atuação dos jesuítas na expansão junto aos indígenas que viviam distantes, foi utilizada uma forma de catequese itinerante, que atendia as tribos diretamente em suas aldeias e deslocamentos. Foram vários problemas que esses missionários encontraram. Sobre essa situação o Provincial Diego de Torres afirma:

[...] estas dos Governaciones de Tucuman y Paraguay tampobres no cuesta cuidado alguno el sustento delos nos yesto com no tener estas recidencias palmo de tierra irreal derrenta ni salir a pedir lismona sino raras veces y solo aqui no tanto por el necesidad del sustento que no la hay como por exercitar la pobreza y mortificacion y em esta cassa somos agora veynte y dos de la companhia (ANUAS, 1609, XIX, p. 6).

A imersão no mundo da cultura indígena conferiu à missão no Paraguai características que vão além da regra geral estabelecidos pela Corte e pela Companhia de Jesus, apesar de se apoiar nas orientações derivadas dessas duas instâncias de poder. Os territórios indígenas eram circunscritos pela liderança dos principais caciques das tribos, requerendo o domínio da vontade desses caciques, para que com ele, seu território simbólico pudesse ser transformado em terra de missão (SCHALLENBERGER, 2015).

Com isso, a conquista espiritual assumiu o sentido do reconhecimento do outro, em que a evangelização e conversão só se fariam possíveis mediante a fusão de elementos espirituais e materiais das duas culturas em contato, sem que uma se privasse de sua singularidade em favor da outra.

A intervenção missionária para a pacificação dos índios e colonos, sobre um regime de redução<sup>43</sup>, para que passassem a viver ao modo dos cristãos, e

---

<sup>43</sup> Chamamos Reduções aos povos ou povoados de índios que, vivendo a sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos, em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questão de léguas duas, três, ou mais, reduziu-os a diligência dos padres e povoações não pequenas e à vida política (civilizada) e humana (MONTROYA, 1892, p. 29).

assim fomentassem o desenvolvimento do sistema colonial, inserindo-se no conjunto de medidas que visava o controle fiscal e político sobre a colônia. “O Guairá era um campo missional propício para desenvolver as habilidades dos índios” (SCHALENBERGER, 2015, p. 167).

A pesquisa se atenta em examinar a região do Guairá, pois entende-se que as missões desenvolvidas nesse local ganharam prioridade por ser um ponto de encontro entre as províncias do Paraguai e Brasil e local de confluência entre as duas frentes de colonização<sup>44</sup>. A região do Guairá, oeste e centro do atual estado do Paraná, possuía bons solos, abundantes rios, algumas áreas de pastagens naturais e um clima propício às atividades agropecuárias (DALCIM, 2011). As reduções jesuíticas no Guairá, em sua maioria, foram fundadas em pontos mais afastados, distantes das povoações espanholas e passavam a sensação de liberdade em relação às explorações dos colonos e ataques paulistas, o que garantia uma adesão maior por parte dos índios.

Em sentido geral, as missões jesuíticas do Paraguai devem ser compreendidas a partir de um duplo estatuto colonial, que teve a necessidade de uma intervenção social e moral no conjunto das relações interculturais e, ao mesmo tempo, de um ajustamento da estrutura política e econômica do império colonial espanhol.

Aos jesuítas do Paraguai reservou-se um amplo campo missionário, que interessava de forma direta ao sistema colonial. A dinâmica do colonialismo interno, contrastante com os interesses do sistema colonial (encomendas<sup>45</sup>), impulsionou a prática de redução dos índios na região do Guairá, impedindo que fossem consumidos pelas encomendas e dispersos pelas malocas praticadas pelos colonizadores paulistas.

---

<sup>44</sup> Desde meados do século XVI, portugueses e espanhóis, tinham conhecimento do Guairá e suas potencialidades. Pré-bandeirantes maloqueavam desde muito na região, por onde penetravam pelo famoso caminho de Peabiru, o misterioso Caminho de São Tomé, que riscava preciosos roteiros por entre as selvas, rios e montanhas, partindo de São Vicente e atingindo o Peru, a oeste, e o Tape ao sul. Até no mapa de Bartolomeu Velho, de 1562, aparece o Guairá. O problema era de expansão geográfica e política de duas coroas tradicionalmente rivais que conservavam latente essa rivalidade mesmo quando se uniram (FAGUNDES, 1979, p. 124)

<sup>45</sup> Aunque regulamentada y privada de sus alcances iniciales, la encomienda paraguaya era a principios del siglo XVII un régimen anacrónico y opresivo para la sociedad guaraní (MAEDER, 1996, p. 13).

[...] el servido personal, que los espanoles encomenderos y vecinos tienen de los índios, que es servisse dellos u de sus mujeres y muy de ordinário de los hijos de los padres, y a los que más les dan, es algunas pocas tierras de las muchas que tienen usurpadas (ANUAS, 1609, p. 9).

Para a formação das reduções, o Provincial<sup>46</sup> orientava sobre a escolha do local e de como deviam ser organizadas, tanto o seu interior quanto exterior. No lugar escolhido, devia haver água, bom clima e boas terras, para abrigar de oitocentas a mil famílias, tivesse possibilidade de pesca e não fosse alagável. A povoação deveria seguir o modelo da organização em quadras, já utilizado no Peru, tendo além das casas para os índios, uma igreja, casa para os padres, cemitério, praça central, hortas e plantações. De cada redução, os jesuítas deveriam fazer relatos dos acontecimentos mais relevantes e através das Cartas Ânuaes enviar ao seu Provincial e este ao Superior da Companhia (QUADROS, 2012).

Observe-se que a redução, constitui-se na forma mais eficaz de educar os indígenas nos padrões da civilização europeia, introduzindo a eles, novas formas de trabalho e produção. Nessa perspectiva, a organização da população em povoados, ao mesmo tempo em que constituiria um fator de coesão social e cultural, permitiria um maior controle político e facilitaria em maiores possibilidades para as adaptações e mudanças culturais propostas pelo sistema colonial.

Sabe-se que o Guairá foi uma região muito próspera quanto aos interesses coloniais, e o que demonstra o exame das primeiras reduções e os trabalhos desenvolvidos pelos padres jesuítas com a vivência indígena já existente naquele lugar. Algumas questões são importantes para alcançar os objetivos propostos da pesquisa: Quantas reduções os jesuítas fundaram na região? Quem foram os padres jesuítas que dedicaram sua vida em missão dos índios no Guairá?

---

<sup>46</sup> A hierarquia da Companhia de Jesus previa como seu chefe maior o Superior Geral, que ficava em Roma. Depois dele vinham, na ordem do comando, os Superiores Provinciais, ou simplesmente Provinciais, que eram os responsáveis pelos padres e atividades de uma província. O Geral era escolhido em assembleia geral, ou Congregação, e o seu cargo era vitalício; o Provincial era escolhido pelo Geral e não era vitalício.

As questões em relação à identidade dos povos que viviam na região do Guairá são também de extrema importância para entender a realização do feito missionário jesuíta, como seus hábitos, a maneira de se organizarem, a forma de trabalho.

#### **4.3. O empreendimento missionário jesuítico na região do Guairá**

Como já informado anteriormente, o Guairá foi uma região colonizada por espanhóis e governada pelo Paraguai no início do século XVII. Contava com boas condições naturais, banhada por importantes rios navegáveis, tendo como limites a oeste o rio Paraná, ao norte o Tietê e o Anhembi, ao sul o rio Iguaçu, a leste limitava-se com a linha de imaginária do Tratado de Tordesilhas, traçado indefinido que dava margens a requisição de direitos tanto à Coroa portuguesa quanto à castelhana. Situa-se no atual Estado do Paraná, ao sul do Brasil, onde, desde o início da colonização foi um espaço fascinante devido a presença dos padres jesuítas, que desenvolveram ali uma destemida experiência missionária, conjugando heroicamente cristianização, combate a idolatria e costumes gentis e uma defesa implacável da vida nativa contra os interesses desmesurados dos conquistadores espanhóis e portugueses (AGUILAR, 2002).

Filologicamente o nome Guairá, como também já informado, significa terra de gente jovem, mas também estaria relacionado a origem desse nome com um famoso cacique guarani, chamado Guayrá que mantinha soberania entre os rios Paranapanema e Iguaçu, essa versão é confirmada pelo próprio padre Nicolás Durán na Carta Ânua de 1628:

“llamamos del Guayra, i tomo este nombre del cacique que antiguamente la tenia em possession” (ÂNUAS, XX, p. 298).

A província Guairá foi uma das mais importantes da governação do Rio da Prata, região muito populosa, tendo seu espaço indefinido e muito cobiçado pela colonização espanhola e portuguesa, chegou a ser descrita como tendo uma

população nativa muito feroz contrastando com as qualidades dos padres missionários jesuítas:

Famosa si por la ferocidade i crueza de sus naturales, de que dire en su lugar, mucho mas por las gloriosas vitorias que los ministros del evangelio na alcanzado del infierno, penetrando contra todo su poder con las insígnias de nra. redemcion lo mas escondido dela, i colocandolas triunfantes em mil barbaras naciones [...] (ANUAS, XX, p. 298-299).

Do ponto de vista demográfico originário, a Província do Guairá era uma região formada por três grandes grupos de nações indígenas: os Tupis; os Crêns e os Gês. A população que constituía essas tradições era somada em média 300 mil habitantes, tendo como idioma geral o guarani, “espalhada por toda a região, principalmente às margens dos rios, na costa marítima, nos planaltos e montanhas, sem grandes assentamentos residenciais, sendo na grande maioria nômades, vivendo da caça e da pesca, com estrutura rudimentar” (AGUILAR, 2002, p. 132).

As missões jesuíticas, em ambas as frentes, portuguesa ou espanhola, estavam ligadas ao interesse da colonização. O objetivo fundamental “era tornar o indígena um cristão, a partir da catequese, e um homem aos moldes europeus, capaz de viver numa sociedade organizada e desenvolvendo uma atividade produtiva sistemática” (FRANZEN, 2005, p. 37)

A atuação dos padres Ortega e Fields no Guairá deu-se à partir de 1589, quando partiram em missão de Assunção passando por Ciudad Real “donde no había ningún sacerdote. Trabajaron intensamente um mês, bautizando y casando tanto españoles como a naturales” (CARDOZO, 1970, p. 80-81). Partindo para Vila Rica do Espírito Santo, “fueron recibidos com grandes muestras de júbilo; tanta sed de lo espiritual tenían aquellos hombres de acero venidos de um país eminentemente religioso y a nombre da religión católica, y que vivían luchando com la naturaliza” (CARDOZO, 1970, p. 81).

Nesse mesmo período uma peste atacou violentamente Vila Rica do Espírito Santo, deixando muitos mortos, situação que exigiu grande auxílio dos padres jesuítas para enterrar os mortos e auxiliá-los na religião católica. Durante

nove meses “bautizaron seis mil seiscientos paganos, celebraron dos mil ochocientos matrimonios y dieron Cristiana sepultura a cuatro mil ciento sesenta defuntos” (CARDOZO, 1970, p. 81-82).

A ação missionária dos jesuítas no Guairá era muito bem vista pelas autoridades civis, de quem recebiam ajudas e apoio. A doação de terras para a Companhia, para que nelas se fixassem e pudessem prover seu sustento, é assunto documentado no livro organizado por Cortesão (1951), retratando a doação de terras feita por Ruy Diaz Guzman:

[...] digo que atento aquela compañía de Jesus que com el favor divino se edifica casa dela e nesta villa de que se sigue gran servicio de Dios y a su mag y mucha utilidade en estas Prov. y tiene nesecidad de que se le señale uma suerte de tierra para sustento de la dicha compañía e casa em donde tenga huertas y viñas e otras legumbres neseçarias. Portanto yo em nombre de su mag. y del dicho Sr. Gover. doy e hago merced a la dicha compañía de una suerte de tierra rrio abajo desta dicha villa desta banda (In: CORTESÃO, 1951, p. 117).

Nos primeiros tempos a missão se realizava por meio de visitas rápidas, por causa da dificuldade do contato com os índios, que devido a seus hábitos, mudavam frequentemente de lugar. Eles permaneciam apenas temporariamente num determinado território como forma de manejo, aproveitando-se dos recursos naturais de alimentação. Quando esta escasseava, transferiam-se para outro local e assim sucessivamente. (BOGONI, 2008).

De acordo com Schalenberger (2015), nos povoados do Guairá a relação dos colonos e indígenas era difícil, pois a base do sistema de encomendas do índio fundamentava na exploração de sua força de trabalho. Essas dificuldades de convivência aceleraram o processo de fixação da obra evangelizadora dos jesuítas no Guairá.

No início do trabalho de evangelização, houve muita resistência por parte das tribos indígenas. Os missionários saíam em meio às matas à procura dos nativos, objetivando estabelecer os primeiros contatos. Conseguindo o sucesso inicial, os indígenas eram batizados, atribuindo a eles algumas distinções dos demais como um nome e uma individualidade (NEUMANN, 1996).

Em 1609, chegaram ao Guairá, os padres José Cataldino e Simão Maceta<sup>47</sup> que iniciaram a construção das reduções de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio, próximo ao rio Paranapanema (In: CORTESÃO, 1951). A intenção de reduzir os índios era uma solução possível para os problemas de nomadismo, para a falta de padres missionários, além das dificuldades de acesso a determinados locais.

Outro problema externo para as missões e, particularmente, aos indígenas eram as incursões de bandeirantes paulistas, que conhecendo a capacidade de organização e adestramento do índio para o trabalho, via neles um importante e valioso bem, capturando-os, levando-os como escravos, e comercializando-os em São Paulo.

A efetivação da catequese católica ajudou o trabalho jesuítico no Guairá e ajudou ainda, que o monarca espanhol, Felipe III, instituísse uma ordem garantindo a liberdade indígena e o direito de ali fundarem reduções. Nas reduções não era permitida a entrada de colonizadores, ou de qualquer outra pessoa que pretendesse aprisionar os índios e conquistar as terras. Somente os padres ficavam responsáveis de organizar e administrar as reduções, recebendo ajuda do Rei que em troca obrigava que os índios se tornassem cristãos, reforçando sempre mais o interesse de terras nos limites estabelecidos pelas duas coroas (QUADROS, 2012).

#### O provincial do Paraguai, Diego Torres

definiu, em suas ordenações para as missões do Guairá, as estratégias para a doutrinação dos índios e sua redução à vida civil e cristã. Deveriam os missionários usar de muita moderação, para atraí-los pouco a pouco para si. Para tal fim, o melhor meio será a conquista da confiança dos caciques, pois tratando-os bem e conquistando-os teriam facilitados seus trabalhos de redução dos índios dispersos (SCHALENBERGER, 2015, p. 150).

A implantação da redução marca uma série de alterações na política de conversão. Ao fixar os índios e em um mesmo local se criou um espaço de

---

<sup>47</sup> P. José Cataldino y P. Simon Maceta, ambos italianos, valerosos misioneros y fieles hijos de la Compañia, apóstoles de aquella gentilidad (MONTROYA, 1892, p. 30)

aculturação cristã mais eficaz, diminuindo a dispersão, congregando em povoados as parcialidades indígenas (NEUMANN, 1996).

#### **4.4. Fundações das Reduções do Guairá**

Todo o projeto colonial tem como objetivo a implantação de uma nova ordem cultural, entendendo cultura em um sentido amplo, como modo de ser o modo de pensar e atuar sobre o mundo organizando a sociedade. A ação colonial buscou uma substituição de um povo por outro povo (MELIÁ, 1993).

A atuação missionária da Companhia de Jesus na Província do Guairá, no período que estende entre os anos de 1609 a 1632 foi o momento de maior organização e desenvolvimento do apostolado jesuítico. È utilizado esse período como limite, pois entende-se ser um importante marco para compreensão a formação das reduções e conseqüentemente o desenvolvimento missionário no Guairá.

Para Schalenberger (2015) a situação do Paraguai no início do século XVII era deprimente. Existiam muitas dificuldades econômicas e o crescimento desproporcional de filhos nascidos de espanhóis e índios foi desestabilizando a sociedade tribal, o que ameaçou os padrões da sociedade global espanhola. A diminuição da população indígena, profundamente afetada em seu estado natural de vida, foi sendo drasticamente consumida pelo sistema de encomendas.

**Figura 2:** Mapa da Província do Guairá no século XVII, com contorno das atuais limitações do estado do Paraná e localizações dos povoados espanhóis e reduções jesuíticas.



Fonte: <https://goo.gl/UfkoOG>

De acordo com Maeder, as reduções eram organizadas inspiradas nos modelos renascentistas, como “la Utopia de Tomás Moro (1516) o La ciudad del sol, de Tomás de Campanella(1623), e incluso se han buscado fuentes más remotas, como La República de Platón<sup>48</sup>” (1996, p. 64).

Embora os jesuítas conhecessem o pensamento de Platão, de acordo com Furlong, a relação entre as reduções e a República platônica é improvável:

[...]poco o nada debieron de influir las doctrinas del filósofo griego en la organización de aquellas poblaciones. Es, sin embargo, posible y hasta probable que, en el transcurso de los años, más

<sup>48</sup> “Fue precisamente uno de los misioneros de Guaraníes, el Padre José Manuel Peramás, quien, después de 1768, escribió acerca de La República de Platón y los Guaraníes, pero ni insinúa siquiera que los primeros jesuítas se inspiraran en esta obra del filósofo griego, y es bien visible que su trabajo es un estudio a posteriori, en el que compara ambas repúblicas, la ideal de Platón y la real de los Jesuítas.” (FURLONG, 1962, p. 183).

de una de las teorías platónicas haya tenido aplicación en la práctica misionera. Algunas de las analogías son, por cierto, simples coincidencias, fruto, en uno y otro caso en la teoría del filósofo griego y en la realización gradual del buen sentido y de la experiencia de los siglos, tan sabiamente condensada en las Leyes de Indias. (FURLONG, 1962, p 181).

Os padres José Cataldino e Simón Mascetta<sup>49</sup>, chegando em Vila Rica no início de 1610, deixaram seus nomes marcados definitivamente na história de evangelização do Guairá (AGUILAR, 2002). A presença desses missionários esteve inicialmente concentrada nos povoados de Ciudad Real e Vila Rica do Espírito Santo. As dificuldades que encontraram na missão, principalmente pelos problemas de saúde e a falta de médicos não deixaram se abater, frente a tarefa de conversão dos indígenas (MONTROYA, 1892).

A intenção de reduzir os índios foi uma solução possível para os problemas de nomadismo, a falta de padres missionários, além das dificuldades de acesso a determinados locais<sup>50</sup>. Na Carta Anua de 1610, o provincial Diego de Torres conhece a necessidade de se fundar as reduções no Guairá pela quantidade de índios que ali viviam, ao dizer que:

[...] la provincia de guayra, y la tiuajiba ciento y cinquenta léguas rio arriba de la Asumpcion en el qual distrito dicen habra cien mil índios varones que seran quatrocientas mil almas y para todos ellos no ay un solo sacerdote que los doctrine. Fueron a esta mision los padres Joseph Cataldino, y Simon Marseta italianos con un sacerdote de buena edad gran lengua y pretendiente de la comp cuyo P. em otro tiempo governo los dichos índios, y lleban orden de hacer una copiosa reduccion em medio de toda aquella gentilidad (ANUAS, 1610, p. 43).

Os cálculos sobre a quantidade de índios existentes são aproximados, visto que o conhecimento demográfico da região foi definido à medida que os jesuítas registravam a quantidade de índios batizados.

---

<sup>49</sup> “[...] reanudó la evangelización de la Provincia guaireña a cargo de los PP. José Cataldino y Simón Maceta, quienes salieron de la Asunción con destino a aquella Provincia el 8 de diciembre de 1609”. (CARDOZO, 1970, p. 85)

<sup>50</sup> “Bajando primeramente por el rio Ivay, enveredaron después por el Paranapanema arriba. Estaba éste con las aguas entumecidas por una crecida. Pasados 10 ó 11 días le laboriosa navegación sin encontrar poblados, toparon por fin con uno de unas 200 almas, un barranco, a la margen izquierda de Paranapanema, junto a la margen derecha de la ría del Pirapó”. (JAEGER, 1957, p. 105)

Em relação às duas primeiras reduções, Loreto e Santo Inácio, de acordo com a Ânua de 1611:

[...] dieron su nombre para hacer dos pueblos uno em el Pirapó de tres mil yndios de tributo que contándolos con las mugeres y hijos y toda la chusma a seis cada casa son diez y ocho mil almas y luego el río arriba como ocho léguas de distancia se avia de poblar otro pueblo de otros mill yndios que serian de 12 mill almas (ÂNUAS, 1611, p. 129).

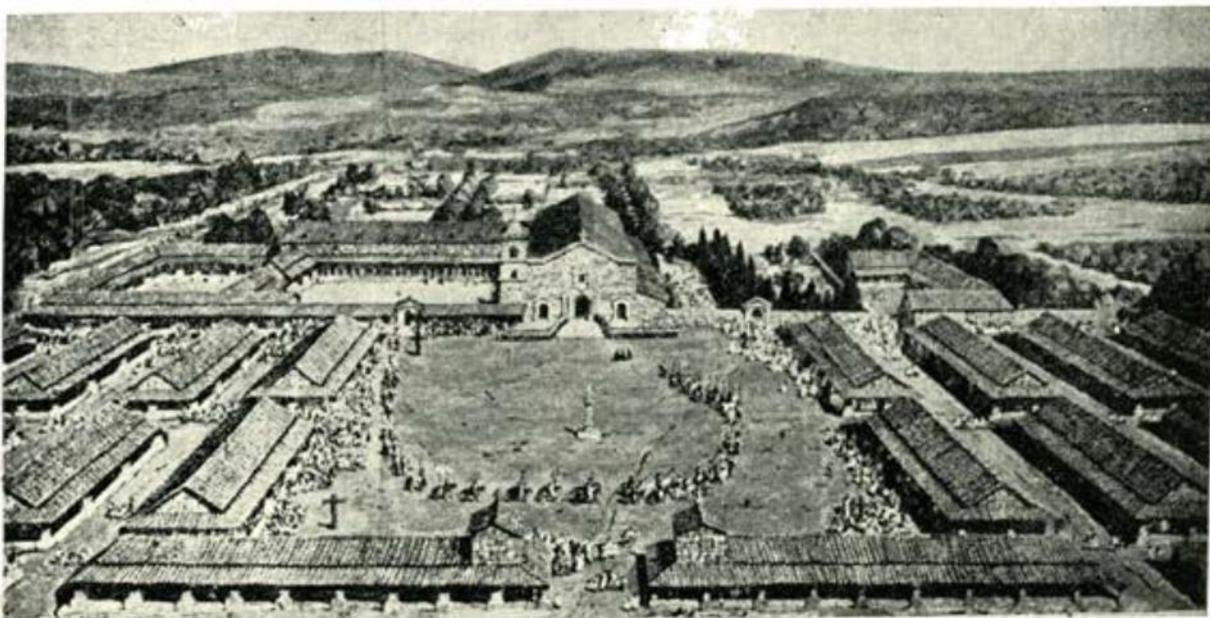
Foi com muita determinação que os padres da companhia de Jesus se lançaram a desbravar a região do Guairá. Chegando à beira do rio Pirapó, construíram uma choça para servir de igreja e uma cruz que simbolizava a fé cristã, estabeleceram ali as bases da primeira redução jesuítica em território guaireño, Nossa Senhora de Loreto, no ano de 1610<sup>51</sup>. Em seguida foi fundada a redução de Santo Inácio Mini, ambas nas margens do rio Paranapanema<sup>52</sup> (AGUILAR, 2002).

---

<sup>51</sup> “A fundação da redução de Loreto em 1610 deu-se por em um espaço apropriado para o desenvolvimento agropecuário. Localizou-se junto aos rios Paranapanema e seu afluente, o pirapó; em ambas as margens havia terra fértil para a prática da agricultura; em frente havia uma ilha, onde os índios passaram a criar gado”. (CARBONEL DE MASY, 1985, *apud* SCHALENBERGER, 2015, p. 153).

<sup>52</sup> “Aunque estas Reduciones y misiones que estan en as Prouincias de Guayra a las horillas de los Rios Paranapen, y Tiuagiua son de las mas antiguas de pa Prouincia, y se comenarõ la primera Vez que estuvierõ en el Paraguay mas Parte por estar mui lexos de la Asumpcion parte oir la poca fidelidade de dar las Cartas que embian los Padres las Reciuí mui de tarde em tarde, y en todo el año passado Ninguma que há sido la causa que e las Anuas Passadas, a ydo poca noticia de estas misiones”. (ANUAS, 1613, p. 166)

**Figura 3.** Vista aérea da redução guaranítica de Santo Inacio Mini na Argentina, segundo o quadro de Leonie Mathis, com características semelhantes às reduções do Guairá.



Fonte: FURLONG, Guillermo. Misiones y sus pueblos de guaranis. Buenos Aires: Balmes, 1962.

Na fundação da redução de Santo Inácio, datada em dia 31 de julho de 1612, segundo informa a carta do padre Martim Xavier, contava com uma população de 700 índios, que aceitavam, segundo a carta, com muita vontade as coisas de Deus ensinadas pelos padres<sup>53</sup>, batizavam crianças e adultos, sempre celebrado com muita festividade e alegria.

Para ajudar na missão, em 1612 incorporou-se ao Guairá o padre Antônio Ruiz de Montoya, ficando posteriormente conhecido como o “apóstolo máximo das reduções guaranis” (AGUILAR, 2002, p. 144). Não se trata de uma exaltação gloriosa, mas de um reconhecimento histórico, de um homem que contribuiu num momento importante da Igreja, de forma destacada, na implantação do cristianismo na região do Guairá<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> CORTESÃO, 1951, p. 147

<sup>54</sup> Llegué á la reduccion de Nuestra Señora de Loreto com deseo de ver aquellos dos insignes varones el P. José y P. Simon. Hallélos pobríssimos, pero rico de contento. Los remiendos de sus vestidos no daban distincion á la matéria principal (MONTROYA, 1892, p. 44)

Jaeger (1957) ao tratar da importância de Montoya para o desenvolvimento das reduções informa que durante os vinte anos que Montoya permaneceu no Guairá, demonstrou empenho e grande capacidade de evangelizar.

Muitas pesquisas bibliográficas já retrataram a importância de Montoya para o Guairá e conseqüentemente o zelo místico-apostólico com o povo nativo com quem tinha contato. Uma síntese apropriada para os termos dessa dissertação sobre a vida de Montoya encontra-se em Rabuske que limita-se ao essencial, dizendo:

Nasceu Antônio Ruiz de Montoya – ele que se subscreve em geral apenas por Antônio Ruiz! – em Lima do Peru a 13 de junho de 1585, data de que até pouco muitos duvidavam [...]. Era filho natural de don Cristóbal (Cristóvão) Ruiz de Montoya, cavaleiro sevilhano ou andaluz, radicado na capital peruana, e de Ana de Vargas, senhora limenha [...].

Cedo tornou-se Antônio, órfão de mãe, já aos 5 anos, e de pai, aos 8 anos, quando se achava matriculado entre os alunos do Real Colégio de San Martín, que os jesuítas haviam fundado e estavam dirigindo em Lima. [...] abandonou os estudos dos 16 aos 19 anos. Voltou aos estudos após um retiro inaciano (retiro espiritual) onde conseguir progressos extraordinários e rápidos. [...] Ingressou na Companhia de Jesus, a 12 de novembro de 1606, tendo cerca de 21 anos de idade (RABUSKE, 1985, p. 46-47).

Dos trabalhos realizados por Montoya, se destacam as fundações das reduções no Guairá e também algumas obras famosas e clássicas, escritas por ele, como “Arte de la Lengua Guarany; Vocabulario de la Lengua Guarany; Tesoro de la Lengua Guarany; Catecismo de la Lengua Guarany; Y también el precioso librito Conquista Espiritual” (JAEGER, 1957, p. 108).

Ao demonstrar seu ardor pela defesa do índio, Montoya logo foi nomeado Superior Interino das Reduções. Nesse mesmo período foi também encarregado pelo Padre Diego González Holguín, comissário da Inquisição no Paraguai, de investigar algumas suspeitas de heresias na região do Guairá, ordem que deu a ele sérios problemas de negligência, pois os resultados de seu trabalho que teria sido enviado por um viajante espanhol, acabou se extraviando, custando a ele o impedimento de celebrar missas (AGUILAR, 2002).

Acompanhado de uma comitiva de índios foi para Assunção, onde encaminhou rapidamente sua defesa, favorecido pela recuperação dos documentos extraviados: “Estaban ya cerca de la capital quando apareció el expediente perdido. El irresponsable intermediário había enfermado gravemente em su fuga hacia São Paulo. Antes de morir había enviado por un seguro conducto los documentos a su destino” (ARRÓSPIDE, 1997, p. 85).

Segundo Arróspide (1997) em sua defesa, Montoya contou com a ajuda do Padre Marciel Lorenzana, reitor do colégio dos Jesuítas em Assunção, então nomeado comissário da Inquisição, que além de demonstrar sua inocência retorna ao Guairá com muitos presentes (vacas, cabras e ovelhas) ofertados pelo padre Lorenzana.

O interesse do padre Montoya pelas missões na Província Jesuítica do Paraguai revela seu ministério apostólico na própria ação evangélico-política concretizado na defesa do índio e na formação das reduções.

Nesta concepção de Ruiz de Montoya a organização dos indígenas em redução foi, na realidade, um meio para a conversão dos mesmos, cuja finalidade principal foi leva-los a uma vida política em conformidade com a fé cristã, ou seja: tirar do *estado de selvagem* e levar ao *estado civil* os índios guaranis (AGUILAR, 2002, p. 225. grifos do autor).

A quantidade de índios reduzidos em Loreto e Inácio Mini é revelada em uma certificação do Padre Diogo de Torres no ano de 1614. Segundo essa certificação na Província do Guairá: [...] junto a la Tibagiva ay otras dos rreducciones em quatro pueblos . Los principales se llaman Nuestra S. de Loreto y S. Inácio y abra em ellas cerca de dos mil yndios y mas de cinco mil personas[...] (In: CORTESÃO, 1951, p. 155).

Na Carta Ânua de 1619 é revelado que em cada redução haviam 800 índios com casas e sementeiras, vinha, canavial e igreja sendo os padres lavradores, carpinteiros e arquitetos, ensinavam os índios os ofícios do trabalho braçal, além da catequese e da disciplina, tendo o culto divino seu ponto mais alto (ÂNUAS, 1619).

Em 1628, o Padre Nicolau Duran, ao retratar sobre o estado das reduções do Guairá, por meio de *Carta Ânua*, revela que Loreto e Santo Inácio já contavam com mais de duas mil famílias, bem fundamentadas na fé e nos costumes cristãos, principalmente nos sacramentos “haziendo muchas diligencias para ser admitidos a esta mesa del cielo conforme a las condiciones que los padres para ello que son saber primeiramente com mucha pontualidade los misterios de nuestra fe (In: CORTESÃO, 1951, p.221).

No mesmo ano de 1628, o padre Antonio Ruiz de Montoya, naquele momento superior da missão no Guairá, em carta enviada ao Provincial da Companhia de Jesus padre Nicolau Duran esclarece alguns dados sobre a redução de Loreto e Santo Inácio. Sobre a primeira, revela que estava trabalhando na redução o padre Diego de Salazar, com gente que já tinham deixado seus costumes antigos e estavam formados no trabalho e na música. Em Santo Inácio estavam os padres Cristóbal de Mendiola e Juan Suárez onde todos os índios eram cristãos, exercitados na prática sacramental e na música, procuravam obedecer as ordens e as leis, tratando com muito respeito os índio (In: CORTESÃO, 1951, p. 260-261).

Sob a orientação dos padres, as reduções de Loreto e Santo Inácio desenvolveram intensa atividade agrícola. Plantavam mandioca, milho, feijão, cana, uva, além de criar animais domésticos, porcos, cabras, galinhas, vacas. Os índios eram instruídos a executar atividades artesanais como a confecção de utensílios domésticos e fiação de algodão e construir casas, telhas e igrejas. A caça e a pesca eram atividades diárias além de uma constante formação dos costumes cristãos através da missa, confissões, batizados, festas e devoção passaram a ser o fundamento da vida comunitária da redução (AGUILAR, 2002).

Estando estabelecidos os pilares das reduções iniciais, o projeto missionário passa para a segunda etapa de atuação. A criação de outras reduções, a chegada de mais padres para ajudar no trabalho, faziam das

reduções um excelente meio de proteção do índio. Ao todo foram organizadas no Guairá, além de Loreto e Santo Inácio mais onze<sup>55</sup> reduções, totalizando treze.

Decidiu-se, neste trabalho, centralizar a atenção apenas sobre as reduções de Loreto e Santo Inácio, devido ao fato de que “foram estas duas mais antigas e mais importantes reduções do Guairá” (ÂNUAS, 1637, p. 725). As igrejas dessas reduções eram as mais elegantes do Paraguai, ricas em detalhes artísticos, contendo toda ornamentação possível, com bancos, pia batismal, mobiliário de madeira nobre, revelando uma perfeita harmonia. Tinham criação de diversos animais e as plantações eram prósperas, possibilitando com o equilíbrio econômico, uma dedicação maior com as coisas espirituais (ÂNUAS, 1637).

Desde sua origem, a ação evangelizadora no Guairá foi um trabalho coletivo. Nesta empresa missionária duas realidades eram encontradas, o índio do Guairá de um lado e os religiosos provenientes dos mais diversos reinos, do outro, demonstrando o caráter internacional da Companhia de Jesus. Assim sendo, atuaram na missão do Guairá, missionários que vieram das seguintes províncias de origem:

[...] brasiliana com os primeiros jesuítas desbravadores (Manuel Ortega e Tomás Fields), castellana (Martín Javier de Urtasum), aragoniana (Silverio Pastor, José Domenéc e Pedro Mola), toletana (Juan Agustín de Contreras, Cristóbal de la Torre, Francisco de Ortega, Marcos Marín e Juan Suárez), baetica (Francisco Díaz Taño, Pedro de Espinosa, Diego de Salazar e Cristóbal de Mendiola), peruviana (Antônio Ruiz de Montoya) paraquariana (Pablo de Benavides e Cristóbal de Mendoza), neapolitana (Simón Mascetta), veneta (José Cataldino), flandro-belga (Justo Van Suerck e Diego Ransonnier), gallo belga (Jean Vaisseau e Louis Berger) e companhia (Nicolás Hénard) (AGUILAR, 2002, p. 210)

Dentre os missionários no Guairá, poucos são aqueles que o nome não foi esquecido e apagado da memória com a passagem do tempo. A atenção dessa pesquisa é voltada a entender como se deu o trabalho reducional com os índios no Guairá, não impossibilitando que, vez ou outra, encontre e relate a participação desses padres nos documentos pesquisados.

---

<sup>55</sup> De Loreto e Santo Inácio formaram as reduções de San Javier no ano de 1622; Encarnación e San José em 1625; San Miguel e San Pablo 1626; San Antonio, Concepción e San Pedro no ano de 1627 e Los siete Arcángeles, Santo Tomás e Jesús María em 1628 (ARRÓSPIDE, 1997, p. 178).

Compreendido os fundamentos iniciais do projeto missionário no Guairá, cabe agora adentrar no ponto mais importante desta pesquisa, no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades intelectuais do índio, como foi possível esse processo de educação de forma tão eficaz, servindo até mesmo como um exemplo para as futuras gerações.

#### **4.5. A Educação e Catequese no Guairá**

Compreender a ação pedagógica dos padres jesuítas na região do Guairá é o ponto culminante de análise do trabalho. A marca do cristianismo impressa da índole indígena revela a eficácia do trabalho realizado, onde mesmo passados quase quatro séculos e pouca coisa material ter sido conservada, práticas pedagógicas atuais ainda buscam no passado exemplos para se atualizar. O resgate das atividades desenvolvidas pelos missionários da Companhia de Jesus, bem como apresentar os elementos principais dessa ação evangelizadora, é o objetivo desse capítulo.

A presença dos missionários jesuítas na Província Guairá entre 1609 e 1632 é um marco de grande importância na história da evangelização do Guairá. O projeto de criação das reduções e o desejo de ficar mais próximo dos nativos, foi um importante fator para que a evangelização encontrasse o sucesso esperado. A difícil relação de exploração dos índios pelos encomendeiros, também foi uma motivação essencial para o desenvolvimento missionário, imprimindo nas reduções um importante espaço de salvação (MOTA e NOVAK, 2008).

As reduções formadas nos vales dos rios Paraná, Iguaçu, Piquiri, Ivaí, Paranapanema e Tibagi chegaram ao total de treze, sendo as duas mais importantes e antigas a de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio Mini, localizadas no vale do Paranapanema.

Assim como os espanhóis e jesuítas, os bandeirantes paulistas<sup>56</sup> também transitaram pela região do Guairá. Desde 1585 os paulistas capturavam índios como mão de obra escrava (MELIÀ, 1993). Nessa conjuntura, as alianças que os índios faziam com os colonizadores eram forma de sobrevivência. Os missionários com seus interesses se deparavam com os guaranis que procuravam nas reduções, mesmo apresentando resistência à pregação missionária, um lugar seguro, de proteção contra os bandeirantes ou das encomendas espanholas.

Para (MOTA e NOVAK, 2008, p. 43).

De um lado, tivemos os choques entre os índios Guarani e os encomendeiros espanhóis, que os exploravam, e os padres jesuítas, por meio das suas pregações, buscando inculcar os valores da sociedade invasora junto às populações indígenas existentes na região. De outro, contrariando os interesses dos encomendeiros espanhóis e dos padres da Companhia de Jesus, vieram os paulistas com a intenção de buscarem seu butim. De uma perspectiva oposta, os índios faziam uma leitura própria da conjuntura, resultando eventualmente em alianças, acordos e guerras, tornando complexo o entendimento sobre os fatos ocorridos nas relações deles com os invasores de seus territórios.

A organização das reduções foi uma estratégia elaborada através do Conselho das Índias<sup>57</sup> e favorecida pela política de povoamento empreendida pelo governador da Província do Paraguai Hernandarias, que segundo Furlong:

[...] Sus principios fundamentales se referían a la enseñanza religiosa, al sentido misional que debía guardarse en la encomienda y a la humanización del trabajo, haciendo que éste fuera una carga liviana, para que pudiera ser admitido por unos indios que la Corona había declarado Súbditos de iguales derechos y obligaciones que los españoles. Debían agruparse en lugares determinados, al rededor de una iglesia, que los

---

<sup>56</sup> “El llamado bandeirismo fue el principal y definitivo causante de la destrucción del Guairá y su despoblación. En este sentido, las cifras que marcan el número de índios apresados, muertos por el camino o vendidos en los mercados de esclavos, son datos, que usados según un método regresivo, nos llevan a una estimación de la población indígena aborígen, ahora desde otra perspectiva, diferente de la del ciclo encomendero y la del ciclo jesuítico”. (MELIÀ, 1993, p. 82).

<sup>57</sup> O Conselho das Índias foi criado em 1524, por Carlos V, e a ele cabia às decisões políticas em relação às colônias. Segundo normas do Conselho das Índias, cada redução tinha de ter seu Cabido composto de um corregedor, quatro alcaides, um alfares real, quatro regedores, um mayordomo e um secretário (DALCIM, 2011, p. 95)

encomenderos debían construir, bajo la dirección de Padres doctrinantes. (1962, p. 87).

A estrutura social da sociedade guarani não foi afetada substancialmente com a criação das reduções. A obediência aos caciques não desapareceu, dando maior consistência aos laços de organização social, os jesuítas conseguiram reunir vários caciques em uma única redução (DALCIM 2011).

A ação dos padres jesuítas, em sintonia com o processo de evolução das ideias políticas, respondia a um projeto orientado para a expansão da fé, incluindo uma forma de organização civil entre os indígenas. Ao partirem para o Guairá, os padres Cataldino e Mascetta levaram orientações claras do padre provincial Diego de Torres Bollo, a respeito do apostolado que devia ser praticado naquela região (AGUILAR, 2002).

Sobre o padre provincial Torres Bollo, Aguilar (2002) faz um breve resumo sobre suas atividades na Companhia de Jesus e revela a sua rápida ascensão dentro da ordem, sendo designado após dez anos de ordenação, em 1581, como superior da missão de Juli no Peru. Torres Bollo trabalhou em Cuzco, Quito, Potosi, foi secretário do provincial do Peru, entre outras atividades. A mais relevante de todas foi ser o primeiro provincial da Província Jesuítica do Paraguai.

Como provincial, ao encaminhar os primeiros padres à região do Guairá deu-lhes “orden de hacer una copiosa reduccion em medio de toda aquella gentilidad en el mejor sitio que hallaren y hacer ali alto hasta que por su relacion y vista mia se ordene otra cosa” (ÂNUAS, 1610, p. 43), e também a missão de serem instrumentos de conversão dos índios, fazendo diariamente a leitura da vida dos santos, além de aprenderem a língua dos guaranis (AGUILAR, 2002).

A criação de reduções marca uma série de alterações na política de conversão. Ao fixar todos os indígenas no mesmo local, tornam-se, independentemente de sua etnia e tradições culturais, pertencentes ao mesmo grupo e esse espaço criado pela cultura cristã fez parte do processo pedagógico de evangelização (NEUMANN, 1996).

As reduções de Nossa Senhora de Loreto<sup>58</sup> e Santo Inácio Mini<sup>59</sup> marcaram o início das fundações dos jesuítas na Província Guairá. Foram as mais estruturadas e ricas da região, tanto em instalações como de exploração agropecuária com a produção de safras de algodão e comércio deste na forma manufaturada. Entre as duas, Loreto se distingue pela dimensão demográfica<sup>60</sup>.

O projeto urbano das reduções era configurado em um núcleo organizador, estruturado por uma grande praça, onde se tem acesso através de uma avenida central, desembocando sempre na porta da igreja. Para dar limite visual, a construção da igreja a residência dos padres, o colégio e o cemitério ficavam sempre na parte frontal, configurando um modelo urbano baseado na ideologia Barroco, que segundo Gutierrez:

Na ideologia barroca, as formas de participação e persuasão integravam os objetivos centrais para o que se definia como “o teatro da vida”. Nesta concepção, a “Plaza” se articulava como cenário enquanto o núcleo (Colégio, Templo, Cemitério) se erigia numa cenografia que assimilava desde os estágios da vida sacra e da humana à ausência da vida (1987, p. 24).

A praça central da redução era o espaço comunitário religioso, lugar onde eram realizados os desfiles, competições esportivas e celebrações diversas. “A casa dos índios, também chamadas de viviendas, eram dispostas em filas que partiam do centro da redução e se estendiam para a periferia” (DALCIM, 2011, p. 92).

---

<sup>58</sup> Ainda em 1610, desceram o rio Ivaí, subiram o Paraná e entraram pelo Paranapanema. Durante algum tempo navegaram o último rio sem encontrar habitantes. Os primeiros indígenas foram avistados pouco adiante da foz do rio Pirapó, no Paranapanema. Imediatamente, os jesuítas erigiram uma capela no local, denominando-a de Nossa Senhora de Loreto. Permanecendo ali alguns dias, verificaram que nos arredores havia cerca de 25 aldeias, cujo número de indígenas, calculado em 2000, poderia integrar uma redução (município de Itaguajé). (AGUILLAR, 2002, p. 237)

<sup>59</sup> Este local está situado cerca de 30 Km, rio Paranapanema acima, da redução de Nossa Senhora de Loreto, no atual município de Santo Inácio. A sua população indígena era, entre todas as reduções do Guairá, a mais numerosa. As estimativas variam de autor para autor: de 2000 a 6000 índios. Entretanto todos são unânimes em afirmar que a redução de Santo Inácio Menor congregou o maior número de índios. (AGUILLAR, 2002, p. 237)

<sup>60</sup> “La principal reduccion de las dos, es la de nuestra señora de Loreto, la qual Va cresiendo mucho, em gente, y fuera de otros muchos, q se na uenido aella, vn Pueblo enterro nos embio a pedir Canoas para Venirse cõ nosotros como lo hicierõ tã de rayz q ni um solo índio quedo en el Pueblo para guarda de sus bastimentos, y Sementeras, y otro cacique principal. Prometio hazer o mesmo, dexãdo por prendas de amor y su palabra Vn sobrinho que tenia para que les enseñasen y Baptizazen mientras uenia el y toda su gente”. (ÂNUAS, 1613, p. 173).

As habitações dos índios que eram feitas de adobe e cobertas com palha, tornaram-se

[...] edificações de pedras revestidas com argamassa de barro e coberta com telhas cerâmicas. Estas eram casas geminadas, com paredes divisórias às vezes móveis, que delimitavam o espaço de cada grupo familiar, modificando o costume indígena de localizar diversas famílias em um único espaço. No interior dessas moradias manteve a tradição indígena de montar um fogão primitivo e sem chaminé. À frente das casas existia um alpendre coberto que as interligava, percorrendo todo o perímetro da quadra. [...] o sistema habitacional que reunia sob o mesmo teto um cacique que liderava dezenas de famílias foi substituído pelo modelo de moradias individualizadas (DALCIM, 2011, p.93).

A escolha do local da redução dependia de diversos fatores<sup>61</sup> e a escolha sempre era feita pelos missionários que consultavam os indígenas, conhecedores do local.

A disciplina com que as reduções eram administradas se assemelha em alguns aspectos com a organização de um colégio. “Los padres que guardando tanta disciplina como un un rigoroso nouiciado, na puesto su campanilla en cada reducion y entablado toda la orden del collegio (ÂNUAS, 1619, p. 205).

Na tentativa de facilitar o processo de evangelização dos indígenas, os padres procuraram combinar as tradições guaranis com as exigências da vida em redução. Sendo assim, conforme as tradições, a terra era dividida em duas partes: tupambaé e abambaé. Cada família recebia um terreno, abambaé, onde devia trabalhar para sua subsistência, introduzindo o conceito de propriedade particular da cultura europeia. Mas a principal atividade econômica da redução era comunitária, tupambaé, que seriam todos terrenos cultiváveis e também os bosques, rios, pastagens e campos, onde plantavam milho, trigo, algodão, fazendo no tempo da colheita uma atividade comunitária onde todos participavam, inclusive mulheres e crianças, e para essa atividade utilizavam símbolos religiosos como a imagem de santos católicos, gerando riqueza para a Companhia de Jesus (DALCIM, 2011).

---

<sup>61</sup> Era analisado a topografia do lugar, proximidade de rios, possibilidade de comunicação com outras reduções, solo fértil.

A reorganização do trabalho nas reduções eram feitas da seguinte forma:

Ao clarear do céu no horizonte, despertavam os guaranis reduzidos ao repique dos sino e ao rufo dos tambores. Diante do templo as crianças recitavam, em dois coros, o catecismo e as orações que sabiam, indo logo depois assistir à missa com a livre participação de muitos adultos.

Depois começava o trabalho, que não passava de seis horas diárias. Enquanto os homens se ocupavam na roça e/ou oficinas, as mulheres e casa, executavam sua tarefa de fiação de lã ou algodão, cuidando também de seus pequerruchos. As crianças de 7 anos para cima ficavam entregues a comunidade, para a escola. Alguns meninos, especialmente os filhos de cacique, iam à escola de primeiras letras, outros às aulas de canto, música e dança, ou a oficina, enquanto a maioria dos adolescentes já trabalhava nas roças.

Os rapazes extirpavam o inço dos algodoais com uma paleta de boi, arrastavam lenha para as olarias e varriam as ruas. As meninotas colhiam flocos de algodão, ficando as mais novas com a divertida ocupação de espantar os papagaios e periquitos que esbulhavam os milharais.

Ao toque do sino, pelo meio dia, todos interrompiam o trabalho por duas horas para o almoço, retornando depois aos seus afazeres. Pelas 17 ou 18 horas, de acordo com as estações, o sino chamava as crianças para a doutrina cristã, seguida de recitação do rosário, em que participavam igualmente não pouco adultos.

Depois disso as crianças tomavam sua última refeição, as mulheres recebiam carne e erva mate para o dia seguinte em favor de toda a família, e todos com isso voltavam para casa. Pouco tempo depois, já caída a noite, ao bruxelar das lareiras, as reduções submergia em profundo silêncio. (RABUSKE, 1983, p. p.73-74, *apud* DALCIM, 2011, p. 101).

As principais conquistas que os missionários jesuítas tiveram com a criação das reduções, principalmente na mudança de comportamento dos indígenas, foram as soluções para o problema com a embriaguez, a poligamia e a preguiça para o trabalho. As medidas foram à implantação da erva-mate para a embriaguez; contra a poligamia uma forte doutrinação para o sacramento matrimonial; e, para a ociosidade a criação de vários tipos de trabalho, reafirmando constantemente a importância de uma ocupação (FURLONG, 1962).

Percebemos que através dos vários tipos de trabalho era possível um gradual desenvolvimento das capacidades do índio, ajudando na harmonia do

convívio nas reduções e possibilitando a proteção das terríveis ameaças dos ataques inimigo. Segundo Furlong:

Con muy buen acuerdo instalaron los Jesuítas en todas sus reducciones, aunque era ello en la mayoría de los casos una redundancia, herrerías, carpinterías, tonelerías, platerías, alfarerías, tonerías, peinerías, sillerías, sombrererías, curditurías, oficinas de plasmar tejas, de hacer carretas, de trabajar puertas y ventanas, de fabricar las bolas para los honderos y para los boleadores de trabajar rosarios, de construir canoas o barcos, y como si todo esto fuera poco, talleres de escultura, de pintura, de dorado, de bordados, de encajes, etc. (1962, p. 452-453).

Os primeiros trabalhos executados no âmbito missioneiro eram praticados pelos próprios jesuítas<sup>62</sup>. A forma de aprendizagem dos indígenas decorria do ensino pela prática, pois eram hábeis na capacidade de imitação o que contribuía para a rápida assimilação dos ofícios, aumentando em muitos o número de artesãos existentes nas reduções (NEUMANN, 1996).

Com o passar dos anos, os jesuítas contaram com o auxílio de alguns índios na instrução dos ofícios aos demais guaranis que “gracias a esas singularísimas habilidades de los indígenas de las Reducciones llegaron a formar no sólo excelentes discípulos sino también insignes maestros” (FURLONG, 1962, p. 453).

Com a facilidade apresentada pelos guaranis, foi sendo implantando nas oficinas missioneiras, um controle cada vez maior do trabalho. “Cada ofício possuía seu próprio ‘alcalde fiscal de vara’, sua função era a de controlar o trabalho dos oficiais e ensinar os aprendizes” (NEUMANN, 1996, p. 60). Toda a população missioneira trabalhava para o bem comum na redução, sem receber remuneração.

Ainda segundo Neumann:

---

<sup>62</sup> “Pasan de la veintena las súplicas que entre 1609 y 1700 se enviaron al General de los Jesuítas rogándole enviara Hermanos peritos en las artes y técnicas mecánicas y, en respuesta a esas peticiones, vinieron Luis de La Croix y Juan B. Primoli, José Schmidt y Juan Wolff, Carlos Frank y Francisco Leoni, Carlos Kramcr y José Clausner, Jacobo Roth y Andrés Blanqui, Wolfango Glciner y Pedro Weger, Gotardo Barensteincr y Pablo Walthauscr, Juan Scheibner y José Fisher, Juan Kraus y Enrique Peschkc, Domingo Zipoli y Luis Bcrger”. (FURLONG, 1962, p. 453)

A organização do trabalho, principalmente a existente nas oficinas, guarda grande semelhança com a organização das similares existentes no medievo europeu, apresentando uma estrutura hierárquica de aprendizes, oficiais e mestres e a propriedade comunal das ferramentas de trabalho. A transposição do modelo europeu resulta do fato de que a estruturação do sistema de trabalho nas reduções é fruto de uma sociedade de contato e fortemente influenciado pelo sistema de trabalho mais organizado (1996, p. 61).

As oficinas foram de extrema importância para o elevado grau de desenvolvimento das reduções, que necessitava periodicamente de uma grande quantidade de trabalhadores para as construções e reparos das igrejas e casas. Geralmente os filhos seguiam as mesmas ocupações dos pais, tornando um ofício quase hereditário (NEUMANN, 1996).

Os padres jesuítas eram responsáveis por selecionar os mais hábeis para desempenhar determinadas tarefas, acompanhando através do ensino que era ministrado nas escolas das reduções, o desempenho dos guaranis que eram dotados do talento nas letras e na música, investindo na aprendizagem dessas artes. A instrução empenhada nas reduções visava um melhor aproveitamento dos recursos humanos disponíveis (NEUMANN, 1996).

Além dos aspectos elencados é importante destacar que a música foi um importante elemento de educação popular, utilizada para transmitir e explicitar os conteúdos da fé cristã:

[...] se hacen capaces para servir como cantores en el templo (hasta ahora inaudito em esta ciudad, y no es práctica ni siquiera em los conventos de religiosos), y por eso algunos se han hecho tan hábiles en el arte de cantar, que en todas partes se los busca, com provecho suyo, honra de la ciudad, y gloria de Dios, pero no sin dolor y trabajo de la Compañía que los educa y enseña a estos niños so sólo em los conocimientos humanos, sino les eneña también el santo temor de Dios por medio de la frecuencia de los santos Sacramentos y por la instrucción religiosa (ÂNUAS, 1614, p. 272).

Convicto de que os índios eram capacitados em acolher o conhecimento da doutrina cristã, o padre Ruiz de Montoya, teve a preocupação pastoral de escrever um “*Catecismo de la lengua guaraní*”, que consistia em proporcionar

sinteticamente o conhecimento daquilo que era o fundamento básico da fé cristã e o destino da pessoa humana (AGUILAR, 2002).

Essa obra de Montoya fazia parte de um conjunto de escritos, resultado de toda a experiência apostólica e catequética que conquistou entre os índios (AGUILAR, 2002).

Montoya ensinava aos índios guaranis primeiramente o conteúdo fundamental da fé cristã através do Credo e os Artigos da Fé. Em síntese pretendia:

[...] favorecer uma compreensão da própria estrutura do catecismo, nas suas quatro partes fundamentais e, ao mesmo tempo, despertar a consciência daquilo que era central na vida cristã: ser cristão era aquele que tinha fé em Cristo professada no batismo, cujos ofícios principais são os de Salvador. [...] apresentava a cruz como sinal cristão e as obrigações de buscar a Deus como o fim último, servindo nessa vida em vista da vida eterna e viver as obras da fé, da esperança e da caridade (AGUILAR, 2002, p. 375).

Os jesuítas através da catequese e da prática litúrgica, sem esquecer dos outros meios de evangelização, conseguiram levar os índios à vivência do cristianismo. “A religião católica, contudo, foi portadora de um conjunto de valores sociais antagônicos com os da religião guarani, uma vez que se fundamentou no princípio de um Deus pessoal, merecedor de obediência e reverência cega” (SCHALENBERGER, 2015, p. 189).

A aceitação de certos costumes culturais indígenas por parte dos jesuítas e o abrigo oferecido aos perigos de captura pelos bandeirantes paulistas e encomendeiros espanhóis, além da postura de ensino religiosa e dos costumes europeus dos padres, foram fatores fundamentais para o sucesso das reduções no Guairá.

## 5. CONCLUSÃO

A presença dos missionários jesuítas em contato com os indígenas no Guairá foi, e continua ser, objeto de debates metodológicos e questionamentos históricos. Nessa íntima relação do desejo missionário e a organização das reduções no Guairá, alguns elementos conclusivos estabelecem o resultado da investigação histórico-educacional dessa pesquisa. Na análise dos textos e documentos, destaca-se a problemática referente ao método de ensino praticado pelos padres jesuítas no Guairá, cujos resultados podem estimular e contribuir na interpretação de problemas atuais, presentes principalmente na difícil tarefa de se pensar em qual melhor método para ensinar alguém.

Desde o início a ação evangelizadora dos jesuítas constituiu-se como uma atividade coletiva. Nessa missão dois mundos culturais se encontraram: o guarani do Guairá, que se deparou com um grande número de religiosos provenientes de diversos países, demonstrando o caráter internacional da Companhia de Jesus.

As mudanças decorrentes do processo expansionista moderno, somado ao declínio do catolicismo provocado pela Reforma Protestante, tornou a mola propulsora do Reino Espanhol e Português investirem na descoberta do Novo Mundo. A necessidade de propagar a fé católica aos quatro cantos estimulou o desejo dos missionários dedicarem sua vida em prol de “salvação de almas”.

As missões jesuíticas no Guairá representaram uma estratégia para trazer uma solução humana e cristã para os conflitos entre os colonos espanhóis e nativos, onde no início, devido à falta de padres e a difícil localização dos indígenas não surtiram tanto efeito. A contínua ação dos encomendeiros na utilização do índio como mão de obra escrava exigiu dos missionários uma organização específica, onde se pudesse defender o índio criando relações intersubjetivas, proporcionando um maior desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, o que facilitou o contato dos indígenas com os padres, pois estes, mesmo não se interessando pela religião viam nas reduções, um local seguro, criando assim, um primeiro encontro. A aceitação de alguns costumes tribais, por parte dos jesuítas, também auxiliou na catequização e educação dos índios.

A Província do Guairá, escolhida com prioridade para as missões jesuíticas, representava um lugar estratégico, banhada por rios, localizada em uma área de extremo conflito de interesses econômicos.

O desenvolvimento de regras para a agricultura, para ofícios variados de trabalho, bem como o ensino da fé cristã foi condição básica para a organização das reduções. O compromisso com o trabalho atrelado aos ensinamentos religiosos evitou a dispersão do índio, promovendo um forte espírito comunitário, alterando profundamente suas bases de convívio social.

O método de ensino praticado pelos jesuítas baseava-se na evangelização, na introdução dos costumes europeus, na organização político-social das reduções. Tal fato propiciou a civilização dos indígenas. Em vista do desenvolvimento dos indígenas, através da evangelização, foi estabelecida uma relação entre fé e cultura (língua, música) fé e política (estratégias de defesa, denúncias) e fé e religião (missas, festas, ritos). O reconhecimento do espaço missionário proporcionou um atento cuidado aos detalhes, permitindo assim introduzir com originalidade o evangelho, capaz de oferecer aos indígenas novas expressões e valores e aos missionários novas disposições e práticas.

Mesmo sabendo da dificuldade e restrição de análise, algumas vezes polarizada e simplista, tratando da imposição de valores culturais de um grupo sobre o outro, procuramos entender o contexto histórico e cruzar os diferentes projetos étnicos e políticos envolvidos nessa pesquisa. A falta de amadurecimento intelectual de quem se propôs a realizar a pesquisa, fez com que algumas lacunas ficassem ainda a serem respondidas. Apontamos a necessidade de se debruçar com mais atenção aos detalhes da história guaranítica no início da colonização brasileira, buscando uma análise pelo viés indígena, o que muitas vezes pecamos ao dar mais ênfase à história narrada pelo colonizador.

Esperamos com esse trabalho, ter contribuído na compreensão da ação missionário-pedagógica jesuítica com os povos indígenas que se encontravam na região do Guairá no século XVI, em especificamente nos anos de 1609 a 1632. Foram abordadas aqui alguns caminhos e tantos outros deixados em aberto para

futuras pesquisas, que tenham como objetivo, compreender a História da Educação no Brasil.

## FONTES

CARTAS ÂNUAS de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucuman. *Documentos Para La Historia Argentina*. Tomo XIX. (1609-1614).

CARTAS ÂNUAS de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucuman. *Documentos Para La Historia Argentina*. Tomo XX. (1615-1637).

CORTESÃO, Jaime. Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640). Manuscritos da Coleção de Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

DOCUMENTOS PARA LA HISTORIA ARGENTINA. Tomo XX. Cartas Anuas de la Provincia del Praguay, Chile y Tucuman, de La Compañia de Jesús. (1615-1637).

LOIOLA, Santo Inácio de. Constituições da Companhia de Jesus. Lisboa: Imprimatur, 1975.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. Conquista Espiritual. Hecha por Los Religiosos de La Compañia de Jesus em Las Províncias del Paraguay, Paraná, Uruguay e Tape. Bilbao: Corazon de Jesus, 1892.

OBRAS COMPLETAS DE SAN IGNACIO DE LOYOLA: Autobiografia-Diário Espiritual. Madrid: La Editorial Católica, 1947.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, Coronado J. *Conquista Espiritual*. A História da Evangelização na Província Guairá, na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S.I. (1585-1652) Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Maquiavel: a lógica da força*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARISTÓTELES; REALE, Giovanni. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002. 3 v.

ARISTÓTELES. *A política*. 1. ed. São Paulo: EDIPRO, 1995.

ARRÓSPIDE, José Luis Rouillón. *Antonio Ruiz de Montoya y Las Reduções Del Paraguay*. Assunción: Antonio Guasch, 1997.

ASSUNÇÃO, Paulo. *Os colégios jesuíticos e a produção e circulação do saber no Império Colonial Português*. In: TOLEDO, César Alencar Arnault de; RIBAS, Maria Aparecida de Araujo Barreto; SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. (orgs) *Origens da Educação Escolar no Brasil Colonial*. Maringá: Eduem, 2013.

BOGONI, Saul. *O Discurso de Resistência e Revide em Conquista Espiritual (1639), de Antonio Ruiz de Montoya: Ação e Reação Jesuítica e Indígena na Colonização Ibérica da Região do Guairá*. Maringá: (Dissertação) 2008.

CARDOZO, Ramón I. *El Guairá: Historia de la Antiga Provincia 1554-1676*. Asuncion: el arte s.a, 1970

CERVO, Amado Luiz. *Contato entre civilizações: Conquista e colonização Espanholas na América*. São Paulo: Editora McGraw-Hill, 1975.

CHAGAS, Nádia Moreira. *Europeus e indígenas-relações interculturais no Guairá nos séculos XVI e XVII*. Maringá: (Dissertação) 2010.

CHIVENATO, Julio José. *Colombo. Fato e Mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da Descoberta da América*. As quatro viagens e o testamento. Trad. Milton Persson. Porto Alegre: Editora L&PM, 1984.

COSTA, Célio Juvenal. *A Racionalidade Jesuítica em Tempos de Arredondamento do Mundo: O Império Português (1540-1599)*. Piracicaba (Tese) 2004.

DALCIM, Ignacio. *Breve História das Reduções Jesuítico-Guaranis*. São Paulo: Loyola, 2011.

ELLIOT, J. H. *A conquista espanhola e a colonização da América*. In: BETHELL, Leslie (org) *História da América Latina – América Latina Colonial*. SP: Edusp, 2004, v.1, 2º ed.

FAGUNDES, Antônio Augusto. *Os Jesuítas: Assunção e Guairá*. In *Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missionários*. Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1979.

FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos de guaranies*. Buenos Aires: Balmes, 1962.

FERREIRA, Jorge Luiz. *Conquista e Colonização na América Espanhola*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

FRANCA, Leonel. *O Ratio Studiorum dos Jesuítas*. In: MAIA, Pedro (org). *Ratio Studiorum: método pedagógico dos jesuítas*. São Paulo: Loyola, 1986.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. *Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

GARCIA-VILLOSLADA. *Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GUTIERREZ, Ramón. *As Missões Jesuíticas dos Guaranis*. Rio de Janeiro: Unesco, 1987.

IDIGORAS, Jose Ignacio Tellechea. *Inácio de Loyola: a aventura de um cristão*. São Paulo: Loyola, 2001.

JAEGER, Luís Gonzaga. *La Campaña de Jesús en el Antiguo Guairá (1585-1631)* In *Anuário do Instituto Anchietano de Pesquisas*. Porto Alegre: Revista, 1957

JOHNSON, H. B. *A colonização portuguesa do Brasil*. In: BETHELL, Leslie (org) *História da América Latina – América Latina Colonial*. SP: Edusp, 2004, v.1, 2º ed.

KLEINPENNING, Jan M. G. *Paraguay 1515-1870. Uma geografia temática de su desarrollo*. Assunción: Tiempo de História, 2011.

LE GOFF, Jacques. *Uma Longa Idade Média*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LEVENE, Ricardo. *História das Américas*. Vol3. São Paulo: Editora Brasileira, 1965.

MAEDER, Ernesto J. A. *Aproximación a Las Misiones Guaraníticas*. Buenos Aires: Ediciones de la Universidad Católica Argentina, 1996.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 6º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MAIA, Pedro (org). *Ratio Studiorum: método pedagógico dos jesuítas*. São Paulo: Loyola, 1986.

MAINKA, Johann Peter. *O Início da Colonização do Brasil no Contexto da Expansão Marítima Portuguesa (1415-1549)* In: TOLEDO, César Alencar Arnault de: *Origens da Educação Escolar no Brasil Colonial.*, Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas, Oriomar Skalinski Junior (Organizadores). Maringá: Eduem, 2012.

MELIÀ, Bartolomeu. *El Guaraní Conquistado e Reducido*. Asunción: CEADUC, 1993.

MIRANDA, MARGARIDA. *O ratio studiorum e os fundamentos de uma cultura escolar na Europa e no Brasil*. In: TOLEDO, César Alencar Arnault de: *Origens da Educação Escolar no Brasil Colonial.*, Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas, Oriomar Skalinski Junior (Organizadores). Maringá: Eduem, 2012.

MOTA, Lúcio Tadeu e ASSIS, Valéria Soares de. *Populações indígenas no Brasil: histórias, culturas e relações interculturais*. Maringá: EDUEM, 2008.

MOTA, Lúcio Tadeu e NOVAK, Éder da Silva. *Os Kaingangs do Vale do Rio Ivaí: história e relações interculturais*. Maringá: Eduem, 2008.

NEUMANN, Eduardo. *O Trabalho Guarani Missioneiro no Rio da Prata Colonial 1640-1750*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

O'MALLEY, John W. *Os primeiros jesuítas*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2004.

PÉCORA, A. *Cartas à Segunda Escolástica*. In: NOVAES, A. (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.373-416.

PEREIRA, Lupércio Antonio. *A Expansão Marítima Portuguesa*. In *A Expansão ultramarina e a colonização da América portuguesa*/Lupércio Antonio Pereira, Sezinando Luis Menezes, (org). Maringá: Eduem, 2010.

QUADROS, Ezeula Lima de. *A Defesa do Modo de Ser Guarani*. O caso de Caaró e Pirapó em 1628. Porto Alegre: Edigal, 2012.

RABUSKE, Arthur. *Antônio Ruiz de Montoya: Vida e Obra em Geral*, In *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários*. Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1985.

RESENDE, Maria Efigênia Lage; MORAES, Ana Maria. *Atlas Histórico do Brasil*. Belo Horizonte: Vigília, 1987. P. 35.

SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. 16º ed. São Paulo: Atual, 1994.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *A Integração do Prata no Sistema Colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá*. Cascavel: Edunioeste, 2015.

SCHMITZ, Egídio Francisco. *Os Jesuítas e a Educação: Filosofia Educacional da Companhia de Jesus*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut. *Razão de estudos e razão política: um estudo sobre o ratio studiorum*. In: TOLEDO, César Alencar Arnaut de: *Origens da Educação Escolar no Brasil Colonial.*, Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas, Oriomar Skalinski Junior (Organizadores). Maringá: Eduem, 2013.

TUCHLE, Germano. *Reforma e Contra Reforma*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

URE, John. *Dom Henrique: o Navegador*. Trad. de Paulo de Góis Filho. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1975.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.